KRISHNAMURTI PARA PRINCIPIANTES

KRISHNAMURTI

para principiantes

Antologia Básica

Cultrix

Krishnamurti para Principiantes é uma introdução aos ensinamentos de J. Krishnamurti, destinada principalmente aos leitores não familiarizados com a sua obra. Os problemas da vida diária que confrontam todo ser humano e a sua original abordagem a eles constituem a base da seleção dos textos.

Krishnamurti sustenta que a verdade está além das construções da mente humana, além do "conhecido, formulado ou imaginado", e que na busca pela verdade "o primeiro passo é o último". No sentido em que novos começos possuem um significado especial para Krishnamurti, todos somos principiantes na jornada da vida. E, nesse sentido, este livro é destinado a todos.

KRISHNAMURTI
PARA PRINCIPIANTES

KRISHNAMURTI
PARA PRINCIPIANTES

A VERDADEIRA EDUCAÇÃO

-

Antologia Básica

Tradução:

CARLO CORABI

EDITORA CULTRIX
São Paulo

Prefácio

Krishnamurti para Principiantes é uma introdução aos ensinamentos de J. Krishnamurti, destinada primariamente aos leitores não familiarizados com a sua obra. Os problemas da vida diária que confrontam todo ser humano e a original abordagem de Krishnamurti a eles formam a base da seleção de textos.

A Antologia abrange uma variedade de gêneros – palestras públicas, perguntas e respostas, escritos, entrevistas, diários, ditados, cartas, diálogos e discussões – nos quais Krishnamurti expôs sua visão fundamental da vida. Eles se distribuem durante o período mais significativo de seus ensinamentos, de 1948 até 1983.

Krishnamurti sustentou que a verdade está além das construções da mente humana, além do "conhecido, formulado ou imaginado", e que na busca pela verdade "o primeiro passo é o último passo". No sentido em que novos começos possuem um significado especial para Krishnamurti, todos são principiantes na jornada da vida. E neste sentido, o presente livro é destinado a todos.

Um ensaio biográfico faz um retrospecto da infância de Krishnamurti e descreve resumidamente o cenário histórico que deu forma aos seus ensinamentos posteriores. O ensaio procura expor, dentro dos anos de formação de Krishnamurti, a origem criativa de sua vida e filosofia.

Sumário

III Escritos

IV Diários, Ditados e Cartas

V Diálogos e Discussões

Krishnamurti: Os Anos de Formação

Quando Vitória era a Imperatriz da Índia, um menino nasceu em uma das mais remotas províncias de Sua Majestade. O ano era 1895, e o lugar Madanapalle – uma cidade no Distrito de Cuddappah da Superintendência de Madras. O pai do menino, um brâmane telugo de nome Jiddu Narayaniah, ocupava uma modesta posição no Departamento Fiscal do Distrito. A criança foi chamada Krishnamurti (encarnação de Krishna).

Cinqüenta anos antes, Thomas Babbington Macaulay conduziu um debate público sobre o futuro da educação na Índia. A forte sustentação de Macaulay pelo inglês como o meio de instrução foi baseado sobre os ideais de progresso. Comparando a Índia do século 19 com a Europa medieval, Macaulay perguntava retoricamente se os fundos públicos deveriam ser utilizados para ensinar uma tradição em declínio numa língua morta. Para Macaulay, todas as questões da política educacional da Índia reduziam-se a uma única grande escolha: Inglês ou Sânscrito; Newton ou Ptolomeu, Adam Smith ou os *Vedas*; Milton ou o *Mahabharata*; medicina moderna ou medieval; uma Terra em movimento ou o Sol orbitando sobre uma Terra estacionária.

C. E. Trevelyan, arquiteto do serviço civil da Índia e cunhado de Macaulay, formulou os detalhes de um *quid pro quo* imperial:

O povo britânico nada tem a oferecer aos indianos exceto seu conhecimento superior: todas as outras coisas – impostos, honrarias, emolumentos privados – foram tomadas deles, mas ao final a maior parte das vantagens obtidas pelo povo britânico seriam plenamente reembolsadas.

A Índia cederia sua liberdade e recursos materiais em troca de futuros benefícios da cultura e do conhecimento europeus.

Estes vitorianos, homens de temperamento liberal, estavam dedicados aos ideais da razão, progresso, liberdade e perfectibilidade. O país deles havia estado na vanguarda do crescente avanço do pensamento científico e desempenhado um papel principal na Revolução Industrial. Diante deste histórico achariam de pouco ou nenhum valor o resgate das tradições indianas. Macaulay defendia a história do povo britânico desde o início do século 17 ser uma história de "aperfeiçoamento físico, moral e intelectual", não encontrando nada comparável ao progresso na Índia. Trevelyan admitiu que o passado da Índia deve "sem dúvida" ser estudado, mas somente "por razões antiquárias". Esses guardiães do Império eram movidos por um sentido de destino que o laureado poeta vitoriano Alfred Lord Tennyson capturou em seu entusiástico verso:

Não em vão a distância sinaliza,
Adiante, adiante vamos explorar,
Deixe o grande mundo girar sempre
Pelas decisivas e excitantes experiências da mudança

Nem todos concordaram com aqueles que ganharam o dia na defesa da educação ocidental e da língua inglesa na Índia. Alguns, como o eminente orientalista H. H. Wilson, fundador do *Sanskrit College* em Calcutá, acreditavam que o material para uma nova Índia poderia ser encontrado no seu próprio passado. Wilson sustentava que a ciência e o ensino europeus poderiam ajudar a Índia a reconstruir seu passado e por meio disso recuperar suas próprias fontes de "aperfeiçoamento intelectual e moral". Do mesmo modo, advogados e oponentes concordavam

sobre os méritos do método científico e racionalidade ocidentais para o progresso da sociedade. Essa suposição em comum estava implícita tanto no modo de Macaulay contrastar a ciência contemporânea com a doutrina medieval como na decisão de Wilson de introduzir mecânica, hidráulica e ótica no currículo do *Sanskrit College*.

Essa disputa desigual entre a cultura européia e a indiana ocorreu inserida num contexto colonialista, com todas as ambigüidades e tensões inerentes às relações entre um poder dominante e povos por ele subjugados. Porém, a escolha de Macaulay, da modernidade sobre a tradição, persuadiu intelectuais indianos como Raja Ram Mohun Roy de que a cultura européia era a ordem do dia para a Índia.

Os pais de Krishnamurti estavam a grande distância deste debate sobre o quadro maior da Índia. Como brâmanes, eles representavam uma extensa tradição de ensino literário e sacerdotal, mas seu avô e avó, sendo suscetíveis às mudanças, se aventuraram fora dos padrões tradicionais da vida hindu, encontrando emprego na periferia do extenso e ainda estranho mundo de língua inglesa. Apesar disso, mantiveram suas raízes ortodoxas e permaneceram fiéis aos ciclos ritualísticos que reúnem a vida diária de um brâmane com a família, a comunidade e o universo.

A vida doméstica de um típico lar brâmane no século 19 era um mundo fechado, auto-suficiente e completo dentro dos seus ritmos cíclicos. Filhos, em particular, eram envoltos em proteção: cerimônias ritualísticas, presididas por deuses e deusas, e ofereciam-se a eles abrigo aos horrores do desconhecido. Raramente permitia-se que os filhos fossem contrariados. Contaram-nos que um astrólogo foi chamado para traçar o horóscopo de Krishnamurti um dia após seu nascimento, e um grande futuro foi previsto para ele. No seu devido tempo, de acordo com as tradições antigas, Krishnamurti foi iniciado dentro da vida do aprendizado através do cerimonial do desenho do símbolo *Aum* sobre uma travessa de prata coberta com arroz para a ocasião.

Como oficial do Departamento de Receita, o pai de Krishnamurti ficava muito tempo afastado de casa. Sua mãe, Sanjivamma, uma mulher religiosa de temperamento gentil e generoso, era devotada à sua família e ao culto do Senhor Krishna. Com o auxílio de sua filha primogênita, criou um lar afetuoso e devoto para sua grande família de filhos e filhas – outras crianças, incluindo Nityananda, nasceram após Krishnamurti.

O ritual é um direito inato, mas a condição religiosa é uma dádiva distribuída desigualmente entre os membros de uma família. Nitya foi designado para os estudos antes ainda de ter idade suficiente para se matricular na escola, enquanto Krishnamurti, impossibilitado de ir à escola por contrair malária, foi retirado para uma comunidade compartilhada para fins religiosos, criada pela sua devota mãe. Ela lia histórias para ele do *Mahabharata* e do *Ramayana*. Juntos eles subiam o cume de um pequeno morro sagrado e experimentavam visões do Senhor Krishna. Muito posteriormente Krishnamurti desprezou tais visões porquanto produtos do condicionamento – tivesse ele nascido como cristão ele teria tido visões de Jesus. Entretanto, na generosidade do espírito de Sanjivamma era uma lição que Krishnamurti não havia aprendido inteiramente, mas nunca esqueceu completamente. Narayaniah descreveu sua convocação duvidosa no ritual diário de caridade praticado pelos ortodoxos:

> Pela manhã quando mendigos vêm à residência, é nosso costume fornecer uma xícara ou tigela de arroz não fervido e o distribuímos em suas mãos até a xícara ficar vazia. Minha esposa mandou Krishna sair para dar as esmolas, e o pequeno rapaz voltou pedindo mais, dizendo que havia despejado tudo na sacola de um homem. Então sua mãe foi com ele e ensinou-o como distribuir a cada um.

Uma fotografia de Krishnamurti aos dois anos de idade mostra uma criança de olhos claros, extrovertida, atraída pela câmera com um afetuoso olhar atento. A criança tornou-se um rapaz bondoso e generoso que era freqüentemente acometido por malária e tinha dificuldades com as aulas escolares. Ele não conseguia acompanhar as lições ou adaptar-se às aulas e freqüentemente era maltratado pelos seus professores.

As memórias mais felizes do começo da vida de Krishnamurti concentram-se em torno de sua mãe. Mas esse período de vida de segurança familiar terminou com a perda tanto de sua mãe como de sua querida irmã quando ele tinha apenas dez anos de idade. "A morte de minha mãe em 1905 privou meus irmãos e mesmo eu de quem mais nos amou e cuidou, e meu pai estava muito ocupado para nos dar atenção", escreveu Krishnamurti oito anos após o ocorrido, acrescentando "realmente não havia ninguém para tomar conta de nós."

❖

A religião é um dos maiores mistérios dos impulsos humanos. Etimologicamente a palavra deriva de uma raiz que significa "ligar". Num nível, a religião liga o homem e a mulher à uma comunidade toda. Num outro nível, ela os liga a um princípio divino, como os rituais sagrados marcam grandes acontecimentos da vida: o nascimento, o ingresso na fase adulta, o casamento e a morte. Emoções sentidas nestas ocasiões podem ser repartidas pela comunidade, exteriorizadas, e em momentos decisivos da vida um sentimento de unidade compartilhada pode sobrepujar a sensação de isolamento da pessoa. Músicas religiosas, mitos e rituais podem expressar memórias coletivas de ansiedades, triunfos, medos e esperanças. Padres desconhecidos, poetas e artistas têm contribuído para esta tradição. Credos e crenças codificadas caracterizam um estágio nas religiões na medida em que eles buscam estender seus limites e trazer novos convertidos para o rebanho.

Vinte anos antes do nascimento de Krishnamurti, um movimento chamado Teosofia foi iniciado na América num espírito de reação contra o materialismo e o humanismo científico contemporâneo. Sua fundadora, uma clarividente russa chamada Helena Petrovna Blavatsky, vigorosamente negava a evolução dos seres humanos a partir dos macacos e acusava o Cristianismo de distorcer a mensagem do Cristo. Ela prometeu uma "síntese da ciência, religião e filosofia" baseada na aplicação dos poderes da clarividência em explorar "os mistérios ocultos da natureza e os poderes ocultos do homem".

Embora Blavatsky discordasse intensamente da versão da evolução de Darwin, a idéia de progresso evolucionário tão dominante no final do século 19 ressoou através do seu pensamento, o qual ela expressou no seu próprio vocabulário pseudocientífico. Ela considerava a vida humana um estágio numa progressão "ascendente" de um plano "terrestre" para um plano "celestial", e estava confiante que a verdade científica, o passado e o futuro estavam inteiramente abertos ao exame clarividente. Nas palavras de um seguidor:

> Nós descobrimos que enquanto existem estágios definidos no começo da evolução – vegetal acima do mineral, o animal acima do vegetal e o humano acima do animal – do mesmo modo o reino humano tem um final definido, um limite no qual ele se transforma num reino distintamente mais elevado do que ele próprio, de modo que além dos homens existem os Super-homens.

Blavatsky adotou muito livremente material budista, hinduísta e de muitas outras fontes. Carma, renascimento e libertação da escravidão, todas figuram nos seus escritos junto com guias espirituais para conduzir o caminho à liberdade. Um verdadeiro mestre espiritual, de acordo com sua doutrina, era:

> Um homem de profundo conhecimento, exotérico e esotérico, especialmente o último, e um homem que buscou este conhecimento mundano subjugando o desejo; que desenvolveu em si próprio tanto o poder (sidi) para controlar as forças da Natureza como a capacidade de aprofundar em seus segredos através do auxílio dos outrora latentes, mas agora ativos poderes do seu ser.

– isto é, uma pessoa que está aparelhada para desafiar a autoridade tanto da religião dogmática como da ciência materialista nos seus próprios domínios, pelo exercício da vontade e com o auxílio dos poderes ocultos.

Em 1882 Blavatsky mudou a sede da Sociedade Teosófica para a Índia porque, na doutrina Teosófica, o Himalaia havia sido a casa dos Mes-

tres mais poderosos. Uma ampla propriedade rural foi escolhida nas cercanias da cidade de Madras. Suas terras eram exuberantes com frondes de coqueiros e dos veneráveis banianos (figueiras-de-bengala); elas eram limitadas pelo rio Adiar por um lado e pela Baía de Bengala do outro. No curso do tempo, muitos santuários, templos, igrejas e mesquitas, moldados no caráter eclético da Teosofia, foram construídos dentro da propriedade.

A presença da Sociedade no solo hindu era como uma janela com muitas perspectivas. As classes altas indianas, súditas de um mundo parcialmente anglicizado, que haviam visto sua religião e suas artes desprezadas, e que haviam aprendido a medir sua própria cultura através de padrões de comparação estrangeiros, encontraram nas doutrinas da Sociedade uma atraente visão do seu próprio passado, livre de seus elementos arcaicos e provincianos, fazendo-os cosmopolitas, contemporâneos e, portanto, íntegros. Elas foram atraídas em grande número para o rebanho da Sociedade. Missionários cristãos ficavam espantados ao ver europeus atraídos por crenças das próprias colônias que eles foram encarregados de converter. O governo, receoso de qualquer coisa que pudesse encorajar o sentimento nacionalístico, compartilhava a apreensão dos missionários. Hindus ortodoxos também desaprovaram o novo movimento, o qual consideravam uma degradação de sua antiga tradição.

Construir um novo movimento religioso envolve uma reunião em grande escala de mitos, rituais e um senso de comunidade que não são fáceis de mobilizar numa breve instrução. Entretanto, próximo dos anos finais do século 19, quando a ressurgente Europa trouxe uma grande e diversa multidão de pessoas sob a proteção colonial, um nicho se abriu para um movimento capaz de estabelecer elos entre culturas distintas – ocidental e oriental – e entre ciência e religião. O projeto Teosófico de reunir estas diferentes esferas numa fraternidade unificada e pacífica atraiu um grande número de membros por todo o mundo.

Annie Besant era uma dos que estavam à frente da Teosofia na busca destes ideais. Antes de se unir ao movimento, a Sra. Besant havia tra-

balhado para quase todos os movimentos sociais radicais na Inglaterra: ela havia lutado pela defesa dos direitos da mulher, pelos livre-pensadores e pelos sindicatos do comércio, e foi durante algum tempo membro ativo do Conselho Escolar de Londres (*London School Board*). Quando chegou, em 1879, fascinada por Helena Blavatsky, sua atenção se voltou para a Índia e conseqüentemente mudou-se para Benares, o grande centro da ortodoxia e ensino hindu – uma mudança intrépida para uma mulher européia. Em Benares ela começou devotando considerável energia para recriar uma nova cultura a partir dos tesouros do passado da Índia. Com o auxílio de estudiosos do sânscrito, ela publicou uma tradução do *Bhagavad Gita*, e fundou escolas e colégios em várias regiões do país.

A Sra. Besant era a presidente da Sociedade Teosófica ("ST") quando Narayaniah, o pai de Krishnamurti, recentemente aposentado do serviço governamental, ofereceu-se para trabalhar para ela como escriturário, em troca de alimento e acomodação. Em 1909 Narayaniah trouxe seus três filhos, um sobrinho e uma tia muito idosa para viverem num chalé muito pequeno, do lado de fora da área do complexo da ST. Ele matriculou Krishnamurti e seu filho mais jovem, Nitya, numa escola pouco distante dali, em Milapore.

Um dia, na cidade de Adiar, os dois rapazes chamaram a atenção de C. W. Leadbeater ("CWL"), um associado da Sra. Besant na Sociedade Teosófica. Leadbeater sentiu algo singular no jovem Krishnamurti, que mais tarde ele descreveu como "uma aura sem nenhum traço de egoísmo". Ele escreveu para a Sra. Besant, que estava na Europa naquela ocasião, contando sobre Narayaniah e sua família de rapazes bem-comportados, e relatando que numa pesquisa havia descoberto que Krishnamurti "possuía um passado de muita importância, indicando uma evolução muito maior do que seu pai, ou na verdade maior do que qualquer outra pessoa presente na Sede – uma série de vidas até mesmo melhores que as de Hubert". Esta era uma comparação impressionante porque os Teosofistas estavam ativamente à procura de um Messias, e Hubert (van Hook) era um rapaz americano que naquela época já estava sendo preparado como principal candidato para aquela posição.

A vinda de um Messias havia sido prevista dentro de várias tradições religiosas. Numa das passagens mais famosas do *Bhagavad Gita*, o Senhor Krishna utiliza estas palavras para anunciar sua própria reaparição em cada época do mundo:

> Quando a reta conduta é destruída e o mal está em ascensão, então eu reencarno a fim de salvar o bem, destruir o mal e restabelecer a retidão.

O Judaísmo, o Budismo, o Cristianismo e algumas seitas dentro do Islamismo têm ensinado que um dia o Messias apareceria para salvar o mundo das trevas. Sob a direção da Sra. Besant, a Teosofia desenvolveu sua própria doutrina messiânica, e em pouco tempo o jovem Krishnamurti foi escolhido como um potencial "veículo" para sua realização.

A doutrina Teosófica, forjada ecleticamente a partir de diversas tradições religiosas, estabeleceu no devido curso a crença de que se Krishnamurti fosse preparado adequadamente, o Senhor Maitreya ou o futuro Buda se manifestaria em seu corpo, e a Sociedade tratou de preparar o mundo para este acontecimento.

O interesse de Leadbeater no misticismo oriental coexistiu com a natureza dominadora e as fortes implicações colonialistas. Uma paixão por empreendimentos elevados e um forte talento imaginativo influenciaram de tal modo sua lembrança que os acontecimentos em sua própria vida sempre pareciam tornar-se mais fabulosos a cada nova versão. Ele era considerado um perito nas práticas esotéricas, incluindo a leitura de "auras" e a descrição de "vidas passadas".

Logo após seu primeiro encontro, CWL pediu a Narayaniah para trazer Krishnamurti para o seu bangalô. Sentando o jovem menino ao lado dele num sofá, ele dramaticamente colocou uma mão sobre sua cabeça e começou a narrar detalhadamente uma série de histórias de façanhas e auto-sacrifícios intrincadamente elaboradas, nas quais a figura central era Alcione – um nome codificado para Krishnamurti. Estas intrincadas narrativas foram mais tarde transcritas e publicadas sob o título *The Lives of Alcyone* [*As Vidas de Alcione*]. A Sra. Besant e outros Teoso-

fistas apareceram nestas narrações de formas modificadas, adaptadas para vários períodos da história, sobre a Terra e sobre vários outros planetas. Leadbeater organizou uma leitura do livro num terraço aberto para uma agitada e maravilhada audiência.

Tendo envolvido Krishnamurti com uma série inteira de vidas anteriores, CWL fez todo o esforço possível para dissuadir o menino da vida na qual havia nascido, sua família e seu deteriorado chalé, externo à propriedade da Sociedade Teosófica. Ele começou persuadindo Narayaniah a tirar seus filhos da escola de Milapore "onde eles estão sendo açoitados por um professor que deveria estar vendendo cordões de sapato" e a colocá-los a cargo de um pequeno grupo de professores europeus sob sua supervisão pessoal. Os meninos foram vestidos com roupas novas e alimentados de uma maneira que seu pai com sua escassa pensão não poderia proporcionar. Os nós brâmanes foram cortados e os cabelos crescidos até a altura dos ombros, escovados para trás e partidos ao meio. Foram ensinados a andar de bicicleta e a jogar. Toda manhã Leadbeater perguntava a eles: "Bom, do que vocês se lembram das nossas atividades durante a noite?" Timidamente, num inglês imperfeito, eles davam seu relato, e CWL acrescentava algum detalhe interessante "do plano astral".

A Sra. Besant foi apresentada a Krishnamurti em novembro de 1909. Menos de um mês mais tarde ela iniciou Krishnamurti e Nityananda dentro da Seção Esotérica, um grupo interno da ST destinado para os eleitos, que deviam declarar um juramento de obediência a ela e se comprometerem incondicionalmente à Vinda do Instrutor do Mundo. Aqueles que não aceitavam a idéia – e havia muitos que não a aceitavam – eram encaminhados para turmas probatórias. Simultaneamente, a Sra. Besant impôs a idéia de uma Via Espiritual com cinco estágios de graduação indo do Iniciado ao Adepto como escala principal; nela, os membros deveriam ser classificados. A autoridade para decidir quem ocupava cada nível espiritual no Caminho residia nela e em CWL.

Sob o comando de Leadbeater, a Sra. Besant persuadiu Narayaniah a permitir que os meninos permanecessem num quarto próximo ao dela,

onde ela poderia ler em voz alta para eles e instruí-los no inglês corrente. Logo depois disso CWL organizou uma "grande audiência com os Poderes Ocultos", durante a qual Kuthumi, um dos Mestres da Teosofia, apresentou Krishnamurti ao Senhor Maitreya como um candidato que procura obter a admissão na "Grande Fraternidade". Com Kuthumi como seu Mestre e com Leadbeater e a Sra. Besant como guias no "caminho de ascensão", Krishnamurti tornou-se um noviço no caminho espiritual. Krishnamurti descreveu sua introdução nestes mistérios numa carta a Sra. Besant:

> Então o Senhor falou a mim pela primeira vez: – "Você, da sua própria parte, ama estes dois irmãos de modo a submeter-se contente a sua orientação?" E naturalmente eu respondi: – "Eu os amo de verdade com todo o meu coração." Ele perguntou: – "Você deseja então se unir à Fraternidade a qual existe desde a eternidade até a eternidade?" E eu disse: – "Eu desejo me unir quando estiver preparado para isso." Ele perguntou: – "Você sabe o objetivo desta Fraternidade?" Eu respondi: – "Realizar o trabalho do Logos pela salvação do mundo." Então ele respondeu: – "Você prometeria a si mesmo devotar toda a sua vida e todo o seu empenho daqui em diante a este trabalho, esquecendo absolutamente de si mesmo pelo bem do mundo, fazendo da sua vida inteiro amor, como Ele mesmo é inteiro amor?" E eu respondi: – "Eu prometo, com a ajuda do Mestre." Ele continuou: – "Você promete manter segredo daquelas coisas que a você for dito para manter segredo?" E eu disse: – "Eu prometo."

Nesta cerimônia Krishnamurti, o defensor da liberdade e da investigação, estava sendo comprometido com seus virtuais opostos – submissão e segredo. No ano seguinte ele foi destinado chefe de um grupo de estudos que logo se transformou numa organização internacional, a Ordem da Estrela do Oriente (*The Order of the Star of the East*), a peça central de um rico contexto o qual a Sra. Besant e CWL estavam erigindo ao redor dele. George Arundale descreveu o novo culto Messiânico deles em termos veementes:

> Vocês conhecem o nível atingido pelo nosso Dirigente – para os membros do nosso Grupo, ela e o Sr. Leadbeater representam para nós os ideais de vida no mundo, e quanto mais acreditarmos e os seguirmos mais rápido faremos progresso e o serviço melhor renderá [...] Nós estamos face a face com o período mais excitante do mundo, um período que ocorre apenas uma vez a cada alguns milhares de anos; nós estamos vivendo no centro – no exato centro no que diz respeito ao Grupo – de todos os preparativos que devem preceder o ponto central do período; nos encontramos com membros encarnados da real Fraternidade a quem dois mil anos atrás teríamos chamado de Apóstolos; temos João Batista e outros discípulos dos amados Rishis.

Todo esse exagero não tinha nenhum efeito visível sobre o próprio Krishnamurti. De acordo com Wodehouse:

> Nós éramos pessoas adultas, pedagogos, e com alguma experiência sobre a juventude. Não havia qualquer traço nele de vaidade ou afetação, ou qualquer pose como "criança santa", ou presumida autoconsciência; nós indubitavelmente teríamos dado uma opinião contrária.

Krishnamurti em geral foi um estudante flexível, ansioso para agradar, mas havia uma indiferença nele e alguma incerteza – seu olhar vago – que enfurecia Leadbeater. Uma vez, quando Krishnamurti olhava fixamente no espaço com sua boca completamente aberta, CWL perdeu o controle e lhe bateu. Isso foi um ponto crítico para o jovem rapaz, e sua relação com Leadbeater nunca mais foi a mesma. Ele jamais se permitiu ficar com a boca aberta, e, mais importante, uma consciência reflexiva e crítica se apoderou dele. Na velhice, rememorando seus quatorze anos de idade, Krishnamurti se descreveu como um rapaz com uma *persona* vazia, arrebatado no mundo: "Estava tudo ali: a praia, as conchas, os catamarãs; ele estava *lá*." Ele achou que CWL, carente da sensibilidade de uma pessoa verdadeiramente religiosa, não havia notado algo importante sobre o jovem rapaz; talvez uma chave para sua singularidade situava-se justamente nessa qualidade de incerteza – um espaço dentro de sua consciência, um vazio que mais tarde foi conhecido como a mente silenciosa.

Narayaniah se opôs aos esforços de CWL de imergir os dois rapazes em práticas esotéricas e arrancá-los de sua família e raízes culturais. Não era segredo que alguns anos antes CWL havia sido acusado da conduta imprópria, e no escândalo resultante foi obrigado a se retirar da Sociedade Teosófica por algum tempo. Nessas circunstâncias, com a ajuda de hindus ortodoxos de Madras, Narayaniah abriu um processo judicial reavivando aquelas antigas acusações e reclamando a custódia de seus dois filhos, com o pretexto de que a Sra. Besant violou seu acordo permitindo que os rapazes ficassem sob a tutela de CWL.

A Sra. Besant argumentou eloqüentemente sua própria defesa, mas perdeu a custódia, ainda que as acusações contra Leadbeater não fossem confirmadas. Ela ingressou com uma apelação junto ao Conselho Privado e então removeu os rapazes para a Inglaterra antes que um novo veredicto pudesse ser baixado. Dessa maneira terminava o primeiro período da vida de Krishnamurti – um período em que um menino ambíguo e disperso, com um sentido de personalidade não bem definido, foi retirado de seu meio tradicional e preparado para ser o Instrutor do Mundo.

A essa altura pode ser útil contrastar as atitudes da Sra. Besant com Krishnamurti e o culto do Instrutor do Mundo com aquelas de Leadbeater. Muito embora a Sra. Besant confiasse em CWL e ainda que houvesse entre eles uma divisão pública notadamente pequena, cada um via o papel de Krishnamurti por uma perspectiva diferente.

Leadbeater era um homem que se fez por esforço próprio, num sentido particular do século 19. Como John James Audubon e *Sir* Henry Stanley, homens de grande energia mas modesta posição social, ele reinventou sua própria vida com muita imaginação e um considerável talento. Na Europa do final do século 19, a invenção de vidas havia se tornado uma forma altamente desenvolvida de arte. CWL era eminentemente hábil neste gênero, e Krishnamurti como Messias era sua obra-prima.

A Sra. Besant era uma figura pública inteiramente engajada no amplo quadro político do movimento de libertação da Índia, que incluía Bernard Shaw, H. G. Wells e Mahatma Gandhi entre seus amigos. Ela não buscava realização pessoal por meio da Teosofia. Se Krishnamurti era para ser o Instrutor do Mundo, ela faria o máximo para protegê-lo, para educá-lo, para supri-lo com habilidades intelectuais e modos elegantes que imporiam respeito. Sua irresistível preocupação era cercá-lo com discípulos dignos, que o respeitariam e cuidariam dele. Embora Krishnamurti discordasse dela, nunca questionou sua autenticidade e a sinceridade de seus sentimentos com respeito a ele.

A autoridade de Leadbeater derivou muito da sua prática de específicas, e freqüentemente implausíveis e detalhadas, "instruções dos Mestres". Sobre a autoridade do Mestre Kuthumi foi "dito":

> para civilizá-los; para ensiná-los a usar colheres e garfos, cortadores de unhas e escovas de dentes, sentarem-se à vontade em cadeiras ao invés de se agacharem no chão, dormirem racionalmente sobre uma cama, não num canto como um cachorro.

Estas instruções de comportamento civilizado identificavam-se com os modos europeus, em particular com o estilo e maneiras da classe alta da sociedade inglesa. Ainda que o conhecimento moderno lance dúvida sobre a própria pretensão de Leadbeater à posição social, muitos indianos, americanos e membros da aristocracia russa deste período compartilhavam sua elevada apreciação pela alta-roda inglesa. E CWL havia recomendado com insistência à Sra. Besant para enviar os rapazes para a Inglaterra mesmo antes que a batalha da custódia proporcionasse suas próprias razões para aquela mudança.

Com esse modelo colonial em mente, um percurso adequado de estudo foi esboçado para os dois irmãos. Eles deveriam ser instruídos para o ingresso em grandes universidades inglesas. Seus lóbulos perfurados das orelhas deveriam ser costurados. Eles aprenderam a usar sapatos que

machucariam seus pés, a fazer corridas através de bosques, campos e trilhas, e a comer cafés da manhã de mingau de cereais e ovos que encontrariam dificuldade para digerir. Eles deveriam ter lições de equitação, velejar barcos em *Kensington Gardens* e jogar críquete em gramados cuidados manualmente, durante as longas tardes de verão até o ocaso tardio. Eram levados ao teatro, a jogos de críquete e ao Zoológico de Londres. Eram arrumados com elegantes roupas da alfaiataria *Savile Row*. A esposa de Earl e uma filha de Viceroy ajudaram a cuidar dos dois rapazes e a relacioná-los com a sociedade aristocrática.

A Inglaterra à qual Krishnamurti foi introduzido estava abandonando a afetação da era vitoriana. A prosperidade ampliando-se ajudou a promover uma cultura liberal, progressista e intelectualmente brilhante. Ainda que forças bárbaras de destruição logo fossem postas em posição de disparo, na Primeira Guerra Mundial, existia um sentimento no ar de "que os seres humanos realmente poderiam estar na iminência de se tornarem civilizados". Essas esperanças por uma "sociedade que seria livre, justa, civilizada, perseguindo a verdade e a beleza" eram inspiradas em parte pelos ideais socialistas de igualdade e justiça e alimentadas pelos escritos políticos de Bernard Shaw, H. G. Wells, Sidney e Beatrice Webb, membros da Sociedade Fabian (organização socialista fundada na Inglaterra em 1884) e amigos da Sra. Besant. Os filósofos Bertrand Russell e G. E. Moore, os escritores Virginia e Leonard Woolf, T. S. Eliot e E. M. Forster, estavam todos reivindicando o que sentiam sobre as antiquadas convenções vitorianas. Em outra parte da Europa, sentimentos que anteriormente estavam sendo elaborados para uma vida futura, agora começavam a ser dirigidos contra a estrutura social.

Apesar de Krishnamurti ter passado os nove anos seguintes na Europa, não foi seduzido por esses novos movimentos intelectuais e nem atraído pelos movimentos correntes nas artes e literatura. Ao contrário dos românticos estudantes revolucionários daquela época, Krishnamurti permaneceu como um espectador, mais em termos humanos do que ideológicos, testemunhando os horrores da Primeira Guerra Mundial, a perigosa promessa da revolução russa e a euforia da paz sobre a Liga das Nações.

O mundo de Krishnamurti inicialmente parecia girar em torno de seus tutores C. Jinarajadasa e George Arundale, antigos Teosofistas e associados próximos da Sra. Besant e de CWL, os quais haviam sido persuadidos a interromper seus próprios trabalhos acadêmicos a fim de orientar Krishnamurti para os exames de ingresso na Universidade de Oxford. Estes dois foram mais tarde substituídos por uma sucessão de outros tutores que se esforçaram em vão para Krishnamurti aplicar-se em Matemática, História das Idéias ou Teoria Política – todos os esforços inúteis. Seu jovem estudante não tinha absolutamente aptidão para os exames. O fermento criativo na Europa e questões envolvendo as melhores mentes da época, não causavam qualquer impacto nele. Nada parecia firmar-se na sua mente. Mas tinha um bom ouvido para línguas e amava poesia. Desse modo, com Oxford fora do alcance, foi enviado a Paris para aprender francês e estudar música.

Krishnamurti era um jovem homem afável, elegantemente vestido, tímido, mas cheio de uma alegria pueril quando estava à vontade. Debaixo deste atraente exterior havia um jovem observador da condição humana que questionava muitas coisas, inclusive o papel que havia sido confiado a ele e a pompa e cerimônia que isso trazia. Seu retrato revela um jovem homem de aparência extraordinariamente romântica, que olhava distante fixamente – desligado, um pouco desorientado, como se não estivesse no seu devido lugar, e nem com a confiança e a segurança de uma pessoa que sabia seu lugar no mundo.

❖

A resistência a Leadbeater e ao seu plano havia se tornado evidente em Krishnamurti aos 18 anos de idade, mesmo enquanto o processo de custódia de seu pai estava em curso. Numa carta para CWL ele escreveu:

> Eu penso que agora é a hora que deveria assumir minhas obrigações com minhas próprias mãos. Eu sinto que executaria melhor as instruções dos Mestres se eles não me forçassem e causassem aborrecimento como tem

> sido por vários anos [...] Eu não tenho recebido qualquer oportunidade de sentir minhas responsabilidades e tenho sido conduzido quase como um bebê.

Por volta de 1920 Krishnamurti tinha dúvidas sobre a aplicabilidade da Teosofia aos problemas humanos. Mencionando o caso de uma jovem conhecida que perdeu alguém que amava, ele escreveu:

> Quando um momento muito crítico chega, a Teosofia e todos os seus inumeráveis livros não ajudam. Ela quer ver os Mestres fisicamente ou mentalmente e não acredita no que A. B. e CWL disseram; de fato, ela sente o que nós (Nitya e eu) temos sentido nos últimos dois ou três anos [...] Eu tentei persuadi-la a não despertar poderes ocultos e todo esse tipo de coisa, mas ela está ansiosa por isso.

Após uma década de treinamento para ser o Instrutor do Mundo, Krishnamurti viu que as doutrinas esotéricas e os poderes ocultos da Teosofia não tinham poder algum de cura a oferecer a essa jovem mulher em seu "momento mais crítico" – entorpecida por um infortúnio prematuro e agora desolada pela recente perda. Sem ser capaz de oferecer uma alternativa eficaz naquele momento, Krishnamurti sentiu-se desolado. Mas uma convicção estava crescendo – que a religião devia dirigir-se diretamente à condição humana do sofrimento. Esta convicção não estava baseada numa ideologia ou descoberta da filosofia, mas sobre uma percepção intuitiva que ele carregou interiormente como uma pedra de toque.

Após nove anos na Europa, Krishnamurti havia perdido contato com suas tradições nativas sem encontrar qualquer substituto para elas no Ocidente. E o mundo oculto não sustentava qualquer encanto para ele. No inverno de 1921, então com 26 anos, ele retornou à Índia para uma breve parada de viagem na rota para a Austrália. Acompanhando-o nesta longa jornada estava Nitya, em declinante saúde por causa de uma tuberculose progressiva.

Em Madras, para dirigir-se à Convenção Teosófica anual, Krishnamurti fez o que deve ter sido a última visita à casa de seu pai. O encontro

não foi um sucesso. Existem relatos conflitantes sobre o que realmente ocorreu, mas tendo se prostrado aos pés de seu pai da forma tradicional, Krishnamurti foi embora convencido de que Narayaniah sentiu-se contaminado pelo toque de seus filhos "estrangeiros". Tendo se tornado um homem sem história e sem direção, no começo de 1922, Krishnamurti buscou refúgio em Ojai, Califórnia, num vale remoto com um clima seco e uma atmosfera tranqüila, na qual Nitya poderia se recuperar e ele poderia meditar e estudar.

Iniciou então um significativo ano em sua vida. A pessoa que se sentou sobre a sombra de uma aroeira em Ojai, "feliz além de toda a felicidade humana", era completamente diferente daquele jovem homem entediado que havia sido arrastado de uma parte à outra da Europa, reprovando um exame após outro. Durante aqueles anos anteriores ele podia ter sentido vislumbres ocasionais do seu destino, mas a partir de agora estava certo do sentido de sua vida e o perseguiria sem hesitação.

Um ano antes ele havia escrito para um amigo: "Não conheço a filosofia da minha vida, mas *terei* uma... Eu devo encontrar a mim mesmo, *só* então poderei ajudar os outros." Mesmo muito depois da grande experiência que estava prestes a tragá-lo, muito depois que sua filosofia estivesse completamente desenvolvida, ele conservou o sentimento de que a vida é um mistério e nosso lugar nela era uma descoberta para cada um de nós realizar de maneira nova.

Nosso conhecimento do que aconteceu em Ojai entre agosto de 1922 e março de 1923 está em grande medida baseado nas anotações de Nitya e nas cartas que os dois irmãos escreveram para a Sra. Besant e CWL. Nitya sentiu que estava testemunhando rituais sagrados nos quais poderes invisíveis estavam preparando o corpo do seu irmão para receber o Senhor Maitreya – como se o que Leadbeater previu em 1909 finalmente estivesse se tornando verídico.

Não é muito fácil para os leitores modernos compreender a transformação que ocorreu em Ojai. Semelhante ao aturdido Nitya, nós que não podemos alcançar esses acontecimentos por meio de nossa própria

experiência, poderíamos naturalmente tentar transmiti-los utilizando o vocabulário tradicional retirado do Ioga ou do Budismo *Mahayana*. No presente contexto, entretanto, parece melhor suspender o julgamento sobre o significado metafísico daqueles acontecimentos e focalizar sobre a sua importância na vida de Krishnamurti.

O "processo", como Nitya o chamou, ocorreu em períodos distribuídos por muitos meses durante 1922 e 1923. Aquilo que parecia ser uma provação fisicamente dolorosa era pontuado por visões de grande beleza e momentos de evidente claridade.

Imediatamente após chegar ao Vale de Ojai, Krishnamurti começou a meditar regularmente e sem dificuldade. Então teve origem uma dor, ao longo do pescoço, que durante as semanas seguintes aumentou intensamente e deslocou-se para várias partes do seu corpo. Ela concentrava-se principalmente na espinha, atrás dos olhos e no topo da cabeça.

Nitya olhava atentamente seu irmão tremer, se contorcer em agonia e freqüentemente desmaiar. Ele o escutou falar em diferentes línguas. Algumas vezes ouvia a voz de uma criança nervosa expressando medo de que "Krishna" poderia ir embora e nunca mais retornar. Em outras ocasiões, Nitya escutou a voz de "um desconhecido protetor", e suas anotações registram uma parte da conversação "com as forças invisíveis". Às vezes ele ouvia essas vozes resultando em incoerências; em outras vezes Krishnamurti parecia estar revivendo acontecimentos passados. Nitya observou-o revisitar a cena da morte de sua mãe, ver Narayaniah cobrir sua face com seu dotim e chorar. Em seguida a voz tornou-se pessoal – uma criança lamentando-se na sua esquecida língua materna.

Krishnamurti não poderia explicar o que estava lhe acontecendo; ele freqüentemente caía inconsciente durante o "processo" e mais tarde não se recordava do que havia ocorrido. Mas um registro claro, em suas próprias palavras, sugere como este "processo" transformou sua consciência. Numa carta à Sra. Besant, ele começa simplesmente dizendo: "Eu tive a mais extraordinária experiência." A carta continua:

> Havia um homem reparando a estrada; aquele homem era eu mesmo; a picareta que ele segurava era eu; a própria pedra que ele estava quebrando era parte de mim; a tenra folha de grama era meu próprio ser e a árvore junto ao homem era eu. Eu quase podia sentir e pensar como o operário da estrada, e podiá sentir o vento passando através da árvore e até sentir a pequena formiga sobre a folha de grama. Os pássaros, a poeira e o próprio barulho eram partes de mim [...] Eu estava em todo o lugar, ou melhor, todo lugar estava em mim, animado ou inanimado, a montanha, o verme e todas as coisas vivas.

Esta passagem descreve uma personalidade dissolvendo-se em comunhão com o que está "ali fora". Essa empatia profunda, em que sujeito e objeto se misturam, foi um aspecto permanente do caráter de Krishnamurti já implícito no "vazio" de sua infância. Entre esta empatia inata e sua plena expressão na afirmação "Você é o mundo" assentava-se o desenvolvimento dos principais *insights* de Krishnamurti. Ele tinha que estudar porque sua profunda e permanente empatia não era uma parte essencial da consciência humana cotidiana, e tinha que descobrir uma resposta efetiva para esse fato. A carta de Krishnamurti prossegue descrevendo uma penetrante tranqüilidade:

> Dentro de mim havia a calma do fundo de um profundo e insondável lago. Como o lago, eu sentia que o meu corpo físico com sua mente e emoções poderia agitar-se na superfície, mas nada, absolutamente nada, poderia perturbar a calma da minha alma.

Há indícios cada vez mais confiáveis de que, em certo sentido, ele correspondeu às expectativas da Sra. Besant:

> Eu vi a Luz. Eu toquei a compaixão que cura toda a dor e o sofrimento; não é para mim mesmo, mas para o mundo [...] Nunca mais estarei na escuridão, eu vi a gloriosa e curadora Luz [...] Eu bebi da fonte da felicidade e da eterna Beleza. Eu estou inebriado por Deus.

Nesta mesma época ele escreveu uma apologética carta a CWL, prometendo um renovado compromisso com a Teosofia e declarando que seu futuro trabalho se fundamentaria em servir "os Mestres e o Senhor".

Apesar desta declaração de obediência, Krishnamurti nunca permitiu que sua experiência espiritual se convertesse no princípio básico de nenhuma ortodoxia religiosa. Nem viveu com ela como uma memória dissonante, desafinada com a vida diária. O resíduo da mesma em sua consciência era o "espaço silencioso" no qual tudo o que não correspondia à verdade podia ser retido e examinado, onde tudo o que não concordava com o amor podia ser extinguido. Esse silêncio encontrava aplicação na vida diária, não em algum outro mundo; ele promovia a compreensão aberta, não o poder oculto.

Enquanto isso, o "processo", com seu sofrimento físico, seus deslocamentos da personalidade, suas visões beatíficas e tranqüilas revelações, continuou durante muitos meses, através dos oceanos e dos continentes, enquanto os irmãos viajavam ao redor do mundo. Nitya não podia compreender o que estava acontecendo com seu irmão, nem o próprio Krishnamurti compreendia as implicações a longo prazo das mudanças que estavam ocorrendo na sua própria consciência. Em termos Teosóficos, pensaram primeiramente que o processo poderia levar a ampliar a clarividência ou a um "conhecimento de primeira mão" das verdades ocultas. Mas não foi isso o que ocorreu. O que aconteceu foi um aprofundamento daquele "espaço silencioso", o qual agora havia se aberto numa manifestação que não era um acontecimento isolado, mas um estado no qual Krishnamurti "afluía" com naturalidade.

Consternado pelo sofrimento do seu irmão, Nytia recorreu a Leadbeater para que o orientasse – e curiosamente o achou esquivo, até cético. Da Austrália, CWL escreveu que Krishnamurti havia passado agora pela sua "Terceira Iniciação", mas que ele próprio tinha passado sua quarta iniciação anteriormente, com nenhum dos efeitos físicos colaterais do "processo" ocorrido em Ojai. Preocupado com esses acontecimentos, talvez suspeitando que "poderes sombrios" poderiam ter se

apoderado de seu antigo protegido, CWL secretamente enviou uma de suas médicas da ST a Ojai para um relatório. Infelizmente nenhum registro deste relatório foi conservado.

❖

CWL publicou *Os Mestres e a Senda* em 1925. A metáfora central deste livro, o caminho espiritual, aparece em muitas religiões do mundo. Uma de suas mais belas representações é encontrada na Estupa de Borobudur, na qual um caminho físico ascende gradualmente em espiral para simbolizar o longo caminho espiritual da vida e do renascimento. Frisos esculpidos ao longo desta via ilustram a longa jornada de Subandhu para a iluminação. Em imitação daquela antiga jornada, os peregrinos são levados ao cume pelas cenas da vida de Buda e seus numerosos atos virtuosos; e ao longo desta via passam pelas imagens dos Bodhisattvas, seus guias ao longo do caminho espiritual de sofrimento e libertação.

As tradicionais escolas de pensamento da Índia podem ser classificadas conforme sustentam a iluminação ser um processo imediato ou gradual. Nagarjuna, de um lado, era um filósofo do "salto", enquanto que o *Yoga Sutra* de Patanjali busca a iluminação por um caminho gradual. Os quatro estágios de ascensão reconhecidos por Leadbeater situam sua versão da Teosofia numa posição intermediária entre estas duas alternativas tradicionais.

A impressão que captamos do jovem Krishnamurti na Europa, trabalhando juntamente com pequenos grupos de instrução espiritual, revela-o já se distanciando de uma filosofia de "senda" na direção de uma filosofia envolvendo um "salto", mais adequada ao seu temperamento e à sua compreensão da condição humana. Ele exortava seus jovens discípulos a valorizarem a abnegação, o amor e a simpatia, a "darem um salto no escuro... viver perigosamente..."; era "muito fácil" e "tão divertido mudar". Enquanto a Teosofia havia prometido uma evolução do espírito, o ensinamento de Krishnamurti, mesmo nesse período inicial, objetivava algo que mais se assemelhava a uma revolução.

❖

Uma nova geração de Teosofistas estava atingindo a maioridade, ansiosos por reivindicar suas posições na hierarquia. No Acampamento da Estrela (*Star Camp*) em Huizen, na Holanda, George Arundale assumiu a direção e durante uma semana solene, em agosto de 1925, "canalizou" uma série de mensagens astrais para promover sua ascensão e a de seus correligionários ao longo do Caminho. Até então, apenas a Sra. Besant e CWL haviam passado à "Quarta Iniciação"; agora Arundale anunciou que havia sido concedido a ele e a sua jovem esposa Rukmini Devi este grau, junto com Krishnamurti; e também que o Senhor Maitreya havia escolhido doze Apóstolos e revelaria seus nomes em breve.

A Sra. Besant, agora com quase 70 anos de idade, estava encantada com a impetuosa marcha dos acontecimentos. Em um Congresso da Ordem da Estrela, na Holanda, ela leu em voz alta uma lista de sete Apóstolos: Wedgwood, Leadbeater, Jinarajadasa, Arundale, Rukmini Devi, Oscar Köllerström e ela própria. Ela acrescentou que para celebrar a Vinda do Senhor, uma Universidade Mundial seria fundada, com ela mesma como reitora, Arundale como diretor-geral e James Wedgwood como diretor de estudos. Muito distante dali, em Ojai, Krishnamurti encontrava-se cético. Havia estado cuidando de Nytia, que se encontrava gravemente enfermo e não se recordava de haver participado "no plano astral" de qualquer dos eventos relatados. Ele não confirmaria a ascensão de Arundale e dos outros, e não estava disposto a aceitá-los como Apóstolos.

Em novembro de 1925, Nytia perdeu sua batalha contra a tuberculose e faleceu em Ojai. Naquele momento Krishnamurti estava a bordo de um navio a caminho de Adiar para as celebrações do Jubileu de Ouro da Sociedade Teosófica. Quando estavam se aproximando do Canal de Suez, chegaram telegramas anunciando o estado crítico de Nytia e seu posterior falecimento. Krishnamurti havia concordado em comparecer ao Jubileu de Ouro somente após ter-se convencido de que a vida de Nytia

seria poupada em função da sua participação no trabalho que desenvolveria adiante. Num sonho, no começo desse mesmo ano, Krishnamurti rogou pela vida de Nytia, e nesse sonho o Grande Mestre Mahachohan havia declarado: "Ele viverá." As experiências místicas de 1922 haviam unido os dois irmãos num propósito comum, e em sua inocência, Krishnamurti aceitou a promessa feita a ele em um sonho. Agora, sua dor era profunda. Ele havia amado Nytia com uma sinceridade gerada a partir da experiência comum partilhada em perfeita cooperação. Desde a infância suas vidas tinham sido entrelaçadas; juntos haviam compartilhado a perda da família e de sua própria cultura; juntos haviam se adaptado a ambientes estranhos. Assim que seu navio partiu rumo a Madras, Krishnamurti escreveu uma declaração cheia de um intenso sofrimento, cuja extinção haveria de lhe trazer uma nova força:

> Um velho sonho está morto e um novo está nascendo. Uma nova visão está surgindo e uma nova consciência está se revelando. Eu tenho chorado, mas não quero que outros chorem.

B. Shiva Rao, que acompanhou Krishnamurti em sua fatídica viagem até Adiar, acreditava que a morte de Nytia marcara o início do afastamento de Krishnamurti da Teosofia:

> Toda sua filosofia de vida – a fé implícita no futuro conforme delineado pela Sra. Besant e pelo Sr. Leadbeater, o papel vital de Nytia nela, fora despedaçada.

Ainda que haja certa verdade nisto – a morte de Nytia haver sido inegavelmente uma experiência demolidora – a insatisfação de Krishnamurti com a Teosofia vinha fermentando por vários anos; e os acontecimentos na Holanda, seguidos pela morte de Nytia, haviam levado a questão a um ponto crítico. Em 1927 ele escreveu:

> Quando comecei a pensar por mim mesmo, como tem sido agora desde os últimos anos, me encontrei em revolta. Eu não estava satisfeito com qualquer ensinamento, com qualquer autoridade.

Era uma revolta que havia começado muitos anos antes da morte de Nytia, incentivada pela antipatia natural de Krishnamurti ao autoritarismo e pelo papel firmemente estabelecido de Leadbeater como árbitro do progresso espiritual dentro da ST.

A morte de Nytia colocou em evidência a insatisfação de Krishnamurti com a Teosofia. Quando a Sra. Besant tentou restabelecer relações em Adiar, segurando a mão de Krishnamurti e mais uma vez lhe pedindo para aceitar Leadbeater, Arundale e os outros como Apóstolos, ele recusou pela segunda vez. Mais tarde, sob a sombra de um velho baniano, na Convenção da Ordem da Estrela, Krishnamurti disse aos seus ouvintes que o Instrutor do Mundo viria somente para "aqueles que querem, que desejam, que anseiam".

> Para aqueles que querem compreensão, querem felicidade, aqueles que estão ansiando ser libertados, que estão ansiando encontrar a felicidade em todas as coisas [...] Eu vim não para destruir, mas para construir.

No seu entusiasmo sobre a Vinda do Instrutor do Mundo, os que escutavam Krishnamurti não sabiam que o instrutor diante deles estava inesperadamente tratando de um conjunto de temas completamente novos, e talvez até mesmo buscando efetivamente criar um novo grupo de ouvintes. Os Teosofistas da antiga geração, estabelecidos nas suas respectivas posições atribuídas na "Senda", estavam acostumados a escutar os relatos sobre vidas passadas e outros mundos. Krishnamurti estava agora decidido a concentrar sua atenção sobre assuntos desta vida e deste mundo, e muito mais a levantar questões do que dar respostas – um afastamento radical para o qual seus ouvintes não estavam preparados.

Desse modo, Krishnamurti começou a traçar um curso distinto, fora de todo contexto da doutrina teosófica. Na maturidade de sua filosofia, em suas conferências, diálogos e escritos, Krishnamurti encontrou numerosas maneiras de despertar as mentes dos seus ouvintes. Ele advogou a dúvida e o questionamento como um método para a investigação espiritual:

A dúvida é uma coisa preciosa. Ela limpa, purifica a mente. O próprio ato de questionar, o próprio fato de que a semente da dúvida está na pessoa, ajuda a esclarecer nossas investigações.

A abertura do coração, não menos preciosa neste ensinamento, começa com um sentimento de beleza despertado pelas maravilhas da vida e as cores da natureza, desfrutadas na presença "daqueles que beberam na fonte".

Dentro da ST, imediatamente levantou-se uma oposição que crescia rapidamente frente aos novos ensinamentos de Krishnamurti. A Sra. Besant fez um valente esforço para construir pontes entre esses ensinamentos e o Caminho do Discipulado do Mestre. Até mesmo suspendeu a Seção Esotérica, mas Krishnamurti, agora abertamente revoltado contra todas as formas de autoridade espiritual, não se comprometeria para salvar as aparências. Em 1929, num acampamento da Ordem, na Holanda, ele deu o passo decisivo ao dissolver a Ordem da Estrela do Oriente, depois de proclamar: "A verdade é uma terra sem caminhos."

❖

Os escritos de Krishnamurti, nos seis anos anteriores a 1929, revelam o foco voltado para o interior, mostrando uma compreensão que amadurecia. O primeiro trabalho, chamado *O Caminho*, era um poema-prosa incipiente e desconexo, rapsódico e abstrato, que descrevia um buscador fatigado trilhando um ardiloso caminho à perfeição – solitário, desamparado e carregado de muitas vidas. Seu fragmentado e inconstante protagonista incluía dentro de si mesmo as várias vidas de Alcione. Outra obra semi-autobiográfica chamada *A Busca*, possuía três personagens, "Eu", "Você" e "O Mundo", em busca da redenção. O tema central e o tom deste escrito podem ser vistos numa estrofe de *A Canção da Vida*:

Preso na agonia do Tempo,
Desfigurado pelo esforço interior do crescimento,
Oh, Amado,
O Eu do qual tu és o todo,
Está buscando o caminho do iluminado êxtase.

Ele parecia estar sepultando Alcione quando declarou em 1925 que "O pensamento correto e a ação correta em uma vida valem mais do que mil encarnações de vidas desperdiçadas". Após 1929, a voz abstrata e o vocabulário arcaico de Alcione cederam lugar a um autêntico instrutor, compassivamente atencioso para com o sofrimento de outro ser humano. Ainda que versem sobre questões humanas de interesse universal, os encontros posteriores estão impregnados com um certo sentido de singularidade. Um espaço silencioso dissolve as barreiras entre os participantes e proporciona consistência à declaração de Krishnamurti: "Você é o mundo."

Na maturidade, os ensinamentos de Krishnamurti infundem nova vida ao preceito de Buda: "Sê uma luz para ti mesmo." Para ele, aquelas palavras sustentam uma mensagem para todos os seres humanos – questiona tudo que influencia a direção da sua vida: examinar sua auto-imagem, abandonar seu preconceito, prestar atenção às suas relações. E Krishnamurti não hesitou em extrair a conclusão – que não pode haver autoridade legitimada na vida espiritual: nenhuma escritura, nenhum guru, nenhum árbitro de ascensão espiritual, nenhuma hierarquia. Cada ser humano deve encontrar a liberdade de uma maneira nova. O Instrutor do Mundo era somente um transeunte.

Krishnamurti estendeu sua crítica da evolução espiritual questionando a tendência à utopia no domínio espiritual. Em 1933, ele acautelou seus ouvintes contra a projeção de distantes "ideais" com a vã esperança de evoluir para um futuro melhor, e solicitou-lhes resistir ao impulso de projetar seus próprios ensinamentos sob a forma de um "novo ideal a partir do qual eu devo me moldar". Ele sabia que a pro-

jeção de ideais era freqüentemente uma tática que desvia ardilosamente a atenção, uma maneira da mente esquivar-se de sua responsabilidade.

> Se você é um prisioneiro, não me interessa descrever o que é a liberdade. Meu interesse principal é mostrar o que cria a prisão e que *você* a destrua.

Demolir a prisão significava enfrentar uma aproximação freqüentemente dolorosa de "o que é" em vez de perseguir uma promessa, muitas vezes ilusória, de "o que deveria ser" em algum futuro distante.

❖

Durante os 55 anos após a dissolução da Ordem da Estrela do Oriente, Krishnamurti viajou por diferentes partes do mundo dissertando sobre sua visão da vida. As Fundações que estabeleceu durante estes anos serviram para organizar suas palestras, publicar seus escritos, conduzir escolas e oferecer facilidades para o estudo e a meditação. Ele permaneceu fiel à sua percepção de que o indivíduo era tanto aquele que ensina como aquele que é ensinado – não deixando nenhum herdeiro espiritual, não conferindo a alguém a autoridade para julgar a posição religiosa de outra pessoa.

Krishnamurti sustentou que seus ensinamentos poderiam constituir a base de um novo tipo de educação e fundou várias escolas na Índia, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Todas estas escolas estão localizadas entre bonitas paisagens e dedicam-se a favorecer o amor pela natureza, o interesse pelos demais seres humanos e uma atitude de questionamento ante a vida.

De acordo com o depoimento do próprio Krishnamurti, uma chave para compreender seu desenvolvimento encontra-se no "espaço silencioso" que era inato a ele. Foi este espaço que o libertou da rígida ortodoxia na qual havia nascido, que lhe permitiu que saísse incólume da sua surrealística formação dentro da ST e que o ajudou a lidar com seu

fracasso como estudante na Inglaterra. O silêncio, na essência de seus ensinamentos, dissolvia as fronteiras:

> Você não é um americano, russo, hindu ou muçulmano. Você existe independentemente desses rótulos e palavras; você é toda a humanidade porque a sua consciência, suas reações, sua fé, suas crenças, suas ideologias, seus medos, ansiedades, solidão, sofrimento ou prazer, são semelhantes ao resto da humanidade. Se você mudar, isto afetará toda a humanidade.

Esse espaço silencioso, alimentado e renovado por muitos anos, tornou-se um imenso espaço a fluir por toda sua longa vida.

A idéia de progresso, tão profundamente arraigada no pensamento do século 19, estendeu a evolução darwiniana muito além do seu campo de origem na biologia e se constituiu numa das metáforas de referência da época. Ela foi largamente empregada para confirmar a, agora desacreditada, supremacia humana sobre o restante da natureza, e posteriormente foi colocada a serviço da mal-afamada doutrina da raça dominante. Aos reformadores sociais de esquerda ela ajudou a inspirar os ideais utópicos do comunismo, e para os conservadores serviu de consolo para os ideólogos que identificaram na "sobrevivência do mais apto" uma conveniente justificação para as iniqüidades do *status quo*. A Teosofia como conhecida por Krishnamurti e dentro da qual ele viveu seus anos de formação, havia levado a noção de progresso evolucionário ao seu ponto mais extremo ao buscar a ascensão espiritual acima e além da condição humana, numa mítica e futura "raça-raiz".

Agora, ao final do século 20, a idéia de um progresso evolucionário está completamente exaurida. Nas ousadas palavras de Stephen Jay Gould, um dos principais biólogos evolucionários:

O progresso é uma idéia nociva, culturalmente incrustada, insustentável, ineficaz e impraticável que deve ser substituída se quisermos compreender o padrão da história.

A crítica de Krishnamurti ao progresso evolucionário no reino espiritual foi vigorosa, sustentada e determinada. Foi baseada numa observação de primeira-mão da condição humana, muito antes que os limites do progresso evolucionário fossem compreendidos na biologia, na reforma social e na economia política. Ocupou um espaço destacado na revolta de Krishnamurti contra a sua formação Teosófica, e se transformou num elemento permanente da sua filosofia de vida.

Radhika Herzberger

Notas

Páginas 11-12: Para sinopses do período colonial inicial da Índia ver TREVELYAN e Kopf. Detalhes do debate entre os proponentes da língua inglesa e os orientalistas são obtidos em EMBREE. Uma argumentação completa do conceito de progresso pode ser encontrada em BURY. "O povo britânico nada tem a oferecer..." é retirado de TREVELYAN (p. 45), e "Não em vão a distância sinaliza..." é do poema *Locksley Hall* de Tennyson.

Páginas 13-15: Alguns detalhes da infância de Krishnamurti foram retiradas de J. KRISHNAMURTI 1913, uma "autobiografia" escrita aos dezoito anos. Uma cópia datilografada desta peça, de apenas seis páginas, foi encontrada entre papéis e documentos deixados por B. Shiva Rao, junto com um documento ditado pelo pai de Krishnamurti, que fornece uma comovente narrativa da infância de Krishnamurti como membro de uma família Telugu Brahmin ortodoxa. BALFOUR-CLARKE é uma fonte adicional fundamental que contém reminiscências dos anos de Dick Clarke como tutor de Krishnamurti e Nityananda durante este período.

Página 16: Os excertos são de LEADBEATER (p. 45). O material adicional sobre a Madame Blavatsky foi retirado de MEADE.

Página 18: TAYLOR fornece uma pesquisa exaustiva das várias fases da diversificada vida política da Sra. Besant, e WESSINGER é uma boa fonte sobre suas idéias religiosas.

Página 19: TILLET investiga cuidadosamente a confusão entre fato e ficção na história pessoal de Leadbeater. A passagem relativa à encarnação do Senhor Krishna é do *Bagavad Gita* IV.7.

Páginas 20-21: Notas não publicadas de B. Shiva Rao destes acontecimentos iniciais na vida de Krishnamurti são fontes importantes, e sobre as quais LUTYENS e JAYAKAR basearam algumas de suas narrativas deste período.

Páginas 22-23: A descrição de Krishnamurti dos seus dezessete anos foi narrada a mim pelo Dr. S. Balasundaram, que estava presente na ocasião. Declarações similares de Krishnamurti aparecem em KRISHNAMURTI

1987, 1990. Ele conversou demoradamente sobre CWL com os curadores da Fundação Krishnamurti da América (*Krishnamurti Foundation of America*), Ojai, em 1972. O choque por haver sido agredido por CWL parece ter destruído o respeito de Krishnamurti em relação a ele, e a afeição que sentia por ele parece ir declinando gradualmente durante um longo período, finalmente tornando-se em indiferença. Ver TILLET (p. 10). Uma cobertura extensiva do caso judicial de Narayaniah pode ser encontrada em NETHERCOT. Para uma amostra das afetuosas cartas da Sra. Besant à Krishnamurti ver JAYAKAR.

Página 23: O século dezenove produziu outras figuras carismáticas com uma inclinação semelhante para a recriação de suas próprias vidas. O explorador britânico Stanley, nascido como John Rowlands em 1944, assumiu um novo nome e um histórico inteiro de uma nova família junto a um personagem pitoresco que inventou para si mesmo para enfeitar sua busca pela origem do Nilo. Audubon, o mais famoso naturalista de sua época, nasceu de uma mãe crioula e um capitão marítimo francês, mas preferia que seus compatriotas americanos acreditassem que era um delfim francês abandonado.

Página 25: Na sua autobiografia, Leonard Woolf recriou a atmosfera da Inglaterra antes da Primeira Guerra Mundial; as palavras sobre a verdade e a beleza são de WOOLF (p. 20).

Página 27: Dick Clarke, que auxiliou Arundale como tutor de Krishnamurti durante estes anos, observou nele um crescente "senso de revolta não exteriorizado" já em 1912, quando Krishnamurti foi colocado numa rotina diária de "magnetização" de centenas de fitas de distinção e estrelas de prata para os membros da Ordem da Estrela; ver BALFOUR-CLARKE (p. 34). As cartas de Krishnamurti são retiradas de LUTYENS (Cap. 13).

Página 27: Sobre o último encontro de Krishnamurti com seu pai ver KRISHNAMURTI 1982 (p. 36), sobre sua própria recordação posterior do incidente e JAYAKAR (p. 43) sobre a recordação muito diferente feita pela nora de Narayaniah, que também estava presente naquela ocasião.

Páginas 29-30: O "processo" é descrito detalhadamente em LUTYENS e em JAYAKAR. Para as cartas de Krishnamurti à Sra. Besant ver JAYAKAR (p. 47).

Página 31: Para as relações entre Krishnamurti e Leadbeater ver LUTYENS (p. 163).

Páginas 32-33: A terminologia de filosofia "gradual" e "do salto" é devida a POTTER, que desenvolveu esta classificação em detalhes. O conselho de Krishnamurti de realizar um "salto no escuro" é extraída de LUTYENS (p. 77). Diferentes aspectos dos acontecimentos em Huizen na Holanda estão registrados em NETHERCOT, LUTYENS e TILLET.

Página 34: KRISHNAMURTI descreveu seu sonho envolvendo o Mahachohan numa carta de Adiar em 10 de fevereiro de 1925 à Sra. Besant; ver JAYAKAR.

Páginas 34-35: "Quando comecei a pensar por mim mesmo..." é retirado de KRISHNAMURTI 1927 (p. 1). "Para aqueles que querem compreensão..." é do *The Herald of the Star*, 1926.

Página 36: "A dúvida é uma coisa preciosa..." é proveniente de KRISHNAMURTI 1988 (p. 25).

Páginas 36-37: *O Caminho* e *A Busca*, *A Canção da Vida* estão publicados em KRISHNAMURTI 1981.

Página 8: "Se você é um prisioneiro..." é retirado de KRISHNAMURTI 1991 (p. 53).

Página 39: "Você não é um americano, russo..." é extraído de KRISHNAMURTI 1988 (p. 61).

Páginas 39-40: Entre os numerosos livros de Gould sobre biologia evolucionária, paleontologia e história da ciência está GOULD, uma extensa crítica sobre a noção de progresso evolucionário.

Bibliografia

BALFOUR-CLARKE, RUSSELL. *The Boyhood of J. Krishnamurti (A Juventude de Krishnamurti)*. Bombay: Chetana, 1977.

BURY, JOHN. *The Idea of Progress (O Conceito de Progresso)*. Nova York: Dover, 1955.

EMBREE, AINLEE. *India's Search For National Identity (A Índia em Busca da Identidade Nacional)*. Nova Délhi: Chanakya, 1980.

GOULD, STEPHEN JAY. *Wonderful Life (A Vida Prodigiosa)*. Londres: Penguin Books, 1989.

JAYAKAR, PUPUL. *Krishnamurti, A Biography (Krishnamurti: Uma Biografia)*. Nova York: Harper and Row, 1986.

KOPF, DAVID. *The Brahmo Samaj and the Shaping of the Modern Indian Mind (O Brahmo Samaj e a Formação da Mentalidade Indiana Moderna)*. Princeton University Press, 1979.

KRISHNAMURTI, J. *At the Feet of the Master.* Madras: Theosophical Publishing House, 1911. [*Aos Pés do Mestre*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1977.]

———. *Fifty Years of My Life (Cinqüenta Anos da Minha Vida)*. Manuscrito não publicado, 1913.

———. *Towards Discipleship (Rumo ao Discipulado)*. Madras: Theosophical Publishing House, 1926.

———. *Who Brings the Truth? (Quem Conduz a Verdade)*. The Star Publishing Trust, 1927.

———. *Commentaries on Living, Third Series (Comentários sobre o Viver, Terceira Série)*. Londres: Victor Gollancz, 1961.

———. *Poems and Parables (Poemas e Parábolas)*. Londres: Victor Gollancz, 1981.

———. *Krishnamurti's Journal*. Londres: Victor Gollancz, 1982 [*Diário de Krishnamurti*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1982.]

———. *Krishnamurti to Himself: His Last Journal (Krishnamurti por Ele Mesmo)*. Londres: Victor Gollancz, 1988.

———. *Tradition and Revolution (Tradição e Revolução)*. 2ª ed. Madras: KFI Publications, 1990.

———. *Collected Works, Volume I (Obras Reunidas, Volume I)*. Dubuque, Iowa: Kendall Hunt, 1991.

LEADBEATER, C.W. *The Masters and the Path (Os Mestres e a Senda)*. 3ª ed. Madras: The Theosophical Publishing House, 1992.

LUTYENS, MARY. *Krishnamurti: The Years of Awakening*. Londres: John Murray, 1975 [*Os Anos do Despertar*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1975.]

MEADE, MARION. *Madame Blavatsky, The Woman Behind the Myth (Madame Blavatsky, A Mulher por Trás do Mito)*. Nova York: Putnam, 1980.

NETHERCOT, ARTHUR H. *The Last Four Lives of Annie Besant (As Últimas Quatro Vidas de Annie Besant)*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1963.

POTTER, KARL. *Presuppositions of India's Philosophies (Pressupostos das Filosofias da Índia)*. Prentice Hall, Englewood, Nova Jersey: 1963.

TAYLOR, ANNE. *Annie Besant, A Biography (Annie Besant: Uma Biografia)*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

THOMSON, DAVID. *Nineteenth Century England (A Inglaterra do Século 19)*. Londres: Penguin, 1950.

TILLETT, GREGORY. *The Elder Brother, A Biography of Charles Webster Leadbeater (O Irmão mais Velho, Uma Biografia de Charles Webster Leadbeater)*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1982.

TREVELYAN, RALEIGH. *The Golden Oriole (O Papa-figo Dourado)*. Nova York: Viking, 1987.

WESSINGER, CATHERINE KNOWMAN. *Annie Besant and Progressive Messianism. Studies in Women and Religion, Vol. 26 (Annie Besant e o Messianismo Progressista. Estudos sobre as Mulheres e a Religião, Vol. 26)*. Lewiston, Nova York: The Edwin Mellen Press, 1989.

WOOLF, LEONARD. *An Autobiography, 2:1911-1969 (Autobiografia, 2:1911-1969)*. Oxford: Oxford University Press: 1980.

I

Palestras Públicas

O Pensamento Gera o Medo

Parece-me que é sempre bom ser sério, especialmente quando estamos aqui sentados falando sobre coisas sérias. Precisamos de certa atenção, certa qualidade de penetração e profunda investigação dos vários problemas que cada um de nós tem e dos problemas que o mundo está enfrentando. Como se observa, não só neste país, mas no mundo todo, existe caos, muita confusão e sofrimento humano sob todas as formas, que não parecem diminuir. Embora haja grande prosperidade no Ocidente, ele possui muitos problemas, não apenas nos níveis econômicos e sociais, mas num nível muito mais profundo. Há uma revolta acontecendo entre os jovens; eles não aceitam mais a tradição, a autoridade, o padrão da sociedade.

E quando se chega a este país, como o fazemos todos os anos, vê-se o rápido declínio, a pobreza, a completa negligência pelos seres humanos, a astúcia política, a absoluta estagnação de qualquer investigação religiosa profunda, a guerra tribal entre vários grupos e as abstinências a propósito de algum assunto trivial. Quando a casa está em chamas, quando há tamanho caos, quando há tal sofrimento, despender sua vida ou mesmo exibir-se por meio de algum assunto trivial indica o estado da mente daqueles que se supõem serem líderes, religiosos ou políticos.

Quando se observa todos estes fatos, não apenas externamente, nas organizações, na economia, na sociedade, mas também internamente,

apartado de toda a repetição das tradições, das regras de pensamento estabelecidas e os inúmeros chavões que se recitam, quando se vai profundamente além de tudo isso, descobre-se que há também grande caos, contradição.

Não se sabe o que fazer. Se está sempre buscando incessantemente, indo de um livro a outro, de uma filosofia à outra, de um mestre a outro. E o que estamos de fato buscando não é claridade, não é a compreensão do estado real da mente; mas sim buscando caminhos e meios para fugir de nós mesmos. Diferentes formas de religião por todo o mundo têm oferecido essa fuga, e ficamos satisfeitos em tentar descobrir um refúgio conveniente, agradável, satisfatório. Quando se observa tudo isso – a crescente população, a completa insensibilidade dos seres humanos, o total descuido pelos sentimentos do outro, com a vida do outro, a total negligência com a estrutura social – imagina-se se uma ordem pode surgir desse caos. Não a ordem política, pois a política não pode produzir ordem, tampouco podem produzir ordem uma estrutura econômica ou uma ideologia diferente. Mas nós precisamos de ordem, pois há muita desordem tanto externa como internamente. Desordem a qual estamos vaga, especulativa e casualmente conscientes. As pessoas sentem que os problemas são imensos. A população está crescendo tão rapidamente que as pessoas se perguntam: "O que posso fazer como ser humano vivendo neste caos de sofrimento, violência e estupidez? O que posso fazer?" Seguramente, vocês devem ter feito esta pergunta a si mesmos, se realmente são sérios. E se fizeram esta pergunta tão séria a si mesmos, "O que se pode fazer?", invariavelmente a resposta é: "Receio que possa fazer muito pouco para alterar a estrutura da sociedade, produzir ordem, não só interiormente, mas exteriormente também."

Geralmente faz-se esta pergunta: "O que posso fazer?", e constantemente a resposta é "muito pouco". Então a pessoa pára. Mas o problema exige uma pergunta muito mais profunda. O desafio é tão grande que cada um de nós deve responder a ele inteiramente, não com alguma resposta condicionada – não como um hindu, como um budista, como um muçulmano, um parse, um cristão; tudo isso está morto, esgotado, aca-

bado; não tem mais qualquer significado, exceto para os políticos que exploram a ignorância e a superstição. As escrituras, o que tem sido dito pelos filósofos, pelas autoridades em religião com suas sanções e suas exigências para que vocês obedeçam, que vocês sigam – estas coisas perderam totalmente o significado para qualquer homem que está atento, que está ciente dos problemas do mundo.

Como vocês sabem, o homem perdeu a fé no que acreditava; não segue mais ninguém. Vocês compreendem o que está acontecendo politicamente quando a platéia atira sapatos e pedras ao orador? Significa que estão descartando a liderança. Eles não querem mais que lhes digam o que fazer. O homem está desesperado. O homem está confuso. Há muito sofrimento. E nenhuma ideologia, seja de esquerda ou de direita, tem qualquer significado. Todas as ideologias são idiotas em todos os aspectos. Elas não têm significado quando são confrontadas com o fato real de "o que é". Desse modo, temos que descartar não apenas a autoridade da liderança, mas também a autoridade do sacerdote, a autoridade do livro, a autoridade da religião. Podemos descartar tudo isso completamente e temos que fazê-lo para descobrir o que é verdadeiro. Vocês também não podem voltar atrás. Ouve-se freqüentemente neste país sobre a herança da Índia, o que foi a Índia. Eles falam incessantemente sobre o passado, o que era a Índia. E as pessoas que geralmente falam sobre as culturas do passado têm muito pouca reflexão; elas podem repetir o que houve, o que os livros disseram, e isso é uma droga útil para adormecer as pessoas. Portanto, podemos descartar tudo isso, eliminar completamente; temos que fazê-lo porque temos problemas que exigem tremenda atenção, profunda reflexão e investigação, não a repetição do que alguém falou, por mais importante que ele seja. Dessa maneira, quando vocês põem de lado todas as coisas que aconteceram, que produziram esta imensa miséria, esta total brutalidade e violência; então nos confrontamos com os fatos, realmente com "o que é", tanto exterior como interiormente, não com "o que deveria ser". Esse "o que deveria ser" não tem nenhum sentido.

Como vocês sabem, as revoluções – como a Revolução Francesa, a Revolução Russa, a Revolução Comunista – foram feitas a partir de ideo-

logias de "o que deveria ser". E depois de matar milhões e milhões de seres humanos, eles estão descobrindo que as pessoas estão cansadas de ideologias. Assim, vocês não têm mais ideologias, não têm mais líderes; não têm mais ninguém para lhes dizer o que fazer. Vocês estão agora encarando o mundo por si mesmos, sozinhos, e terão de agir. Então nosso problema torna-se imensamente maior, assustador. Vocês, como seres humanos, sozinhos, sem qualquer apoio de alguém, têm de refletir claramente sobre os problemas e agir sem nenhuma confusão, de modo a tornarem-se um oásis num deserto de idéias. Vocês sabem o que é um oásis? É um lugar com algumas árvores, água e alguma pastagem num vasto deserto onde não existe nada além de areia e confusão. É isso o que cada um de nós tem que ser atualmente – um oásis onde estamos – de modo que cada um de nós seja livre, esclarecido, não confuso, e possa agir não de acordo com a inclinação pessoal ou de acordo com o próprio temperamento ou compelido pelas circunstâncias.

Portanto, o desafio é muito grande, e vocês não podem responder escapando dele. Está à sua porta. Desse modo, vocês têm que fazer um balanço. Têm que olhar à sua volta. Têm que descobrir o que fazer por si mesmos. E é isso o que vamos fazer juntos. O orador não vai dizer a vocês o que fazer porque, para ele, não existe nenhuma autoridade. E isso é muito importante que vocês compreendam – que toda autoridade espiritual chegou ao fim porque levou à confusão, ao sofrimento infinito, ao conflito. Apenas a maioria ingênua é sua seguidora.

Então, se pudermos pôr de lado toda a autoridade, então poderemos começar a investigar, a explorar. E, para explorar, vocês devem ter energia; não apenas energia física, mas energia mental, quando o cérebro funciona ativamente não embotado pela repetição. Só quando existe atrito é que a energia é desperdiçada. Por favor, acompanhem um pouco isso. Não aceitem o que o orador diz porque isso não é importante. Estamos interessados na liberdade, não um tipo específico de liberdade, mas a total liberdade do homem. Desse modo, precisamos de energia não apenas para originar uma grande revolução psicológica, espiritual, em nós mesmos, mas também para investigar, olhar, agir. E enquanto hou-

ver atrito de qualquer espécie, atrito na relação entre marido e esposa, entre os homens, entre uma comunidade e outra, entre um país e outro, externa ou internamente, enquanto houver conflito de qualquer tipo, por mais sutil que seja, há um desperdício de energia. E há o ápice de energia quando existe liberdade.

Agora nós vamos investigar e descobrir por nós mesmos como nos libertar desse atrito, desse conflito. Vocês e eu vamos fazer uma viagem nisso, explorar, investigar, perguntar – nunca seguir. Portanto, para investigar deve haver liberdade. E não existe liberdade quando existe medo. Somos conduzidos pelo medo não só exterior, mas interiormente. Existe o medo externo de perder um emprego, de não ter comida suficiente, de perder sua posição, de seu chefe se comportar de modo ofensivo. Internamente também existe uma grande quantidade de medo – medo de não ser, de não tornar-se um sucesso; o medo da morte; o medo da solidão; o medo de não ser amado; o medo do completo tédio, e assim por diante. Então, existe este medo, e é este medo que impede a investigação de todos os problemas e se libertar deles. É este medo que impede uma profunda investigação dentro de nós mesmos.

Então nosso primeiro problema, nosso problema realmente essencial, é nos livrarmos do medo. Vocês sabem o que o medo faz? Obscurece a mente. Torna a mente embotada. A partir do medo existe a violência. A partir do medo existe essa adoração por algo que não sabem nada a respeito; e por essa razão vocês inventam idéias, imagens – imagens feitas pela mão ou pela mente e diferentes filosofias. E quanto mais esperto se é, mais se tem autoridade na sua voz e na sua postura, mais o ignorante o segue. Então nosso primeiro interesse é: "É possível estarmos totalmente livres do medo?" Por favor, façam essa pergunta a si mesmos e descubram.

Durante estas quatro palestras, o que vocês estão tentando fazer é provocar uma ação por parte de um ser humano num mundo que é um deserto, que está em confusão, que é violento, de modo que cada um de nós se torne um oásis. E para descobrir isso e dar origem a essa lucidez,

essa clareza, de modo que a mente seja capaz de ir muito além de todo pensamento, deve haver, primeiro, a liberdade de todo o medo.

Assim, em primeiro lugar, existe o medo físico, que é a reação animal. Porque herdamos muita coisa do animal; uma grande parte da estrutura do nosso cérebro é uma herança do animal. Isso é um fato científico. Não é uma teoria, é um fato. Os animais são violentos, igualmente o são os seres humanos. Os animais são ávidos; adoram ser adulados, adoram ser mimados; gostam de buscar conforto; igualmente o fazem os seres humanos. Os animais são aquisitivos, competitivos; os seres humanos também o são. Os animais vivem em grupos; e os seres humanos também gostam de se organizar em grupos. Os animais têm uma estrutura social; os seres humanos também. Podemos entrar muito mais em detalhes, mas é suficiente ver que existe muito em nós que é ainda do animal.

E é possível para nós não apenas ficarmos livres do animal, mas também irmos além disso e descobrirmos – não apenas verbalmente, mas descobrir de fato – se a mente pode ir além do condicionamento da sociedade, da cultura na qual foi formada? Para descobrir ou alcançar algo que é de uma dimensão totalmente diferente, deve-se libertar do medo.

Obviamente, reação de autoproteção não é medo. Precisamos de alimento, roupas e abrigo – todos nós, não apenas o rico, não apenas o poderoso. Todos precisam disso, e isto não pode ser resolvido pelos políticos. Os políticos dividiram o mundo em países, como Índia, cada um com seu governo soberano, cada um com o seu exército, e todo este absurdo nocivo do nacionalismo. Existe um único problema político, e esse consiste em produzir a unidade humana. E isso não pode ser ocasionado se vocês se prendem à suas nacionalidades, às suas divisões triviais de Norte, Sul, o telugo, o tâmil, o gujarati, e demais – tudo isso se torna muito infantil. Quando a casa está pegando fogo, senhor, você não fala sobre o homem que está trazendo água, não fala sobre a cor do cabelo do homem que ateou fogo na casa, simplesmente você traz a água. O nacionalismo dividiu os homens assim como a religião os dividiu, e esse espírito nacionalista e as crenças religiosas separaram os homens, colo-

caram o homem contra o próprio homem. E pode-se ver por que isso aconteceu. É porque todos gostamos de viver na nossa própria e desprezível confusão.

E assim a pessoa tem que estar livre do medo, e essa é uma das coisas mais difíceis de se fazer. A maioria de nós não está cônscia de que tem medo, e não percebemos o que nos amedronta. E quando sabemos o que nos atemoriza, não sabemos o que fazer. Desse modo fugimos dele. Compreendem? Nós fugimos daquilo que somos, que é medo; e a coisa da qual fugimos aumenta o medo. E desenvolvemos, infelizmente, uma rede de fugas. Por essa razão, temos que ficar atentos não somente aos medos que possuímos, mas também à rede que desenvolvemos e através da qual se foge.

Agora, como surge o medo? Vocês têm medo de alguma coisa – medo da morte, medo da sua esposa, do seu marido; medo de perder o emprego, medo de muitas coisas. Agora peguem um determinado medo e se conscientizem dele. Vamos examinar como ele surge e o que podemos fazer a respeito, como resolvê-lo completamente. Então estabeleceremos uma relação correta entre vocês e o orador. Isto não é psicologia de massa ou autopsicanálise coletiva, mas uma investigação sobre certos fatos que temos de enfrentar juntos. Como surge o medo – medo do amanhã, medo de perder o emprego, medo da morte, medo de ficar doente, medo da dor? O medo implica um processo de pensamento sobre o futuro ou sobre o passado. Tenho medo do amanhã, do que pode acontecer. Tenho medo da morte; ela ainda está distante, mas tenho medo dela. Agora, o que origina o medo? O medo existe sempre em relação a alguma coisa. De outro modo não existe medo. Dessa forma, temos medo do amanhã ou do que aconteceu ou do que acontecerá. O que provocou o medo? Não é o pensamento? Eu penso que poderia perder o emprego amanhã, portanto fico apreensivo. Eu poderia morrer e não quero morrer; tenho levado uma vida infeliz, ruim, feia, violenta, uma vida insensível sem qualquer sentimento, mas, contudo, não quero morrer; e o pensamento projeta o futuro na forma de morte, e tenho medo disso.

Estão acompanhando tudo isto? Por favor, não aceitem simplesmente as palavras. Não escutem apenas algumas palavras, mas realmente ouçam, porque é o problema de vocês. Essa questão do medo é seu problema cotidiano, estejam vocês dormindo ou acordados. Vocês têm de resolvê-lo por si mesmos, ninguém irá fazê-lo por vocês. Nenhum mantra, nenhuma meditação, nenhum deus, nenhum sacerdote, nenhum governo, nenhum analista, ninguém vai resolvê-lo por vocês. Então, têm que compreendê-lo, têm que ir além dele. Portanto, por favor, escutem. Não com sua mente astuta; não diga: "Vou escutar e comparar o que ele diz com o que já sei ou com o que já foi dito" –, pois nesse caso não se está escutando. Para ouvir, vocês têm que dar a sua total atenção. Dar total atenção significa cuidar. Somente pode haver atenção quando se tem afeição, quando se tem amor, o que significa que vocês querem resolver este problema do medo. Quando o resolvem, vocês se tornam seres humanos, homens livres, que podem criar um oásis num mundo que está se deteriorando.

Dessa maneira o pensamento gera o medo. Penso sobre o emprego que perdi ou que poderia perder, e o pensamento gera o medo. Portanto, o pensamento sempre se projeta no tempo porque o pensamento é tempo. Penso na doença que tive e que não gosto de dor e temo que a dor possa voltar. Tive uma experiência de dor; pensar sobre e querer evitá-la, causa o medo. O medo está muito intimamente ligado ao prazer. A maioria de nós é guiada pelo prazer. Para nós, como para os animais, o prazer tem a mais elevada importância, e o prazer é parte do pensamento. Ao pensar em algo que me deu prazer, este prazer é aumentado. Não é? Já observaram tudo isto? Vocês tiveram uma experiência de prazer – de um belo pôr-do-sol ou de sexo – e pensam nela. O ato de pensar a respeito dela aumenta o prazer do mesmo modo que pensar no que vocês experimentaram como dor, traz medo. Assim o pensamento produz o prazer e o medo, não? Portanto, o pensamento é responsável pela demanda por prazer e pela sua continuação; e o pensamento é também responsável por engendrar medo, por causar o medo. A pessoa vê isto; isto é um fato experimental real.

Aí pergunta a si mesmo: "É possível não pensar no prazer ou na dor? É possível pensar somente quando o pensamento é solicitado e não de outro modo?" Senhores, quando se trabalha num escritório, quando vocês estão trabalhando num emprego, o pensamento é necessário; de outro modo, nada se poderia fazer. Quando vocês falam, quando escrevem, quando vão ao escritório, o pensamento é necessário. Ali ele deve funcionar precisamente, impessoalmente. Ali o pensamento não deve ser guiado por uma inclinação, por uma tendência. Naquela situação o pensamento é necessário. Mas o pensamento é necessário em algum outro campo de ação?

Por favor, acompanhem isto. Para nós o pensamento é muito importante; esse é o único instrumento que temos. O pensamento é a resposta da memória que foi acumulada por meio da experiência, por meio do conhecimento, por meio da tradição; e a memória é resultado do tempo, herdada a partir do animal. E com este conjunto de informações armazenadas nós reagimos. Essa reação é o pensar. O pensamento é essencial em certos níveis. Mas, quando o pensamento se projeta como futuro e passado, psicologicamente, então ele cria o medo e o prazer; e neste processo, a mente fica embotada e, portanto, a ausência de ação é inevitável. O medo, como dissemos, senhores, origina-se pelo pensamento – pensar em perder o emprego, pensar que minha esposa pode fugir com outro, pensar na morte, pensar sobre o que aconteceu, e assim por diante. Pode o pensamento parar de pensar sobre o passado no sentido psicológico, de autoproteção, ou sobre o futuro?

Vocês compreendem a pergunta? Observem, senhores, a mente na qual está incluído o cérebro pode inventar e pode dominar o medo. Dominar o medo é reprimi-lo, discipliná-lo, controlá-lo, transformá-lo em alguma outra coisa; mas tudo isso implica atrito, não é? Quando estou com medo, digo a mim mesmo: "Devo controlá-lo, devo fugir dele, devo superá-lo" – tudo isso implica conflito, não é? E esse conflito é desperdício de energia. Mas se eu entendesse como o medo surge, então poderia lidar com ele. Observo como o pensamento cria o medo. Então me pergunto: "É possível o pensamento parar, caso contrário o medo continua-

rá?" E em seguida me pergunto: "Por que penso no futuro? Por que penso no amanhã?" ou "Por que penso no que aconteceu ontem em termos de dor ou prazer?"

Por favor, ouçam calmamente; sabemos que o pensamento cria medo. Uma das funções do pensamento é estar ocupado, estar pensando em alguma coisa o tempo todo. Como a dona de casa que pensa na comida, nos filhos, na limpeza – essa é toda a ocupação dela; retire essa ocupação e ela ficará perdida, se sentirá completamente desconfortável, solitária, angustiada. Ou tire Deus do homem que o adora, cuja ocupação é Deus; ele ficará totalmente perdido. Assim o pensamento tem que estar ocupado com uma coisa ou outra, seja consigo mesmo ou com a política ou como criar um mundo diferente, uma ideologia diferente e assim por diante. A mente deve estar ocupada. E a maioria de nós quer estar ocupado; de outro modo nos sentiremos perdidos; de outro modo não saberemos o que fazer, estaremos sozinhos, seremos confrontados com aquilo que realmente somos. Compreende? Assim fica-se ocupado, o pensamento está ocupado – o que o impede de olhar para si mesmo, para o que de fato somos.

Estamos interessados em criar um mundo diferente, uma ordem social diferente. Estamos interessados não em crenças religiosas e dogmas, superstições e rituais, mas com o que é a verdadeira religião. E para descobrir isso não pode haver medo. Percebemos que o pensamento gera o medo, e que o pensamento tem que estar ocupado com alguma coisa, pois de outro modo ele se sente perdido. Uma das razões pela qual ficamos ocupados com Deus, com a reforma social, com isto ou aquilo, com alguma coisa ou outra, é porque nós mesmos temos medo de nos sentirmos solitários, de nos sentirmos vazios. Sabemos o que o mundo é: um mundo de brutalidade, maldade, violência, guerras, ódios, divisões de classe e divisões nacionais, e assim por diante. Sabendo de fato o que o mundo é – não o que achamos que ele deveria ser – nosso interesse é provocar uma transformação radical nisso. Para provocar essa transformação, a mente humana tem que passar por uma tremenda mutação; e essa transformação não pode ocorrer se existir algum tipo de medo.

Portanto, perguntem a si mesmos: "É possível o pensamento cessar, de modo que a pessoa viva totalmente, integralmente?" Já notaram que quando prestam atenção completamente, quando dão sua completa atenção a alguma coisa, não existe observador e, portanto, não existe pensador, não existe centro a partir do qual se está observando? Façam isso alguma vez, dêem sua absoluta atenção – não "concentração". Concentração é a forma mais ridícula de pensamento; isso qualquer estudante de colégio pode fazer. O que estamos falando é de "atenção" – isso é, dar atenção. Se vocês estiverem escutando agora com todo o seu ser, com a mente, com seu cérebro, com seus nervos, com sua total energia – escutando; não aceitando, não contradizendo, não comparando, mas de fato escutando com total atenção – existe alguma entidade que está escutando, que está observando? Vocês descobrirão que absolutamente não existe observador. Agora, quando olhar para uma árvore, olhe com completa atenção. Há tantas árvores aqui, olhem para elas. Quando vocês escutarem o som dos corvos recolhendo-se à noite, escutem isso totalmente. Não digam: "Eu gosto desse som", ou "Eu não gosto desse som". Escutem-no com o seu coração, com sua a mente, com seu cérebro, com seus nervos, completamente. Vejam assim também a árvore, sem a interferência do pensamento – o que significa sem espaço entre o observador e o objeto observado. Quando vocês dão tal atenção, total e completa, de fato não existe observador. E é o observador que gera o medo porque o observador é o centro do pensamento; ele é o "eu", o ego; o observador é o censor. Quando não existe nenhum pensamento, não existe observador. Esse estado não é um espaço em branco. Isso exige muita investigação – jamais aceitar qualquer coisa.

Vocês sabem, têm aceitado a vida inteira: aceitaram a tradição, aceitaram a família, aceitaram a sociedade como ela é. Vocês são simplesmente uma entidade que diz sim. Nunca dizem não a qualquer destas coisas; e quando dizem não, é apenas por revolta. E a revolta cria o seu próprio padrão, o qual se torna um hábito, uma tradição. Mas, se vocês compreenderam toda a estrutura social, verão que ela se baseia no conflito, na competição e na desapiedada afirmação de si mesmo a qualquer

preço, seja em nome de Deus ou em nome do país, ou em nome da paz, e assim por diante.

Desse modo, para estarem livres do medo, apliquem uma atenção total. Na próxima vez que o medo surgir em sua mente – medo do que vai acontecer ou medo de que alguma coisa que já aconteceu possa voltar a acontecer – dediquem sua completa atenção; não fujam dele, não tentem transformá-lo, não tentem controlá-lo, não tentem reprimi-lo; fiquem com ele totalmente, completamente, com toda a atenção. Então verão que, por não existir observador, não existe absolutamente qualquer medo.

Uma de nossas falácias peculiares é que pensamos existir o inconsciente, uma coisa profundamente enraizada que irá trazer o medo em diferentes formas. Compreendem? Toda consciência tem suas limitações. E para ir além da consciência limitada, da entidade condicionada, não é bom dividi-la em "consciente" e "inconsciente". Existe somente o campo da consciência; e se derem total atenção a todo o momento, então vocês eliminarão tanto o inconsciente como a consciência limitada.

A atenção não pode ser cultivada. Não há método, sistema, prática pela qual vocês possam adquirir atenção. Porque quando vocês praticam um método para tornarem-se atentos, isso mostra que estão cultivando a inatenção; que vocês estão ocupados, então, em cultivar a atenção por meio da desatenção. Quando seguem um sistema, um método, o que vocês estão fazendo? Estão cultivando mecanicamente certos hábitos, repetindo uma certa atividade que apenas insensibiliza a mente; isso não a estimula. Enquanto, se derem atenção, ainda que por um segundo ou um minuto, completamente, então verão que essa atenção total e momentânea elimina aquilo de que tinham medo. Nessa atenção não existe o observador nem o objeto observado. Mas para compreender isso, adentrar nisso, é necessário investigar toda a questão do tempo e espaço.

Mas, vejam, nossa dificuldade é que estamos tão fortemente condicionados que nunca olhamos, nunca perguntamos, nunca questionamos, nunca duvidamos. Somos todos seguidores, estamos sempre con-

sentindo. E a presente crise exige que vocês não sigam alguém. Vocês, devido à sua confusão, não podem seguir alguém, pois quando estão confusos e seguem alguém, estão seguindo devido à sua confusão, não devido à própria clareza. Se possuem compreensão, nunca seguirão alguém. Quando se segue alguém devido à própria confusão, cria-se mais confusão. Então o que vocês têm que fazer é primeiro parar, examinar, olhar, escutar.

Infelizmente, este país é muito antigo na sua denominada cultura. "Cultura" é uma palavra muito boa, mas foi corrompida pelos políticos, pelas pessoas que têm pensamento muito desprezível ou muito pouca coisa original a dizer. Então utilizaram esta palavra "cultura" para encobrir sua própria negligência. Mas para produzir uma cultura diferente – o que significa crescer, florescer, não permanecer num estado estático – e para compreender isso, tem que se começar consigo mesmo. Porque vocês são o resultado desta cultura, a cultura da Índia, com todas as tradições, com todas as superstições, com todos os medos; a cultura na qual existe religião, divisões sociais, divisões lingüísticas. Vocês são parte de tudo isso, vocês são isso; não são separados disso. Assim, no momento em que se está cônscio disto e se dá total atenção ao que se é, então verá que largou tudo isso instantaneamente. Então você está completamente livre do passado. É somente quando se está cônscio do seu condicionamento que ele se desprende de você naturalmente – não por meio da volição nem por meio de algum hábito, nem por alguma reação; mas ele simplesmente se desprende porque se está prestando atenção.

Mas a maioria de nós passa pela vida desatentamente. Raramente estamos atentos. E quando estamos atentos, geralmente reagimos de acordo com nosso condicionamento como um hindu, um budista, um comunista, um socialista ou seja lá o que for. E, portanto, nós respondemos a partir de um conjunto de informação armazenada com o qual fomos criados. Assim, tal reação apenas cria mais dependência, mais condicionamento. Mas, quando vocês se tornam atentos ao seu condicionamento – apenas estar cônscio, apenas dar um pouco de atenção – então verão que sua mente não está mais dividida entre consciente e

inconsciente; verão que sua mente não está mais tagarelando incessantemente. Conseqüentemente a mente torna-se extraordinariamente sensível. E apenas uma mente muito sensível pode ser silenciosa – não uma mente brutalizada, não uma mente que foi torturada por meio da disciplina, do controle, do ajustamento ou do conformismo; tal mente nunca pode se aquietar pela repetição, o que se denomina comumente por meditação. Mas meditação é uma coisa inteiramente diferente – um assunto que talvez aprofundemos numa outra ocasião.

Como dissemos, uma mente que tem medo, faça o que fizer, não terá amor algum; e sem amor vocês não podem construir um novo mundo. Sem amor não pode haver nenhum oásis. E vocês, como seres humanos, criaram essa estrutura social na qual estão presos. Para romper com isso – e vocês têm de romper totalmente – vocês têm que compreender a si mesmos, apenas observarem-se a si mesmos como realmente são. A partir dessa clareza surge a ação. E então, descobrirão por si mesmos uma nova qualidade de viver, um novo modo de vida que não é repetitivo, que não é de conformidade, que não é imitação, uma vida que é realmente livre e, portanto, uma vida que abre a porta para alguma coisa que está além de todo pensamento.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. XVII
Primeira Palestra em Bombaim, 1967

Liberdade, Relação e Morte

Se me permitem, continuaremos com o que estávamos falando no outro dia, quando nos encontramos aqui. Estávamos dizendo que é necessário uma revolução radical, uma revolução não simplesmente econômica ou social, mas muito mais profunda, na própria raiz da consciência. Dizíamos que não apenas as condições do mundo exigem que esta revolução aconteça, mas também que por todo o mundo existe uma constante decadência, não tecnologicamente, mas no sentido da religiosidade, se permitem que utilize essa palavra com precaução e muita hesitação. Porque a palavra "religião" tem sido inteiramente mal empregada; os intelectuais a descartam totalmente, negam-na, fogem dela; os cientistas, os intelectuais, até mesmo os humanitaristas não querem nada com essa palavra, com esse sentimento, ou com essas crenças organizadas que são chamadas de religião. Mas estamos falando de uma revolução na própria natureza da psique, na própria estrutura da consciência que foi reunida durante milênios, através de muitas e muitas experiências, mediante muitas circunstâncias.

Vamos entrar nesta questão: se é possível para um ser humano vivendo neste mundo – neste mundo brutal, violento, muito desumano, que está se tornando cada vez mais eficiente e, portanto, cada vez mais insensível – provocar uma revolução não apenas exteriormente, em suas relações sociais, mas também, e antes de tudo, na sua vida interior. Pare-

ce-me que a menos que haja uma revolução fundamental na totalidade da consciência – isso é, em todo o campo do pensamento – o homem não só irá se degenerar e, desse modo, perpetuar a violência, o sofrimento, mas também criar uma sociedade que se tornará cada vez mais mecânica, cada vez mais proporcionadora de prazer, e conseqüentemente levará uma vida extremamente superficial. Se observarem, verão que é o que está acontecendo de fato.

O homem está tendo cada vez mais lazer mediante a automação, através do desenvolvimento da cibernética, dos cérebros eletrônicos, e assim por diante. E esse lazer está sendo usado tanto para entretenimento – entretenimento religioso ou entretenimento através de várias formas de diversão – como para propósitos cada vez mais destrutivos na relação entre os homens; como, dispondo desse tempo livre, ele está se voltando para dentro de si mesmo. Existem apenas estas três possibilidades. Tecnologicamente, ele pode ir à lua, mas isso não resolverá o problema humano. Nem tampouco o resolverá a simples dedicação de seu tempo livre a um religioso ou algum outro entretenimento. Ir à igreja ou ao templo, crenças, dogmas, ler livros sagrados – tudo isso é realmente uma forma de distração. Ou então o homem mergulhará profundamente em si mesmo e questionará todo o valor que criou através dos séculos e tentará descobrir se existe mais alguma coisa além do mero produto do cérebro. Existem grupos inteiros de pessoas, no mundo todo, que estão se revoltando contra a ordem estabelecida, fazendo uso de vários tipos de drogas, recusando qualquer forma de atividade na sociedade e assim por diante.

Assim, estamos falando sobre se é possível para o homem, vivendo neste mundo, provocar uma revolução, uma revolução psicológica que criará um diferente tipo de sociedade, um diferente tipo de ordem. Necessitamos de ordem, pois existe muita desordem. A estrutura social inteira, tal como se apresenta, está baseada na desordem, na competição, na rivalidade, um passando por cima do outro, homem contra homem, divisões de classe, divisões raciais, divisões nacionais, divisões tribais e assim por diante, de modo que na sociedade, assim como está construí-

da, existe desordem. Não há dúvida quanto a isso. Várias formas de revolução – a russa e outras formas de revolução – tentaram produzir ordem na sociedade e invariavelmente falharam, como se vê na Rússia e na China. Mas necessitamos de ordem porque sem ela não podemos viver. Mesmo os animais demandam ordem. A ordem deles é a regra do comportamento territorial e a regra do comportamento sexual próprio da espécie. E também com todos nós, seres humanos, é a mesma regra do território e a norma sexual – e estamos dispostos a desistir da norma sexual pelos direitos sobre o território; e neste campo estamos tentando produzir ordem.

Agora, só pode haver ordem quando há liberdade – o oposto do que pensa a grande maioria. Quando não existe liberdade, existe desordem, conseqüentemente existe tirania, e existem ideologias impostas ao homem para produzir ordem, as quais no final das contas resultam em desordem. Assim, ordem implica disciplina. Mas disciplina, como em geral é entendida, é a disciplina baseada no conformismo, na obediência, na aceitação, ou produzida pelo medo, através da punição, através do poder tirânico muito forte para mantê-lo dentro da ordem. Então, estamos falando da disciplina que vem a partir da própria compreensão do que é a liberdade. A compreensão do que é liberdade origina a sua própria disciplina.

Assim, temos de compreender o que queremos dizer com estas duas palavras: "liberdade" e "compreensão". Geralmente, quando dizemos que compreendemos alguma coisa, é no sentido intelectual, verbal. Quando alguma coisa é claramente afirmada tanto em sua própria língua como numa língua estrangeira que ambos compreendemos, então vocês dizem: "Eu compreendi." Isto é, apenas uma parte da totalidade humana é usada quando vocês dizem: "Eu compreendo." Isso significa dizer que vocês compreendem as palavras intelectualmente, vocês compreendem o que o orador quis dizer. Entretanto, não queremos dizer, quando utilizamos a palavra "compreender", a compreensão intelectual de um conceito. Estamos usando a palavra "compreender" no seu sentido total – isto é, quando vocês compreendem alguma coisa, vocês agem. Quando com-

preendem que existe algum perigo, quando vêem um perigo muito nitidamente, há uma ação imediata. A ação da compreensão é sua própria disciplina. Desse modo, a pessoa tem que captar inteiramente o significado desta palavra "compreender". Quando compreendemos, percebemos, entendemos, vemos a coisa como ela é, existe a ação. E, para compreender alguma coisa, vocês têm que aplicar não apenas sua mente, sua razão, sua capacidade, mas também sua total atenção; de outro modo não há compreensão. Acho que isso está bastante claro.

Então estamos vendo que a compreensão da liberdade é inteiramente diferente de revolta. A revolta é uma reação contra a ordem estabelecida – como a revolta das pessoas que deixam o cabelo crescer e outras coisas. Elas se revoltam contra o padrão estabelecido; mas, quando se revoltam, aceitam o padrão no qual estão presas. Estamos falando da liberdade que não é revolta. Não é liberdade de alguma coisa, mas uma liberdade que está na própria compreensão da desordem. Por favor, acompanhem isto claramente. Na própria compreensão do que é desordem vem a liberdade, a qual origina a ordem, na qual existe disciplina.

Isto é, compreender negativamente é produzir uma ação positiva. A ordem não virá através da perseguição de um padrão positivo. Existe a desordem. Esta desordem é causada pelo homem que procura determinado padrão – um padrão social, um padrão ético, um padrão religioso, um padrão que está baseado na sua própria inclinação pessoal ou prazer e assim por diante. Quer dizer, esta sociedade está construída sobre uma abordagem aquisitiva da vida, na competitividade, na obediência, na autoridade – o que tem provocado desordem. Cada homem cuida de si próprio. O homem religioso persegue seus próprios objetivos, o político cuida de seus próprios interesses, embora fale coisas "pelo bem do país"; e o homem de negócios também zela pelos próprios interesses. Cada um cuida de seus interesses pessoais – isso é evidente. E portanto, ele cria a desordem. Há ideólogos que dizem que o homem está trabalhando para si mesmo e, por conseguinte, deveria trabalhar pelo país, pela sociedade como uma comunidade e assim por diante. Por essa razão, a ordem nos é imposta – o que traz a desordem. Historicamente isto é claramente ób-

vio. Desse modo, ao compreender a desordem – como cada ser humano cria desordem – não verbalmente, não intelectualmente, mas de fato, vendo realmente o fato do que ele está fazendo, então a partir dessa percepção, a partir dessa observação da realidade de "o que é", e na compreensão disso, existe uma disciplina que dá origem à ordem.

Então temos que compreender, entender a palavra "liberdade", a palavra "compreender" e também a palavra "ver". Nós vemos alguma coisa ou a vemos através da imagem que temos sobre essa coisa? Quando olham para uma árvore, vocês estão olhando para o fato real da árvore através da imagem que vocês têm sobre ela. Por favor, observem isso por si mesmo; se observem. Como vocês olham para a árvore? Façam isso agora, enquanto estamos falando. Vocês olham para ela com um pensamento; vocês dizem: "é uma palmeira; é esta árvore ou aquela árvore." O pensamento o impede de olhar para o fato real daquela árvore. Avance um pouco mais subjetivamente, mais para o interior. Vocês olham para sua esposa ou seu marido através da imagem que vocês criaram sobre essa pessoa. Obviamente porque viveram com ela ou com ele durante muitos anos e cultivaram uma imagem sobre ela ou ele. Assim vocês olham para o outro, através da imagem que vocês possuem, e a relação é entre as duas imagens que vocês cultivaram – não entre dois seres humanos. De maneira que não vêem de fato; mas uma imagem é que está vendo a outra.

E isto é muito importante perceber porque estamos lidando com relações humanas no mundo inteiro. Enquanto essas imagens permanecerem, não existirá relação; daí todo conflito entre os homens. É um fato real que cada um de nós está criando uma imagem sobre o outro, e que, quando olhamos para o outro, estamos olhando para a imagem que temos sobre ele ou que ele tem sobre nós. Vocês têm que ver esse fato. Ver é diferente de verbalizar a respeito disso. Quando vocês estão famintos, vocês sabem disso. Ninguém precisa lhes dizer que sentem fome. Agora, se alguém lhes disser que vocês estão com fome e vocês aceitam essa afirmação, isso tem um significado completamente diferente de estarem realmente com fome. Então, do mesmo modo, vocês têm realmente que

perceber que têm uma imagem sobre o outro e que, quando vocês vêem o outro como um hindu, como um muçulmano, como um comunista e assim por diante, toda a relação humana cessa, e vocês estão olhando apenas para a opinião que criaram sobre o outro.

De maneira que estamos perguntando se é mesmo possível causar uma revolução neste mecanismo de construção de imagens. Por favor, acompanhem isto e vejam as extraordinárias implicações envolvidas. Os seres humanos são condicionados pela sociedade, pela cultura em que vivem, pela religião, pelas pressões econômicas, pelo clima, pela alimentação, pelos livros e jornais que lêem. Eles estão condicionados, sua consciência inteira está condicionada. E vamos descobrir se existe alguma coisa além desse condicionamento. Mas vocês apenas podem descobrir se existe alguma coisa além desse condicionamento quando percebem que todo o pensar está dentro do padrão da consciência. Isso está claro? Agora vou prosseguir explicando um pouco mais.

Vejam, o homem sempre tem buscado alguma coisa além de si mesmo, uma alteridade; e chamou isso de "Deus", chamou de "superconsciência" e de todos os tipos de nomes. Ele começou a partir de um centro, o qual é a totalidade da sua consciência. Vejam, senhores, expressaremos isso de um modo diferente. A consciência do homem é o resultado do tempo. É o resultado da cultura na qual ele vive, a cultura como sendo a literatura, a música, a religião – e tudo isso o condicionou. E ele construiu a sociedade da qual está agora escravo. Isso está claro? Assim o homem é condicionado pela sociedade que ele construiu, e essa sociedade posteriormente o condiciona; e o homem está sempre buscando uma saída para isto, tanto consciente como inconscientemente. Conscientemente vocês meditam, lêem, vão a cerimônias religiosas e tudo o mais, tentando escapar deste condicionamento. Inconsciente ou conscientemente, existe uma sondagem para descobrir, uma procura por alguma coisa além das limitações da consciência.

O pensamento, que é resultado do tempo, está sempre investigando se pode ir além do seu próprio condicionamento e dizendo que isso pode ou isso não pode, ou afirmando que existe alguma coisa além. Assim, o

pensamento que é o resultado do tempo, o pensamento que é o campo inteiro da consciência – seja o consciente ou o inconsciente – nunca pode descobrir o novo. Porque ele é sempre o velho. Pensamento é a memória acumulada de muitos milênios. Ele é o resultado da herança animal. O pensamento é a experiência de ontem como memória. Por essa razão, o pensamento nunca pode ir além da limitação da consciência.

Assim, quando vocês olham para uma árvore, estão olhando para a imagem que o pensamento criou sobre aquela árvore. Quando vocês olham para sua esposa ou marido, ou para seu líder político, ou um guru religioso e tudo isso, estão olhando para a imagem que o pensamento criou sobre aquela pessoa. Portanto, não estão vendo qualquer coisa nova. E o pensamento é controlado pelo prazer. Funcionamos sob o princípio do prazer – o qual examinamos um pouquinho outro dia. O que estamos perguntando agora é se é mesmo possível ir além desta consciência limitada. E investigar acerca do pensamento é parte da meditação, que exige uma tremenda disciplina – não a disciplina do controle, repressão, imitação, seguir um método e todo o resto dessas coisas tolas.

Agora vou entrar neste processo da investigação. O orador vai entrar nele; mas, se quiserem fazer essa viagem com ele, precisam não apenas dar atenção ao que estiver dizendo, mas também seguir com ele, não verbalmente, mas de fato.

Vamos descobrir se existe uma região de inocência, uma inocência que não tenha absolutamente sido tocada pelo pensamento. Se eu posso olhar para aquela árvore como se fosse pela primeira vez, se posso olhar para o mundo com toda sua confusão, desgraças, sofrimentos, decepções, brutalidade, desonestidade, crueldade, guerras, a concepção toda do mundo como se fosse pela primeira vez – este é um assunto importante. Porque se eu puder olhar como se fosse pela primeira vez, minha ação será totalmente nova. A menos que a mente descubra esse campo de inocência, o que quer que faça – qualquer que seja a reforma social ou a atividade – estará sempre contaminado pelo pensamento porque ela será produto dele, e o pensamento é sempre velho.

E estamos perguntando se a consciência, sendo ela limitada, se algum movimento nessa consciência é um movimento do pensamento, consciente ou inconsciente. Quando vocês buscam Deus, a verdade, ainda é o pensamento procurando e, portanto, projetando-se em termos de reconhecimento daquilo que ele conheceu; logo, o que vocês estão procurando já é conhecido; conseqüentemente não estão absolutamente buscando. É muito importante entender isto. Por essa razão, toda busca deve cessar totalmente – o que significa realmente que vocês devem ver de fato "o que é". Isto é, quando vocês percebem que estão com raiva, com ciúmes, sendo competitivos, ávidos, egoístas, brutais, violentos, quando vocês vêem "o que é" realmente como é, não em termos de um ideal, então vocês eliminam o conflito completamente. A mente que está em conflito de qualquer espécie, em qualquer nível, torna-se insensível. Como duas pessoas discutindo todo o tempo – elas estão embotadas, estúpidas, tornam-se insensíveis. Qualquer conflito torna a mente insensível. Mas quando vocês vêem de fato "o que é", sem o seu oposto, então não existe nenhum conflito absolutamente.

Mostrarei a vocês o que quero dizer. O animal é violento. Os seres humanos, que são o resultado do animal, são também violentos; é próprio do seu ser ser violento, ser raivoso, ser ciumento, ser invejoso, buscar poder, posição, prestígio e tudo o mais, dominar, ser agressivo. O homem é violento – isso é demonstrado por milhares de guerras – e desenvolveu uma ideologia a qual ele chama de "não-violência". Por favor, acompanhem isto muito de perto. Este país, a Índia, tem falado incessantemente sobre isso; é um de seus absurdos ideológicos e fantasiosos. E quando existe a violência real, como uma guerra entre este país e o país vizinho, todo mundo está envolvido nela. Eles adoram isso. Então, quando vocês são de fato violentos e têm um ideal de não-violência, vocês têm um conflito. Estão sempre tentando tornar-se não-violentos – o que é uma parte do conflito. Vocês disciplinam a si mesmos a fim de não serem violentos – o que, novamente, é um conflito, atrito. Assim, quando se é violento e se possui o ideal da não-violência, você essencialmente é violento. Perceber que se é violento é a primeira coisa a fazer – não tentar

tornar-se não-violento. Ver a violência como ela é, não tentar convertê-la, discipliná-la, superá-la ou não reprimi-la, mas vê-la como se a visse pela primeira vez – isso é olhar para ela sem qualquer pensamento.

Já expliquei o que queremos dizer com olhar para a árvore com inocência – que é olhar para ela sem a imagem. Do mesmo modo, vocês têm que olhar para a violência sem a imagem que está envolvida na própria palavra. Olhá-la sem qualquer movimento de pensamento, é olhar como se estivesse olhando pela primeira vez e portanto olhando-a com inocência.

Espero que estejam entendendo porque é muito importante compreender isto. Se o homem puder remover totalmente o conflito de dentro de si mesmo, ele criará uma sociedade completamente diferente; e essa é uma revolução radical. Então estamos perguntando se o homem, essa entidade condicionada, pode romper todo esse condicionamento de modo que não seja mais um hindu, um muçulmano, um comunista ou um socialista, com opiniões e ideologias, e tudo isso se acabe. Isso só é possível quando vocês começam a ver as coisas como elas realmente são.

Vocês têm que ver a árvore como árvore, não como vocês pensam que a árvore é. Têm que olhar sua esposa ou seu marido de fato como ela ou ele é, não através da imagem que construíram sobre a pessoa. Desse modo estão sempre olhando para o fato, para "o que é", e não tentando interpretá-lo segundo suas inclinações pessoais, tendências, não guiado pelas circunstâncias. Somos controlados pelas circunstâncias, somos guiados por inclinações e tendências; e, conseqüentemente, nunca olhamos para "o que realmente é". Olhar para "o que de fato é" é inocência; a mente, então, experimentou uma tremenda revolução.

Não sei se estão acompanhando isto. Vocês ensinam a um menino que ele é um hindu, ensinam a um menino que ele é moreno ou negro, e a outro, que é um cristão. Vocês os ensinam e desse modo controlam-nos e os condicionam. Agora, o que estamos dizendo é que para romper esse condicionamento é necessário nunca pensar como um hindu, um muçul-

mano, um comunista ou como um cristão; mas como um ser humano que vê as coisas como elas são – o que significa realmente morrer.

Vocês sabem, a morte é, para a maioria de nós, uma coisa assustadora. O jovem e o velho ficam igualmente atemorizados pela morte por diversas razões. Estando amedrontados, inventamos várias teorias – reencarnação, ressurreição – e todos os tipos de fugas para o fato real de que existe a morte. A morte é alguma coisa desconhecida. Como vocês realmente não conhecem seu marido ou sua esposa, mas conhecem apenas a imagem que têm dele ou dela, assim também não conhecem nada a respeito da morte. Compreenderam isto? A morte é alguma coisa desconhecida, algo assustador. A entidade que vocês são foi condicionada e está cheia de suas próprias ansiedades, culpas, desgraças, sofrimentos, sua baixa capacidade de criatividade, seu talento para fazer isso ou aquilo; ela é tudo isso e tem medo de perder o que conhece, pois o seu censor é a própria essência do pensamento. Se não existe pensamento, não existe "eu", não existe medo absolutamente. Portanto o pensamento produziu este medo do desconhecido.

Existem dois aspectos envolvidos na morte. Não existe apenas o fim físico, mas também o fim psicológico. Dessa maneira o homem diz que existe uma alma que continua, diz que existe alguma coisa permanente em mim, em você, que continuará. Agora, esse estado permanente é criado pelo pensamento quer tenha sido o pensamento produzido por algum mestre da antiguidade, um escritor, um poeta ou um romancista – a quem vocês podem chamar de um homem religioso, repleto de teorias. Ele criou esta idéia da alma, de uma entidade permanente, através do pensamento. E nós perseguimos esse pensamento e ficamos presos por esse condicionamento. Como os comunistas – eles não acreditam em algo permanente; foram ensinados e pensam de acordo com isso. Da mesma forma como vocês foram ensinados a crer que existe algo permanente, eles foram ensinados a crer que não existe nada permanente. Ambos estão na mesma situação quer acreditem ou não. Ambos estão condicionados pela crença.

Além disso, existe outro ponto envolvido nisto, que é se o pensamento tem continuidade. O pensamento continua quando vocês dão força a ele. Isto é, pensar todo dia sobre si mesmo, sua família, seu país, seu trabalho, em ir para o trabalho, em trabalhar, trabalhar, pensar, pensar – fazendo isto vocês criaram um centro que é um feixe de memórias na forma de pensamento. E deve-se investigar se isso tem uma continuidade por si mesmo. Não vamos entrar nisso agora porque não há tempo.

A morte é uma coisa desconhecida. Podemos abordá-la com inocência? Compreendem? Posso olhar para a lua brilhando entre aquelas folhas, e ouvir aqueles corvos como se estivesse vendo e ouvindo pela primeira vez, com completa inocência em relação a tudo o que já conheci? Isso é morrer para tudo que conheci até ontem. Não carregar a memória de ontem é morrer. Vocês têm de fazer isso de fato – não teorizar indefinidamente sobre isso. Vocês o farão quando perceberem a importância disso. Então verão que não existe método, não existe sistema, pois assim que algo perigoso é percebido, age-se imediatamente. Do mesmo modo, verão que a mente que possui apenas a continuidade do que foi, possivelmente, nunca poderá criar uma coisa nova. Mesmo no campo da ciência, somente quando a mente está em completa quietude é que descobre algo totalmente novo. Portanto, morrer para o ontem, para as memórias, para as mágoas, para os prazeres, é tornar-se inocente; e a inocência é muito mais importante que a imortalidade. A inocência jamais pode ser tocada pelo pensamento, mas a imortalidade está coberta por ele.

O mecanismo de construir imagens surge por meio da energia, a energia cujo princípio é buscar o prazer. Isso é o que estamos fazendo, não é? Todos nós queremos prazer. E sobre esse princípio agimos. Nossa moralidade, nossa relação social, nossa procura pelo que se denomina Deus e tudo o mais – tudo isso está baseado no prazer e na gratificação desse prazer. E o prazer é a continuação do desejo por meio do pensamento.

Madame, por favor, não tome notas. Isso não é um exame para se tomar notas, ir para casa, pensar e então respondê-lo posteriormente. Estamos fazendo isso juntos. Vocês estão agindo e não possuem tempo.

Quando se está de fato vivendo, é agora, não amanhã. Se estiver acompanhando isto intensamente, não terá tempo para tomar notas. Por favor, escute.

Escutar significa aprender, e aprender não é acumulação. Isto é, quando vocês aprenderam, você agem a partir do que aprenderam; tal aprender é simplesmente uma acumulação. Novamente, tendo acumulado, de acordo com o que acumularam, vocês agem; e portanto estão criando atrito. Se escutam, não existe nada a fazer. Tudo que têm a fazer é escutar. Escutar como se olhassem para aquela árvore ou para aquela lua sem qualquer pensamento, sem qualquer interpretação. Apenas escutar; há grande beleza nisso. E esse escutar é o total abandono do eu. De outro modo vocês não podem escutar.

Somente quando estão apaixonados vocês escutam e não existe paixão quando vocês não podem renunciar totalmente a si mesmos em relação a algo. Do mesmo modo, se estiverem escutando com total renúncia, vocês fizeram tudo o que poderiam fazer porque estão vendo a verdade como ela é, a verdade de cada dia, de cada ação, de cada pensamento, de cada campo. Se vocês não sabem como ver a verdade do movimento de cada dia, a verdade de toda atividade, de todo trabalho, de todo pensamento, nunca irão além disso, vocês nunca descobrirão o que está além das limitações da consciência.

Portanto, como dissemos, a compreensão da liberdade traz sua própria disciplina e essa disciplina não é imitação, não é conformidade. Por exemplo, vocês olham para a morte muito atentamente; esse próprio olhar é disciplina. A consciência, como dissemos, é limitada, e esta limitação está dentro da faixa de atuação do pensamento. O pensamento não pode romper esta limitação; nenhuma psicanálise, nenhuma filosofia, nenhuma disciplina física romperá esse condicionamento. Isto só pode ser rompido quando todo o mecanismo do pensamento é entendido. O pensamento, como dissemos, é velho e nunca pode encontrar o novo. Quando o pensamento percebe que nada pode fazer, então o próprio pensamento chega ao fim. Portanto, há um rompimento da limitação da consciência.

E este rompimento é morrer para o velho. Isto não é uma teoria. Não aceitem isso nem o neguem. Não digam: "É uma idéia muito boa." Façam isso. Então descobrirão por vocês mesmos que no morrer para o ontem surge a inocência. E, a partir dessa inocência, existe um tipo de ação totalmente diferente. Enquanto os seres humanos não descobrirem isso, façam o que fizerem, todas as reformas, todas as adorações, todas as fugas, a adoração da riqueza – não têm absolutamente nenhum significado.

Onde há inocência, que só pode surgir com o abandono do ego, há amor. Sem amor e inocência não há vida; existe apenas tortura, apenas sofrimento, apenas conflito. E quando houver inocência e amor, vocês saberão que existe uma dimensão totalmente diferente sobre a qual ninguém pode lhe falar. Se lhe falam, não estão falando a verdade. Aquele que diz que sabe – não sabe. Mas um homem que compreendeu isto alcançou, misteriosa e involuntariamente, algo que é de uma dimensão totalmente diferente – como se eliminasse o espaço entre o observador e o objeto observado; esse estado é inteiramente diferente daquele estado no qual os dois são coisas distintas.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. XVII
Segunda Palestra em Bombaim, 1967

Autoconhecimento e Meditação

Nós estávamos falando outro dia, quando nos encontramos aqui, sobre a necessidade de uma revolução total – uma revolução tanto interior como exterior. Estávamos dizendo que a ordem é essencial para que haja paz no mundo, não somente ordem externa, mas principalmente ordem interna. Essa ordem não é mera rotina. Ordem é uma coisa viva que possivelmente não possa ser produzida por simples intelecção, por ideologias, por diferentes formas de comportamento compulsivo. Estávamos dizendo, também, que o pensamento, que tem sido o velho, não pode funcionar sem o padrão que estabeleceu no passado. O pensamento é sempre o velho. O pensamento não pode produzir ordem possivelmente porque ordem, como dissemos, é uma coisa viva. E é o pensamento que tem causado desordem no mundo.

Acho que investigamos isso suficientemente outro dia. Dissemos que devemos considerar não o que é a ordem, mas antes o que causa a desordem. Porque no momento em que pudermos compreender o que é a desordem e realmente perceber isso e ver não simplesmente de modo intelectual, mas de fato a estrutura inteira da desordem, então na compreensão total dessa desordem, a ordem acontecerá.

Acho que é importante compreendermos isto. Porque a maioria de nós acha que a ordem pode ser produzida pela repetição, que se você pu-

der ir a um escritório pelos próximos quarenta anos, ser um engenheiro ou um cientista que trabalhe numa rotina, você está produzindo ordem. Mas rotina não é ordem: rotina tem gerado desordem. Temos desordem tanto exterior como interiormente. Penso que não há dúvida sobre isso. Existe um caos geral tanto exterior como interiormente. O homem está tateando para descobrir uma saída deste caos, pedindo, exigindo, buscando novos líderes; e se ele consegue encontrar um novo líder, político ou religioso, ele o seguirá. Isto é, o homem está inclinado a seguir uma rotina, um propósito, um sistema, mecanicamente estabelecidos.

Mas, quando se observa como esta desordem veio à existência, se vê que onde quer que tenha havido autoridade, especialmente autoridade interior, deve haver desordem. Aceita-se a autoridade interior do outro, de um professor, de um guru, de um livro e assim por diante. Isto é, ao seguir o outro – seus preceitos, suas palavras, suas ordens e sua autoridade – de um modo mecânico, espera-se produzir ordem em seu próprio interior. A ordem é necessária para se ter paz. Mas a ordem que nós criamos na procura de, ou seguindo, uma autoridade gera desordem. Vocês podem observar o que está acontecendo no mundo, especialmente neste país onde a autoridade ainda impera, onde a autoridade interior, a exigência, o impulso de seguir alguém é muito forte e é uma parte da tradição, uma parte da cultura. Esse é o porquê de existirem tantos *ashrams*, pequenos ou grandes, que são realmente campos de concentração. Porque lá eles dizem a vocês exatamente o que fazer. Ali existe a autoridade dos assim chamados líderes espirituais. E como todos os campos de concentração, eles tentam destruí-los, tentam amoldá-los a um novo padrão. Os comunistas na Rússia, os regimes ditatoriais, produziram campos de concentração para mudar a opinião, para mudar o modo de pensar, para forçar o povo. E é isto exatamente o que está acontecendo. Quanto mais caos existe no mundo mais numerosos são os assim chamados *ashrams*, que são essencialmente campos de concentração para perverterem as pessoas, moldá-las, forçá-las a um determinado padrão, prometendo-lhes um futuro maravilhoso. E os estúpidos aceitam isto. Eles aceitam isto porque assim têm segurança física. O chefe, o comissá-

rio, o guru, a autoridade lhes diz exatamente o que fazer; e eles irão fazer isso de boa vontade porque lhes é prometido o paraíso ou o que quer que seja, e enquanto isso há segurança física. Esse tipo de obediência mecânica – toda obediência é mecânica – cria grande desordem, como se observa na história e nos eventos cotidianos da vida.

Assim, para a compreensão do que é a desordem, há que se compreender as causas dela. A causa primordial da desordem é a perseguição ou a busca de uma realidade que o outro promete. Como a maioria de nós está confusa e perturbada, preferiríamos seguir alguém mecanicamente que nos assegurará uma confortável vida espiritual. Uma das coisas mais curiosas é que politicamente somos contra a tirania, a ditadura. Quanto mais liberais, quanto mais civilizadas, mais livres as pessoas são, mais elas odeiam, detestam a tirania no âmbito político e econômico; mas interiormente elas aceitam a autoridade, a tirania de outro. Isto é, nós distorcemos nossas mentes, distorcemos nossos pensamentos e nosso modo de vida para amoldarmos a um certo padrão estabelecido pelo outro como o caminho que conduz à realidade. Quando fazemos isso, de fato estamos destruindo a clareza porque a claridade ou luz tem que ser encontrada pelo próprio indivíduo, não através do outro, não através de um livro ou de qualquer santo. Geralmente os santos são seres humanos desvirtuados. Porque eles levam a assim chamada vida simples, os outros ficam muito impressionados; mas suas mentes estão distorcidas e eles inventam o que acreditam ser a realidade.

Mas efetivamente para compreender a desordem tem que se compreender toda a estrutura da autoridade, não apenas interiormente, mas também exteriormente. Não se pode negar a autoridade externa. Ela é necessária. É essencial para qualquer sociedade civilizada. Mas o que estamos falando é sobre a autoridade do outro, incluindo essa do orador. Somente pode haver ordem quando nós compreendemos a desordem que cada um de nós produz, porque somos parte da sociedade, nós criamos a estrutura da sociedade e nela estamos aprisionados. Nós, como seres humanos que herdaram instintos animais, temos que descobrir, como seres humanos, a luz e a ordem. E não podemos encontrar a luz e a ordem ou

essa compreensão através do outro – não importa quem seja – porque a experiência de outro pode ser falsa. Todas as experiências devem ser questionadas, tanto as suas próprias como as do outro. A experiência é a continuação de um feixe de memórias que interpreta a resposta a um desafio de acordo com o seu condicionamento. Ou seja, a experiência é que responde a um desafio, e essa experiência somente pode responder de acordo com seus antecedentes. Se você é um hindu ou um muçulmano, ou um cristão, você é condicionado pela sua cultura, pela sua religião, e esse passado projeta todo tipo de experiência. E quanto mais engenhoso é a sua interpretação daquela experiência, mais você é respeitado, naturalmente, com tudo o que isso acompanha, a confusão toda.

Assim, devemos questionar, devemos duvidar, não somente da experiência do outro, mas também da nossa própria experiência. Procurar novas experiências através da expansão da consciência, o que está sendo feito através de vários tipos de drogas psicodélicas, ainda está dentro do campo da consciência e, portanto, é muito limitada. De modo que uma pessoa que esteja buscando experiência de qualquer tipo – especialmente a denominada religiosa, experiência espiritual – não somente deve questioná-la, duvidar dela, mas deve descartá-la totalmente. Uma mente que está muito clara, que está repleta de atenção e amor – por que uma mente assim deveria ter necessidade de qualquer outra experiência?

O que é verdade não pode ser provocado. Vocês podem praticar quantas orações, exercícios de respiração que quiserem, e todo o resto de truques que os seres humanos arranjam com o fim de encontrar uma certa realidade, uma certa experiência; mas a verdade não pode ser induzida. Aquilo que é mensurável pode surgir, mas não o que é incomensurável. E um homem que está perseguindo aquilo que não pode ser compreendido por uma mente que está condicionada gera desordem não somente no exterior, mas também interiormente.

Assim, a autoridade deve ser totalmente descartada, e essa é uma das coisas mais difíceis de ser feita. Desde a infância somos guiados pela autoridade – a autoridade da família, da mãe e do pai, a autoridade da escola, do professor e assim por diante. Deve haver a autoridade de um

cientista, a autoridade de um tecnólogo. Mas a denominada autoridade espiritual é algo maligno, e essa é uma das principais causas da desordem porque é ela que tem dividido o mundo em várias formas de religiões, em várias formas de ideologias.

Desse modo, para libertar a mente de toda a autoridade tem que haver um conhecer de si mesmo, isto é, o autoconhecimento. Eu não me refiro ao eu superior ou o Atmã, que são tudo invenções da mente, do pensamento, invenções nascidas do medo. Estamos falando do autoconhecimento: o conhecimento do eu de fato como ele é, não como ele deveria ser, ver que ele é estúpido, que está amedrontado, que é ambicioso, que é cruel, violento, ávido; ver os motivos que movem o próprio pensamento, os motivos que impulsionam a própria ação – esse é o início do processo de conhecer a si mesmo. Se vocês não conhecerem a si mesmos, como a estrutura da sua mente opera, como sentem, o que pensam, quais são os seus motivos, por que fazem determinadas coisas e evitam outras, como vocês estão perseguindo o prazer – a menos que vocês conheçam tudo isto fundamentalmente, vocês podem se iludir, podem causar muito dano, não somente a si mesmos, mas também aos outros. E sem este autoconhecimento básico não pode haver meditação, sobre a qual falarei agora.

Vocês sabem, os jovens em todo o mundo estão rejeitando, revoltando-se, contra a ordem estabelecida – uma ordem que resultou num mundo vil, monstruoso, caótico. Tem havido guerras e existem milhares de pessoas disputando um emprego. A sociedade tem sido construída pela geração passada com suas ambições, sua cobiça, sua violência, suas ideologias. As pessoas, especialmente os jovens, estão rejeitando todas as ideologias – talvez não neste país; pois não temos avançado o suficiente, não estamos civilizados o suficiente para rejeitar toda a autoridade, todas as ideologias. Mas ao rejeitar as ideologias eles estão criando o seu próprio padrão de ideologia: cabelos longos e todo o restante disso.

Desse modo, a simples revolta não soluciona o problema. O que resolve o problema é produzir ordem dentro de si mesmo, uma ordem que é vívida, não uma rotina. A rotina é mortal. Vocês vão para um escritório

no momento em que saem da universidade – se vocês conseguem um emprego. Então, pelos próximos quarenta a cinqüenta anos, vão para o escritório todos os dias. Vocês sabem o que acontece a uma mente assim? Vocês estabeleceram uma rotina e a repetem; e encorajam seu filho a fazer o mesmo. Qualquer homem vivo deve se revoltar contra isso. Mas vocês dirão, "Eu tenho responsabilidade; e na minha situação não posso deixá-lo ainda que desejasse fazê-lo." E assim o mundo segue, repetindo a monotonia, o tédio da vida, seu mais absoluto vazio. Contra tudo isso, a inteligência está se revoltando.

Assim, deve haver uma ordem nova, um modo de viver novo. Para causar essa ordem nova, esse modo de viver novo, devemos compreender a desordem. É somente por meio da negação que vocês compreendem o positivo, não pela perseguição do positivo. Entendem, senhores? Quando vocês negam, descartam, o que é negativo; quando vocês compreendem a totalidade da desordem sociológica e interna que os seres humanos têm criado; quando compreendem que enquanto cada ser humano for ambicioso, ávido, invejoso, competitivo, ansioso por posição, poder, autoridade, ele está criando desordem; e quando vocês compreendem a estrutura da desordem – essa mesma compreensão origina disciplina, não a disciplina da supressão, da limitação. A partir da negação surge a disciplina correta, que é ordem.

Portanto, compreender a si mesmo é o começo da sabedoria. Sabedoria não se encontra nos livros nem na experiência, nem seguindo qualquer um, nem na repetição de frases feitas. A sabedoria vem à mente que está compreendendo a si mesma, compreendendo como o pensamento é originado. Alguma vez já examinaram ou perguntaram: "Qual é a origem do pensamento? Como o pensamento é gerado?" Essa é uma coisa muito importante para se compreender. Porque se puderem compreender a origem do pensamento, então talvez vocês possam descobrir uma mente que não esteja sobrecarregada pelo pensamento como uma repetição daquilo que se passou. Como dissemos, o pensamento é sempre velho, o pensamento nunca é novo. A menos que vocês descubram por si mesmos – não repetindo o que alguém diz, não importa quem seja –, a

menos que descubram por si próprios o princípio do pensamento, como uma semente origina uma folha verde, possivelmente vocês não poderão ir além das limitações do ontem.

E para descobrir a origem do pensamento deve haver a compreensão de si mesmo, não por meio de análise. Análise requer tempo, como descascar as camadas de uma cebola uma a uma. Nós pensamos que podemos compreender por meio da análise, da introspecção, da perseguição de uma determinada idéia que seja levantada e examinando a causa dela – tudo isso requer tempo. Agora, quando vocês utilizam o tempo como um meio de compreensão, então o tempo gera desordem. Portanto o tempo é sofrimento. Vocês compreendem? Se se utilizam do tempo para ficarem livres da própria violência, vocês estabeleceram como um objetivo, como uma ideologia, que devem libertar-se da violência e que para alcançar essa meta vocês precisam de tempo, devem percorrer o espaço entre a violência e esse estado no qual não existe violência. Quando vocês se utilizam de tempo para libertar-se da violência, vocês estão semeando da violência o tempo todo – o que é um fato óbvio. Se dizem a si mesmos: "Eu não serei ambicioso quando atingir o auge da glória", nesse meio-tempo estão lançando as sementes da crueldade de um homem ambicioso. Dessa maneira, a compreensão de si mesmo não depende do tempo; ela deve ser instantânea. Vamos aprofundar um pouco nisso.

Estamos dizendo que o mundo como está agora, está em caos. Existem guerras, atividades repetitivas, a questão das igrejas – tudo isso tem gerado muito mal no mundo e a continuação de tudo isso é a desordem. Para ocasionar ordem devemos compreender a estrutura da desordem. E uma das estruturas fundamentais dessa desordem é a autoridade. Vocês buscam a autoridade por causa do medo e dizem: "Eu não sei; mas se você sabe, por favor me diga." Não há alguém que possa lhe dizer. Quando percebem isso e quando percebem que têm que descobrir tudo por si mesmos, interior e psicologicamente, então não há líder nem guru, nem filósofo, nem santo que o ajudará porque eles ainda estão operando no nível do pensamento. O pensamento sempre é velho, e o pensamento não é um guia.

Assim, vamos descobrir a origem, o começo do pensamento; e isso é importante. Por favor, escutem isso, não apenas meramente as palavras. Vocês sabem o que é escutar? Vocês escutam, mas não com o propósito de aprender. Não escutem para aprender, mas escutem com abnegação de modo que por si mesmos vejam o verdadeiro e o falso. Isso quer dizer que vocês nem aceitam e nem rejeitam. Não significa que tenham uma mente aberta como uma peneira que tudo atravesse e nada permaneça. Pelo contrário; porque estão escutando vocês estarão altamente sensíveis e, portanto, altamente críticos. Mas o criticismo de vocês não será baseado nas suas opiniões como oposição a uma outra opinião; esse é o processo do pensamento. Por favor, escutem do mesmo modo como escutam aqueles corvos, sem simpatia ou antipatia, apenas escutem o som daquele garoto martelando alguma coisa, sem se irritarem, sem perderem sua atenção. Quando escutarem assim, completamente, descobrirão que não têm mais nada a fazer. Apenas o homem que está parado às margens do rio é que especula sobre a beleza da correnteza. Quando tiverem deixado as margens e encontrarem-se na correnteza, então não existe especulação, não existe pensamento; existe somente o movimento.

Para compreenderem o que vamos aprofundar – que é a origem, o começo do pensamento – deve-se compreender a si mesmo; ou seja, deve-se aprender sobre si mesmo. Adquirir conhecimento sobre si mesmo e aprender sobre si mesmo são duas coisas diferentes. Vocês podem acumular conhecimento sobre si mesmos observando-se, examinando a si próprios. E a partir do que aprenderam, a partir dessa acumulação começam a agir; e conseqüentemente nessa ação vocês prosseguem adquirindo mais conhecimento. Compreendem? O que vocês aprenderam, o que acumularam, já é passado. Toda acumulação está no passado, e a partir do passado vocês começam a observar e acumular mais. Ao passo que aprender não é acumulação. Aprender é – como estar atento; vocês estão se movendo com a própria ação; portanto não há resíduo no seu aprender, mas sempre um aprender. Aprender é o presente ativo da palavra, não o seu gerúndio, aprendendo. Nós vamos aprender, mas não a partir do que foi acumulado. Ao aprender um idioma, vocês têm que

acumular. Vocês precisam conhecer as palavras, precisam conhecer os diversos verbos e assim por diante; e depois de terem aprendido, começar a usá-los. Aqui não se trata de nada disso. No ato de ver um perigo surge uma ação imediata. Ao perceber um perigo, como por exemplo um precipício, existe um ação instantânea.

De modo que o que vamos fazer é descobrir, compreender o começo, a origem do pensamento. E para fazer isso vocês precisam escutar e acompanhar, ou seja, devem prestar atenção. Atenção só é possível quando se está investigando profundamente – o que significa que se está de fato livre para investigar, que não se está preso ao que outras pessoas têm dito e assim por diante.

Agora, a totalidade da vida é energia, é um movimento infindável. E essa energia no seu movimento cria um padrão baseado na autoproteção e segurança – ou seja, sobrevivência. Energia, movimento, ficam aprisionados num padrão de sobrevivência e na repetição desse padrão – este é o início do pensamento. Pensamento é mente. Energia é movimento, esse movimento preso num padrão de sobrevivência; e a repetição da sobrevivência no sentimento de prazer, de medo – essa é a origem do pensamento.

O pensamento é a resposta da memória acumulada, padrões acumulados – que é o que você está fazendo como hindu, muçulmano, cristão, comunista, socialista e assim por diante. Funcionamos seguindo padrões, e a repetição desse padrão é a repetição do pensamento, repetindo-se muitas vezes novamente. Isso é o que você está fazendo como hindu, muçulmano ou parse – o padrão estabelecido pela repetição como sobrevivência, no formato de uma cultura como a hindu, a muçulmana ou a parse. Isto é o que está acontecendo realmente dentro de cada um de nós. O pensamento estabelece continuamente um padrão, e se o padrão velho não está adequado, estabelece-se outro. Se o capitalismo não está bom, então o comunismo está: esse é um novo padrão. Ou se o hinduísmo ou o cristianismo não é conveniente, vocês criam um outro padrão.

Desse modo, a repetição desses padrões condiciona as próprias células cerebrais, que são matéria. Pensamento é matéria. Vocês podem descobrir isso por si mesmos. Devem descobrir isso não porque o orador está lhes falando – isso não tem valor algum. É como se falassem a um homem que está faminto como a comida é maravilhosa e o alimentassem com teorias. Isso é o que está acontecendo neste país; vocês são alimentados com teorias e ideologias – a ideologia budista, a hindu, a ideologia de Shankaracharya e todo o resto disso. Por conseguinte suas mentes estão vazias. Vocês se nutrem de palavras; por isso existe desordem. Por essa razão tudo isso deve ser descartado de modo que iniciemos de uma nova maneira. Para se começar de uma nova maneira deve-se compreender toda esta estrutura do pensamento. Assim, vocês compreendem essa estrutura do pensamento somente quando começam a compreender a si mesmos como um movimento vivo – não "tendo que entender e ir adicionando mais conhecimento a isso"; e então tornando uma coisa morta. Vocês são seres vivos dentro de uma estrutura cultural; e essa cultura, essa tradição, essa autoridade lhes confina. E dentro dessa estrutura de consciência encontra-se a desordem. Compreender a totalidade desse processo e ir muito mais além – o que iremos fazer agora – é meditação.

A meditação não é a fórmula repetitiva de mantras, de respiração segundo regras, de sentar-se numa determinada postura, praticar um tipo de atenção, de contemplação – todas estas coisas são absolutamente mecânicas. Estamos falando de algo vivo. E vocês têm praticado estas coisas mecânicas por muitos séculos. Aqueles que as têm praticado estão mortos e suas visões são projeções do seu próprio passado, de seu próprio condicionamento. Mas estamos falando de uma meditação viva, não de uma meditação mecânica, repetitiva, disciplinadora. A menos que se saiba o que é meditação – igualmente, a menos que se saiba o que a morte é – não existe uma cultura nova, nada novo surge.

Vocês sabem, a cultura é uma das coisas mais maravilhosas, não a cultura morta sobre a qual falam incessantemente – a cultura indiana, a cultura hindu, essa está enterrada, passada, terminada. A cultura viva

é o que realmente está surgindo agora. Ver a confusão, a desordem, o terrível sofrimento e a partir daí crescer e florescer – isso é cultura, não o remontar aos seus antepassados mortos.

Portanto, vamos descobrir e fazer uma jornada juntos dentro desta questão do que é a meditação. Essa pergunta só pode ser feita quando se passou pelo conhecimento de si mesmo. Vocês não podem perguntar "O que é meditação?" a menos que se conheçam, tenham uma compreensão de si mesmos ou que tenham olhado para si o máximo possível. Como falei, "olhar para si mesmo" é instantâneo; sua totalidade é revelada no instante, não no tempo. De fato vocês podem ver com seus olhos uma árvore, uma flor, um ser humano próximo a vocês. Mas não podem ver a totalidade dessa árvore ou a totalidade do ser humano que está ao seu lado se tiverem uma imagem sobre essa árvore ou essa pessoa. Isto é óbvio. Somente quando não há imagem é que se pode ver inteiramente. A imagem é o observador, é o centro do qual vocês observam. Quando há um centro a partir do qual se observa, há um espaço entre o observador e o observado. Vocês não precisam prestar muita atenção ao que está sendo dito, isso pode ser observado por vocês mesmos. Enquanto existir uma imagem sobre sua esposa, sobre seu marido, sobre uma árvore, sobre qualquer coisa, é a imagem, que é o centro, que está olhando. De modo que existe uma separação entre o observador e o observado. Isto é importante compreender e vamos investigá-lo agora.

Antes de tudo, vamos remover idéias equivocadas sobre a concentração. Essa é uma das frases prediletas do meditador ou do professor que pratica ou ensina meditação, que as pessoas devem aprender a concentração – isto é, concentrar-se num pensamento, expulsar todos os outros e fixar sua mente nesse único pensamento. Fazer isso é a coisa mais absurda. Porque ao fazer isso vocês estão simplesmente resistindo, mantendo uma batalha entre a exigência de ter que concentrar-se num objeto e suas mentes vagueando por toda sorte de coisas. Enquanto vocês devem estar atentos não somente àquele pensamento em particular, mas também por onde a mente está vagueando, totalmente atento a cada movimento dela. Isso apenas é possível quando nenhum movimento é

negado, quando vocês não dizem: "Minha mente divaga, minha mente está distraída." Nada se parece com a distração. Porque, quando a mente divaga, isso indica que está interessada em outra coisa.

Assim, deve-se compreender a questão inteira do controle. Mas, infelizmente, não podemos nos aprofundar nisto esta tarde por não termos mais tempo. Nós, seres humanos, somos tão controlados, entidades mortas. Isto não significa que devemos dar vazão e fazermos tudo o que quisermos – o que de qualquer modo fazemos secretamente. Mas com o amor vem a disciplina. Assim, entrarei nesse assunto muito rapidamente.

Meditação não é o controle do pensamento. A meditação, quando o pensamento é controlado, somente gera conflito na mente. Mas quando vocês compreendem a estrutura e a origem do pensamento, então ele não interferirá, como expliquei a vocês agora há pouco. Conseqüentemente vocês verão que o pensamento tem o seu lugar – quer seja, você precisa ir ao escritório, você precisa ir para sua casa, falar uma língua; aí tem que funcionar o pensamento. Mas quando vocês compreendem a estrutura inteira do pensar, essa mesma compreensão da estrutura do pensar é a sua própria disciplina, que não é imitação, que não tem nada a ver com a supressão.

As células do cérebro têm sido condicionadas para sobreviverem dentro de um dado padrão, como hindu, muçulmano, parse, cristão, católico ou comunista. Como o cérebro tem sido condicionado para sobreviver séculos após séculos, ele possui o hábito da repetição; desse modo o cérebro por si próprio se transforma no fator principal de uma agitada busca. Vocês verão por si mesmos quando investigarem isso.

Assim o problema é produzir uma absoluta quietude nas próprias células cerebrais, o que não significa cessar a busca da importância e continuidade do eu. Vocês compreendem? Nós devemos sobreviver no nível físico e morrer no nível psicológico. É somente onde existe morte, no nível psicológico, dos milhares de dias passados que as células cerebrais se aquietam. E isto não vem através de qualquer forma de manipulação do pensamento ou repetição de mantras – tudo isso é imaturo. Mas

surge somente quando vocês compreendem todo o movimento do pensamento, que são vocês mesmos. De modo que as células cerebrais tornam-se extraordinariamente silenciosas, sem qualquer movimento, exceto para responder às reações externas.

Uma vez que o cérebro se aquieta, a totalidade da mente está completamente silente, e esse silêncio é uma coisa viva. Não é produto de nenhum guru, de nenhum livro, de nenhum *ashram*, de nenhum líder, de nenhuma autoridade ou de nenhuma droga. Você pode tomar uma droga, um remédio, para acalmar sua mente ou pode se auto-sugestionar para ficar tranqüilo. Mas essa não é a quietude viva de uma mente que penetrou profundamente em si mesma e portanto é tremendamente atenta e altamente sensível. Somente uma mente assim pode compreender o que é amor. Amor não é desejo ou prazer. Tudo o que temos é desejo e prazer, aos quais chamamos de amor. "Amo minha esposa, amo meu Deus", e assim por diante – tudo isso está baseado no medo, no prazer e na sensação.

Desse modo, o homem que compreendeu e realmente penetrou nisto originará ordem, primeiro, dentro de si mesmo. Se há ordem em si mesmo, há ordem no mundo. Se cada um desejar de fato produzir ordem em si mesmo, haverá uma ordem viva, uma nova sociedade, uma nova vida. Mas, para fazer isso, vocês têm que destruir os velhos padrões de vida. Esses velhos padrões não podem ser quebrados exceto através da compreensão de vocês mesmos, e a partir dessa compreensão surge o amor.

Vocês sabem, o homem tem falado incessantemente: ame ao próximo, ame a Deus, seja amável. Mas, presentemente, vocês não são nem amáveis nem generosos. Estão tão concentrados em si mesmos que não têm amor. E sem amor existe apenas sofrimento. Isto não é um mero aforismo para que o repitam. Vocês têm que descobri-lo, encontrá-lo. Têm que trabalhar arduamente para isso. Têm que lidar com a compreensão de si mesmos, incessantemente, com a paixão. A paixão não é luxúria; o homem que não sabe o que é a paixão nunca conhecerá o amor. O

amor somente pode nascer quando existe a renúncia total de si mesmo. E é somente o amor que pode originar ordem, uma nova cultura e uma nova forma de vida.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. XVII
Terceira Palestra em Bombaim, 1967

O Fim do Sofrimento

Esta é a última palestra. Penso que, durante os três últimos encontros que tivemos aqui, indicamos mais ou menos que direção deve-se tomar para fazer seu próprio caminho. Porque o mundo, como vemos atualmente, está se tornando cada vez mais caótico, mais violento, quase anárquico, anti-social. Há guerra, há tamanha exploração, eficiente desumanidade, má administração, maus governos e assim por diante. Podemos enumerar os muitos problemas que nós – cada um de nós – temos que enfrentar: um mundo que temos criado a partir de nossa ambição, de nosso sofrimento, conflito, e do desejo pelo prazer, da ânsia de dominar, de procurar obter uma posição.

Poderíamos seguir enumerando todos os muitos problemas com maior detalhe. Mas a descrição e a explicação têm muito pouco valor quando nos confrontamos com o problema. E infelizmente ficamos satisfeitos muito facilmente com as explicações. Achamos que as palavras de fato resolverão os problemas, e portanto existe uma imensa torrente de palavras, não apenas neste encontro, mas também pelo mundo inteiro. Todos falam incessantemente e existem inúmeras teorias, novas ideologias e, infelizmente, novos líderes – tanto políticos como religiosos – e todo tipo de propaganda para convencer o outro do que ele deveria fazer, do que ele deveria pensar. E como pensar é uma das coisas mais difíceis de descobrir. Nosso problema não é apenas social, econômico e assim

por diante, mas muito mais um problema religioso, um problema de crise de consciência. E, nesse assunto, torna-se quase sem sentido se depender de palavras, explicações, ou definições. Talvez estas conversações possam ter indicado não o que pensar, mas como pensar. Somos escravos da propaganda. O *Gita*, o Alcorão, a Bíblia, o padre, as teorias marxistas-leninistas, bem como as inúmeras ideologias, têm nos dito sobre o que pensar. Mas receio que não saibamos como pensar bem profundamente e perceber a limitação do pensamento.

Um de nossos maiores problemas, possivelmente o único, é o sofrimento. O homem tem tentado de todas as maneiras resolver, acabar com o sofrimento; tentou escapar dele, adorou-o, deu-lhe muitas explicações. Mas o homem, continuamente, do momento que nasce até morrer, vive neste sofrimento, nesta aflição. Parece-me que a menos que se resolva essa questão, não verbalmente, não por meio de idéias ou por explicações, mas realmente pulando fora da corrente deste interminável sofrimento, seus problemas se multiplicarão. Vocês podem ser muito ricos, podem ter poder, posição, prestígio, *status*, e serem muito talentosos, podem ter todos os cérebros do mundo, com muita informação, mas estou receoso de que todas essas coisas não vão resolver as exigências humanas, a urgência humana de resolver uma das questões mais fundamentais, que é o sofrimento. Porque no fim do sofrimento está o começo da sabedoria. Sabedoria – não esperteza, nem conhecimento, nem ideologias – vem somente com o fim do sofrimento; e sem sabedoria não podemos resolver nosso problema humano, não apenas exteriormente como também interiormente.

O homem, como se observa historicamente e também a partir de sua própria vida e sua atividade cotidiana, está aprisionado no princípio do prazer e do sofrimento. Nós somos guiados pelo prazer. A maioria de nós quer unicamente prazer e o perseguimos muito sutilmente. Quando buscamos a verdade – como as pessoas quando são religiosas dizem fazer – ainda assim estamos buscando este princípio do prazer. Onde há qualquer forma de prazer, deve haver também o sofrimento: um não pode ser perseguido sem o outro. Não existe somente o prazer sensual,

deleite sensual, mas também – se o indivíduo é um pouco mais refinado, um pouco mais culto, um pouco mais intelectual – o prazer de promover reformas, de fazer caridade, de transformar a sociedade. Escrever livros, entrar para a política e outras incontáveis atividades que preencham o desejo – tudo isso é a continuação do prazer. Se o indivíduo observa sua própria vida, se estiver de algum modo atento, mesmo casualmente, descobrirá que somos guiados por nossa inclinação, por nossa tendência. Inclinação e tendência são os resultados desta constante demanda por maior satisfação de prazer. No fim de tudo, toda virtude está baseada no princípio do prazer. Sem compreender este prazer não existe o fim do sofrimento. Eu gostaria de investigar isso mais profundamente.

É a vida em sua totalidade um prazer? É a vida como um todo um conflito e um sofrimento, uma série interminável de batalhas, internas e externas? Uma vida que se transformou num campo de batalha – isso é tudo o que sabemos. Podemos formular teorias, falar incessantemente sobre conceitos teológicos, melhorias sociais, e criticar sobre o porvir. Mas, me parece que, a menos que compreendamos esta extraordinária demanda por prazer, ficaremos aprisionados na corrente do conflito e do sofrimento intermináveis. Compreender o prazer não é negá-lo, porque o prazer é uma das exigências básicas da vida, como a alegria. Quando vocês vêem uma bela árvore, um adorável pôr-do-sol, um lindo sorriso numa face, a luz sobre uma folha, então vocês realmente se regozijam, experimentam um grande deleite.

A beleza é algo que não é prazer. O sentimento da beleza não está num edifício, num retrato, num poema, em segurar a mão de alguém, em observar uma montanha ou um rio – estas ainda são sensações, não obstante prazerosas. A beleza é algo inteiramente diferente. Para compreender realmente o que é a beleza – não intelectualmente, não verbalmente – deve-se compreender o prazer.

Como vocês já sabem, o homem tem negado o prazer no mundo todo por meio de uma religião, do culto de uma idéia, por intermédio dos santos e missionários, dos *sanyasis* e monges. Eles têm negado cons-

tantemente o prazer ao homem. Afirmam que é errado, que é uma coisa má, algo a ser deixado de lado. Dizem que uma mente que está preenchida pelo prazer ou que está buscando-o jamais pode encontrar a realidade, Deus, e que portanto você deveria se penitenciar. Mas tais pessoas chegam a Deus com uma mente distorcida, aflita, mesquinha, limitada. Uma mente que tem sido oprimida pela sociedade, pela cultura, que há muito tempo deixou de ser uma mente livre, viva, vibrante, destemida. E a maioria das mentes humanas está atormentada. Eles podem não saber disso, não estar conscientes disso. Podem estar tão ocupados com suas famílias, com o ganho para o sustento, com a obtenção de uma posição, que não estão atentos ao conteúdo total do seu ser.

O homem está sempre buscando: buscando um propósito, um objetivo, satisfação; e a satisfação suprema que ele denomina Deus. Assim, estamos sempre buscando, buscando, buscando. Estamos sempre sentindo que alguma coisa está nos faltando e por isso tentamos preencher essa lacuna dentro de nós, essa solidão, esse vazio, essa existência tediosa, exaustiva e sem sentido com uma grande quantidade de idéias, de significados, de propósitos e, em última análise, buscando satisfação num estado permanente que nunca será perturbado. E a esse estado de permanência damos milhares de nomes – Deus, samadi e assim por diante; pode-se inventá-los. Estamos incessantemente buscando e nunca perguntamos por que estamos buscando. A resposta óbvia é que estamos insatisfeitos, desgostosos, infelizes, solitários, carentes de afeto, amedrontados. Precisamos de alguma coisa para nos agarrar, precisamos de alguém que nos proteja – o pai, a mãe e assim por diante –, por isso estamos buscando. Quando estamos buscando, sempre encontramos. Infelizmente, sempre encontraremos quando estivermos buscando.

Portanto, a primeira coisa é não buscar. Vocês compreendem? Tem sido dito a todos vocês que devem buscar, experimentar com a verdade, descobrir a verdade, tratar de encontrá-la, ir atrás dela, persegui-la, e que devem disciplinar-se, autocontrolar-se. E então vem alguém e diz: "Não faça nada disso. Não busque em absoluto". Naturalmente, sua reação é ou pedir que vá embora ou dar as costas a ele, ou descobrir por si

mesmo por que ele diz tal coisa – não aceitar nem negar, mas questionar. E o que vocês estão buscando?

Investiguem sobre si mesmos. Vocês estão buscando, estão dizendo que interiormente algo está faltando nesta vida – não no nível da técnica ou um emprego trivial ou mais dinheiro. O que é isso que estamos buscando? Estamos buscando porque dentro de nós existe uma profunda insatisfação com nossa família, com a sociedade, com a cultura, com nós mesmos, e queremos satisfazer, ir além desse descontentamento que corrói e que está nos destruindo. E por que estamos descontentes? Sei que o descontentamento pode ser satisfeito muito facilmente. Dê a um jovem que tem estado descontente – um comunista ou um revolucionário – um bom emprego e ele se esquece de tudo isso. Dê a ele uma bela casa, um belo carro, um belo jardim, uma boa posição e você verá que o descontentamento desaparece. Se ele puder alcançar um êxito ideológico esse descontentamento também desaparece. Mas vocês nunca perguntam por que estão descontentes as pessoas que já têm emprego e querem outro melhor. Devemos compreender a causa primordial do descontentamento antes de podermos examinar toda a estrutura e o significado do prazer e, portanto, do sofrimento.

Como vocês já sabem, senhores, desde a época escolar até quando se morre, somos educados, somos condicionados na comparação. Eu me comparo com outra pessoa. Observem-se; por favor, escutem ao que estou dizendo e vejam como sua mente trabalha. Vocês têm duas tarefas: não apenas ouvir o orador, mas também, ao escutá-lo, observar realmente o seu próprio estado mental. Assim, precisam de certa atenção, certa consciência tanto do orador como do que ele está falando, e observar a si mesmos. Mas, se estiverem escutando – escutando realmente no sentido de não tentar compreender, não tentando interpretar o que o orador está dizendo, não condenando, não ajustando, não negando ou aceitando –, verão que não há nem orador nem vocês mesmos, mas que existe somente o fato, somente "o que é". Essa é a arte de escutar: não escutar ao orador ou às suas próprias opiniões e julgamentos, mas "o que realmente é". Sempre estamos nos comparando com outra pessoa.

Se eu sou obtuso, quero ser mais esperto. Se sou superficial, quero ser mais profundo. Se sou ignorante, quero ser mais talentoso, mais instruído. Estou sempre me comparando, medindo a mim mesmo em contraste com o outro – um carro melhor, uma comida melhor, uma casa melhor, uma maneira melhor de pensar. A comparação produz conflito. E vocês chegam à compreensão por meio da comparação? Quando comparam dois quadros, duas peças musicais, dois poentes, quando comparam uma árvore com outra árvore, vocês compreendem um ou outro? Ou compreendem algo somente quando não existe absolutamente nenhuma comparação?

Assim, é possível viver sem nenhum tipo de comparação, nunca interpretando a si mesmo em termos comparativos com um outro, com alguma idéia ou algum herói, com algum exemplo? Porque quando vocês estão comparando, quando estão se medindo com "o que deveria ser", ou "o que foi", vocês não estão vendo "o que é". Por favor, escutem isto. É muito simples e por essa razão vocês, sendo inteligentes, astutos, deixarão escapar isso. Estamos perguntando se é possível viver neste mundo sem qualquer tipo de comparação. Não digam que não. Vocês jamais fizeram isso. Não digam: "Eu não posso fazê-lo, é impossível porque todo o meu condicionamento é para comparar." Numa sala de aula um menino é comparado com o outro e o professor diz: "Você não é tão inteligente como aquele garoto". O professor destrói A quando está comparando A com B. Esse processo segue por toda a vida.

Pensamos que a comparação é essencial para o progresso, para a compreensão, para o desenvolvimento intelectual. Eu não penso que seja. Quando estão comparando um quadro com outro, vocês não estão olhando para nenhum deles. Somente quando não há comparação é que se pode olhar para um quadro. Assim, da mesma forma, é possível viver uma vida nunca comparando, psicologicamente, vocês mesmos com outro? Nunca comparando com Rama, Sita, Gita, quem quer seja, com o herói, com seus deuses, com seus ideais. Uma mente que não está comparando de nenhum modo torna-se excepcionalmente ativa, extraordinariamente viva, porque então está olhando para "o que é".

Observem, senhores, eu sou superficial; comparo-me com outro que supõe-se ser mais sagaz, capaz, e profundo em seu pensar e no seu modo de viver. Eu, sendo superficial, restrito, limitado, me comparo com essa pessoa e me esforço para ser como ela. Imito, cito, sigo e tento destruir a mim mesmo a fim de ser igual a ela; e este conflito continua indefinidamente. Então, se não existir nenhuma comparação, como saberei que sou obtuso? Por que você me diz? Por que não consigo arranjar um emprego? Por que não vou bem na escola? Como saberei se sou embotado se não houver comparação? Portanto, sou o que sou; estou naquele estado a partir do qual posso mover-me, posso descobrir, posso mudar. Mas quando estou me comparando com outra pessoa, a mudança será invariavelmente superficial. Por favor, prestem atenção a tudo isso, isso é a vida de vocês. Ao passo que se não existir comparação, "o que é" se mostra; e a partir disso atuo. Este é um dos princípios fundamentais da vida, que a vida moderna condicionou o homem a comparar, competir, lutar incessantemente, aprisionado numa batalha com o outro. Só posso olhar para "o que é" quando não há comparação. Desse modo compreendo, não verbalmente, mas de fato, que a comparação é a coisa mais infantil, imatura.

Senhores, onde existe amor há comparação? Quando vocês amam alguém com seu coração, com sua mente e seu corpo, com todo o seu ser – não são possessivos, não são dominadores, não dizem "É meu" – existe alguma comparação? Somente quando não existe comparação,vocês podem olhar para "o que é". Se entendermos isso, então podemos proceder para descobrir, investigar a estrutura inteira do prazer.

Não comparar "o que é", não somente com o futuro, mas também com o que foi no passado – isso requer uma tremenda atenção. Vocês compreendem? Ontem tive um prazer – um prazer sensual, uma idéia que proporcionou luz extraordinária, uma nuvem que vi cheia de luz, mas que agora não vejo em absoluto – e quero tê-la de volta. Desse modo, comparo o presente com o que foi e sigo a comparar o presente com o que deveria ser. Libertar-se dessa avaliação comparativa requer inteligência e sensibilidade extraordinárias. Deve-se possuir a mais com-

pleta inteligência e sensibilidade; só então se pode compreender "o que é". Então vocês percebem que estão apaixonados e possuem a energia para investigar "o que é". Mas perdem essa energia quando estão comparando "o que é" com "o que foi" ou "o que deveria ser".

Agora, espero que esteja claro – não intelectualmente porque isso não tem nenhum significado; nesse caso seria melhor se levantar e ir embora. Mas se vocês realmente compreenderam isso, então podem observar o prazer; não o comparar com o prazer que tiveram ontem ou com o prazer que terão amanhã, mas observar a própria mente que está buscando prazer. O homem tem que compreender esse princípio do prazer, não apenas dizer: "Eu quero prazer." Se vocês quiserem prazer, devem também ter dor e sofrimento com ele; não podem ter um sem o outro. E se vocês perseguem o prazer sob qualquer forma, estão criando um mundo de conflito. Quando dizem: "Eu sou hindu" – vocês sabem, todos aqueles rótulos que se dá a si mesmo – então vocês se tornam muito importantes. Igualmente, quando adoram um rio, vocês negam todos os demais rios; quando uma família torna-se muito importante, vocês negam todas as demais famílias, e é por essa razão que as famílias são um perigo; quando vocês adoram uma árvore, um deus, então negam todas as árvores, todos os deuses. E é isso que está acontecendo: quando adoram sua própria e pequena nação em particular, então negam todas as outras nações; então estão dispostos a lutar, a ir à batalha e matarem uns aos outros.

Assim, o prazer está incrustado na adoração aos deuses, na procura da verdade, ao dizer: "minha nação", "minha família", "minha posição"; em tudo isso o prazer está envolvido e este prazer está criando danos incalculáveis. Temos que compreender isso, não negá-lo, porque no momento em que vocês o negam, é como cortar fora o seu braço ou cegar a si mesmo de modo a não ter mais prazer ao ver uma bela nuvem, uma linda mulher ou uma árvore encantadora. Assim, temos que compreender a extraordinária importância do prazer e como ele é gerado. E quando se compreende isso, vocês percebem qual o significado que o prazer tem, como vamos ver agora.

Como vocês sabem, os religiosos do mundo têm dito que não devemos ter desejo. E uma das máximas dessas pessoas ditas religiosas é que devemos nos esforçar para não ter ou sentir desejo. Isso é um absurdo completo porque quando vocês vêem alguma coisa, vocês já têm desejo. O desejo é uma reação. Quando vocês vêem uma cor brilhante, olham-na. Vocês sabem, uma das coisas mais belas é a cor, a cor é Deus. Olhem para ela, não digam: "eu gosto do vermelho" ou "eu gosto do azul", mas apenas observem a cor de uma nuvem, a cor de um sári, a cor de uma folha que acaba de brotar na primavera. Quando efetivamente prestarem atenção vocês descobrirão que não existe prazer algum, mas pura beleza. A beleza, como o amor, não é desejo, não é prazer.

E é importante compreender toda esta questão do desejo, que é muito simples. Eu não sei por que as pessoas fazem tanto alarde sobre isso. Vocês podem ver como ele é gerado. Existe a percepção; então a sensação, o contato e o desejo. Estão seguindo? Vejo um belo carro – primeiro, a percepção. Logo a sensação do mesmo, então você o toca e há o desejo de possuí-lo – desejo. Primeiro o ver, depois a percepção; então a observação, o contato, o desejo. É simples assim. Agora o problema começa. Então o pensamento entra e pensa sobre esse desejo, o qual se converte em prazer. Isto é, senhores, vejo uma bonita montanha com vales profundos, coberta com neve, brilhante sob a luz da manhã, distante e cheia de esplendor. Eu a vejo. Então o pensamento começa a dizer: "Que bonita! Gostaria de ficar observando-a sempre!" O pensamento – que é a memória respondendo ao que é visto – diz: "Eu gostaria de viver ali!" Ou vejo uma bela face; penso sobre essa face; em seguida o pensar constantemente sobre ela cria o prazer. Vocês pensam no sexo – o prazer que tiveram, na imagem – quanto mais pensam nele, maior é o prazer; resultando assim no desejo. O pensamento produz a continuidade do prazer. É muito fácil de se compreender quando ele é examinado.

Então pergunta-se: "É possível o pensamento não tocar o desejo?" Estão acompanhando? Esse é o problema de vocês. Quando vocês vêem algo extraordinariamente belo, cheio de vida e beleza, vocês não devem

permitir que o pensamento intervenha porque no momento em que o pensamento o toca, sendo ele passado, o corromperá transformando-o em prazer e, por conseguinte, origina-se aí a necessidade de obter cada vez mais prazer; e quando ele não é fornecido, existe o conflito, existe o medo. Assim, é possível olhar para uma coisa sem o pensamento? Para olhar vocês devem estar tremendamente vivos, não paralisados. Mas os religiosos lhes disseram: "Fiquem imobilizados, impotentes, para alcançar a realidade." Mas vocês nunca podem atingir a realidade enfraquecidos. Para ver a realidade, deve-se ter uma mente clara, não corrompida, inocente, não confusa, não torturada, livre; só então pode-se ver a realidade. Se vocês vêem uma árvore, devem olhá-la com olhos límpidos, sem a imagem. Quando o pensamento pensa no desejo – e o pensamento sempre pensará no desejo – a partir disso, obtém prazer. Existe a imagem que o pensamento criou sobre o objeto e o constante pensar sobre essa imagem, esse símbolo, essa representação, dá origem ao prazer. Vocês vêem uma pessoa bonita, observam-na. O pensamento diz: "É uma pessoa bonita, é uma pessoa atraente, tem um belo cabelo." Começam a pensar nela e isso é prazeroso.

Ver algo sem o pensamento não significa que vocês deveriam parar de pensar – esse não é o ponto. Mas devem estar atentos quando o pensamento intervém com o desejo, sabendo que o desejo é percepção, sensação, contato. Devem estar conscientes do mecanismo inteiro do desejo e também quando o pensamento precipita-se instantaneamente sobre ele. E isso requer não apenas inteligência, mas um estado de atenção de modo que vocês estejam conscientes quando vêem algo extraordinariamente belo ou extraordinariamente feio. Então a mente não está comparando: beleza não é feiúra, e feiúra não é beleza. Assim, com a compreensão do prazer vocês podem investigar o sofrimento.

Sem conhecer o que é o sofrimento, façam o que fizerem – galguem a mais alta escala social; escala burocrática, religiosa ou política –, vocês estarão sempre criando desordem ainda que seja em nome de Deus ou em nome do seu país, seu partido, sua sociedade ou sua ideologia; vocês serão vendedores de discórdia. Isto é óbvio.

Então, o que é o sofrimento? Novamente, por favor, olhem para "o que é", não para "o que deveria ser". Porque agora, se vocês penetrarem nisso, não estão mais comparando, mas estão realmente olhando para "o que é". Portanto, vocês têm energia para olhar e essa energia não está sendo dissipada na comparação. Um dos problemas do homem é como ter energia. Novamente, os religiosos com suas mentes estreitas e mesquinhas têm dito: "Para ter energia você deve ser um celibatário; para ter energia deve passar fome, jejuar, comer uma refeição ao dia, vestir uma tanga, levantar às duas da manhã e rezar" – tudo isso é estupidez porque desse modo estão destruindo a si mesmos, estão destruindo a energia. A energia surge quando vocês observam realmente "o que é", o que significa nenhuma dissipação de energia com comparação.

Estamos perguntando: "O que é o sofrimento?" O homem tem tentado superar o sofrimento de muitas maneiras – mediante a adoração, por meio de fugas, da bebida, do entretenimento – mas ele está sempre aí. O sofrimento deve ser compreendido como se compreenderia qualquer outra coisa. Não o neguem, não o reprimam, não tentem superá-lo, mas compreendam-no, observem o que ele é. O que é o sofrimento? Vocês sabem o que é o sofrimento? Devo eu dizê-lo? Sofrimento é quando se perde alguém que se acredita amar; sofrimento é quando você não pode se realizar total ou completamente; sofrimento é quando lhe é negada uma oportunidade, uma capacidade; sofrimento é quando você quer realizar-se e não há maneira de fazê-lo; sofrimento é quando se é confrontado pela sua própria e absoluta vacuidade, solidão; e o sofrimento está carregado de autopiedade. Vocês sabem o que é "autopiedade"? Autopiedade é quando se queixa sobre si mesmo consciente ou inconscientemente, quando está compadecendo-se de si mesmo, quando diz: "Dada minha posição, não posso fazer nada diante da situação em que estou"; quando chama pragas sobre si mesmo, lamentando sua própria sorte. E, por isso, há sofrimento.

Para compreender o sofrimento, primeiro, deve-se estar consciente desta autopiedade. Este é um dos fatores do sofrimento. Quando alguém morre vocês são deixados e tornam-se conscientes do quão solitários

estão. Ou se alguém morre, vocês são deixados sem nenhum dinheiro, estão inseguros. Vocês viveram dependendo dos outros e começam a lamentar, começam a ter autopiedade. De modo que uma das causas do sofrimento é a autopiedade. Isso é um fato igual ao fato de que está só; isso é "o que é". Observem a autopiedade, não tentem dominá-la, não a neguem nem digam: "O que vou fazer com ela?" O fato é: há a autopiedade. O fato é: vocês estão sozinhos. Podem olhar para isso sem qualquer comparação de como estavam extraordinariamente seguros ontem quando tinham aquele dinheiro, aquela pessoa ou aquela capacidade – o que quer que seja? Apenas observem isso; então verão que não há espaço algum para a autopiedade. Isso não significa que vocês aceitem a situação como ela está.

Uma das causas do sofrimento é a extraordinária solidão do homem. Vocês podem ter companheiros, podem ter deuses, podem ter muito conhecimento, podem ser extraordinariamente ativos na sociedade, tagarelar indefinidamente sobre política – e a maioria dos políticos tagarela de todo o jeito – e esta solidão ainda permanecer. Portanto, o homem busca encontrar um sentido na vida e inventa um sentido, um significado. Mas a solidão ainda permanece. Desse modo, podem vocês observá-la sem qualquer comparação, apenas olhá-la assim como ela é, sem recusar-se a encará-la, sem tentar ocultá-la ou escapar dela? Então vocês verão que a solidão se converte em algo inteiramente diferente.

O homem deve estar sozinho. Nós não estamos sozinhos. Somos o resultado de milhares de influências, de milhares de condicionamentos, de heranças psicológicas, de propaganda, da cultura. Não estamos sozinhos e portanto somos seres humanos de segunda mão. Quando se está só, totalmente sozinho, não pertencendo a nenhuma família, ainda que se possa ter uma família, nem pertencendo a nenhuma nação, nenhuma cultura ou qualquer compromisso específico, há a sensação de ser um estranho – alheio a toda forma de pensamento, ação, família, nação. E é somente aquele que está completamente solitário que é inocente. É esta inocência que liberta a mente do sofrimento.

E uma mente repleta de sofrimento nunca saberá o que é o amor. Vocês sabem o que é o amor? Não há amor quando há espaço entre o observador e o observado.

Você sabe o que é o espaço? O espaço entre você e aquela árvore, entre você e o que você pensa que você deveria ser. Existe espaço quando existe o centro e o observador. Vocês compreendem isto? Novamente, isto é muito simples e bem mais adiante torna-se extraordinariamente complexo. Mas comecem primeiramente pela maneira simples. Existe este microfone em frente do orador. Este microfone está no espaço. Mas o microfone também cria o espaço. Existe uma casa com quatro paredes. Existe não somente o espaço fora, mas existe também o espaço dentro das quatro paredes. E existe espaço entre vocês e a árvore, entre vocês e o seu vizinho, sua esposa, seu marido ou qualquer um, este espaço implica que existe um centro que cria o espaço. Vocês estão acompanhando isto? Quando vocês olham as estrelas, existe vocês que estão olhando as estrelas e o maravilhoso céu do anoitecer com estrelas brilhantes, claro, o ar fresco. Ou seja, você, o observador, e o observado.

Então vocês são o centro que estão criando o espaço. Quando observam essa árvore vocês têm uma imagem sobre si mesmos e sobre a árvore; essa imagem é o centro que está observando e portanto existe espaço. E como dissemos, há amor quando não existe espaço – isto é, quando não existe o espaço que o observador cria entre ele próprio e a árvore. Você tem uma imagem sobre sua esposa e sua esposa tem uma imagem sobre você. Vocês construíram essa imagem durante dez anos, dois anos ou um dia, por meio do prazer dela e do seu, com base nas suas ofensas e nas dela; ela foi construída por meio da discórdia, dominação e tudo o mais. E o contato entre estas duas imagens é denominado "relacionamento". É somente quando não existe imagem que há amor – o que significa que não existe espaço, não existe espaço sensual ou físico; mas que interiormente não existe espaço, exatamente como há beleza quando não existe espaço.

Existe espaço quando não existe a renúncia de si mesmo. Vejam, estamos falando sobre algo que vocês não compreendem. Vocês nunca

fizeram isso. Nunca eliminaram o espaço entre você e sua esposa, entre si mesmo e a árvore ou entre si mesmo e as estrelas, o céu ou as nuvens; vocês nunca observaram verdadeiramente. Não conhecem a beleza porque não conhecem o que é o amor. Vocês falam sobre ele, escrevem sobre ele, mas nunca o sentiram porque nunca conheceram, exceto em raros intervalos, essa total renúncia de si mesmo. Porque é esse centro que cria o espaço ao seu redor. E enquanto existir esse espaço, não há nem amor nem beleza. É por causa disso que nossas vidas estão tão vazias, tão insensíveis.

Vocês vão a um escritório – não sei por que – e dizem: "Preciso ir porque tenho responsabilidades, tenho que ganhar dinheiro, tenho que sustentar minha família." Não sei por que vocês precisam fazer alguma coisa. Vocês são escravos, isso é tudo. Nunca observaram quando estão olhando uma árvore ou o rosto de uma pessoa em frente a vocês. Quando observam esse rosto, estão olhando a partir de um centro. O centro cria o espaço entre vocês e essa pessoa. E para fazer esse espaço desaparecer as pessoas estão tomando drogas como o LSD. Quando se toma essa droga, ela torna sua mente extraordinariamente sensível; ocorre uma alteração química e então vocês percebem esse espaço desaparecer completamente. Não que eu tenha tomado. (Risos) Esses são meios artificiais e, conseqüentemente, não verdadeiros. Todos são meios para alegria, felicidade e êxtase momentâneos. Vocês não podem conseguir dessa maneira.

Desse modo, sem amor e beleza, não há verdade. Seus santos, seus deuses, sacerdotes e livros têm negado isto. É por isso que vocês se encontram num estado tão lamentável. Vocês prefeririam falar sobre o *Gita*, o Alcorão, a Bíblia, do que sobre o amor. Isto significa que observam as estradas sujas, a miséria, a imundície ao longo das mesmas e toleram isso. Vocês cooperam com o lixo e não sabem quando não cooperar. Vocês cooperam com o sistema, e não sabem quando dizer: "Não, não cooperarei e não importa o que aconteça." Mas quando vocês falam dessa maneira é porque vocês amam, porque possuem a beleza, não porque se revoltam. Por conseguinte vocês saberão, quando fizerem isto, que há

beleza, amor e existe a percepção de "o que é", que é amor. Então a mente pode ir incomensuravelmente além de si mesma.

Mas vocês precisam trabalhar, têm que trabalhar impetuosamente todo dia, visto que vão diariamente para o seu serviço. Têm que trabalhar duramente, não para obter amor porque não se pode obter amor como tampouco se pode conseguir a humildade – somente o homem vaidoso é que fala e alcança a humildade, mas ele é sempre presunçoso. Como a humildade, não se pode cultivar o amor nem a beleza; sem estar atentos, vocês não podem ver o que é a verdade. Mas se estiverem conscientes – não algum estado de ser consciente de natureza misteriosa –, se estiverem simplesmente atentos ao que estão fazendo, ao que estão pensando, de como olham, como caminham, como comem, sobre o que falam; então a partir dessa atenção começarão a perceber a natureza do prazer, do desejo e do sofrimento e a extrema solidão e tédio do homem. E então começarão a descobrir essa coisa chamada "espaço". E onde existe espaço entre si mesmo e o objeto, vocês então compreenderão que não há amor.

Sem amor, façam o que fizerem – reformar, produzir uma nova ordem social, falar indefinidamente sobre aperfeiçoamento ideológico –, tudo isso origina angústia. Assim, compete a vocês. Não existe líder, não existe guru. Não há alguém para dizer a vocês o que fazer. Vocês têm que ser uma luz para si mesmos. Portanto estão sozinhos, sozinhos em meio a um mundo louco e brutal. É por isso que têm que ser um oásis num deserto de idéias. E o oásis é gerado quando há amor.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. XVII
Quarta Palestra em Bombaim, 1967

II

Perguntas e Respostas

Pergunta: Li hoje no jornal sua declaração de que para se resolver os problemas humanos, necessita-se não de uma revolução econômica ou social, porém de uma revolução religiosa. O que você entende por revolução religiosa?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, vamos descobrir o que entendemos por religião. O que é religião para a maioria de nós – não a teoria sobre o que deveria ser a religião, mas o fato real? Para a maioria de nós religião é evidentemente uma série de dogmas, tradições, o que disseram os *Upanishads* ou o *Gita*, ou a Bíblia; ou é constituída das experiências, visões, esperanças, idéias, brotadas de nossas mentes condicionadas, moldadas de acordo com o padrão hindu, cristão ou comunista. Começamos com um determinado condicionamento e temos experiências baseadas nele. O que chamamos religião é oração, ritual, dogma, desejo de encontrar Deus, aceitação de autoridade e um vasto número de superstições, não é isso? Mas isso é religião? Um homem que realmente está tentando descobrir o que é verdadeiro certamente precisa abandonar tudo isso, não precisa? Deve descartar totalmente a autoridade do guru, dos *Upanishads* e de suas próprias experiências de modo que, estando depurada de toda autoridade, sua mente seja capaz de descobrimento. Isso significa que você deve deixar de ser um hindu, um cristão, um budista; deve perceber o absurdo desse negócio todo e libertar-se

disso. E você fará isso? Porque, se fizer, você estará contra a atual sociedade e poderá perder seu emprego. E desse modo o medo domina a mente e você continua aceitando a autoridade.

O que chamamos religião, portanto, não é religião em absoluto. Se acreditamos em Deus ou não, depende de nosso condicionamento. Você acredita em Deus e o comunista em nenhum Deus. Qual é a diferença? Não há diferença alguma porque você foi ensinado a crer e ele foi ensinado a não crer. Portanto, o homem que está investigando seriamente deve rejeitar esse processo, não deve? – rejeita isso porque compreende o seu total significado.

Estando inseguros, assustados, interiormente incapazes, identificamo-nos com um país, com uma ideologia ou com uma crença em Deus e podemos ver o que está acontecendo por todo o mundo. Toda religião – embora todas professem amor, fraternidade e tudo o mais, está de fato separando o homem do homem. Você é um sique e eu um hindu, ele é um muçulmano e alguém mais um budista. Vendo toda esta confusão e separação, percebe-se que deve haver um modo diferente de pensar; mas esse modo diferente de pensar não pode vir a existir enquanto se permanecer como hindu, cristão ou o que desejar. Para ser livre de tudo isso você tem que se conhecer, conhecer toda a estrutura do seu ser; tem que perceber por que você aceita, por que segue a autoridade; o que é claramente óbvio. Você deseja sucesso, deseja estar seguro de que existe um Deus no qual possa confiar nos momentos de dificuldade. O homem que realmente está alegre, feliz, nunca pensa em Deus. Pensamos em Deus quando estamos em aflição, conflito; mas nós criamos a aflição, o conflito, e, sem compreender o seu inteiro processo, meramente investigar acerca de Deus levará à total ilusão.

Assim, a revolução religiosa da qual estou falando não é a revivificação ou a reforma de alguma religião em particular, porém a completa libertação de todas as religiões e ideologias – o que significa, realmente, a libertação da sociedade que as criou. Seguramente, um homem que é ambicioso não pode ser um homem religioso. Um homem que é ambi-

cioso não conhece o amor, ainda que possa falar a respeito dele. No sentido mundano, um homem pode não ser ambicioso, mas se deseja ser um santo, uma personalidade espiritual, se ele deseja alcançar um resultado no outro mundo, ele ainda é ambicioso. Assim, a mente precisa não só despir-se de todas as cerimônias, crenças e dogmas, mas também estar livre da inveja. A liberdade total do homem é a revolução religiosa porque só então ele será capaz de aproximar-se da vida de maneira inteiramente diferente e deixar de criar problemas após problemas.

Você provavelmente só escutou tudo isso verbal ou intelectualmente porque diz a si mesmo: "O que eu faria na vida se não tivesse ambição? Seria destruído pela sociedade." Eu me pergunto se você seria destruído pela sociedade. No momento em que compreende a sociedade e rejeita toda a estrutura na qual está baseada – ambição, inveja, busca de sucesso, dogmas religiosos, crenças e superstições – você está fora dela, portanto pode pensar no problema inteiro de uma maneira nova e então, talvez, não existirá nenhum problema. Mas provavelmente escutou apenas no nível verbal e continuará amanhã com a mesma atitude antiga; irá ler o *Gita* ou a Bíblia, irá até o seu guru ou um sacerdote e tudo o mais. Você pode escutar tudo isso e aceitar intelectual e verbalmente, mas sua vida continua na direção oposta de modo que você simplesmente criou mais um conflito; por conseguinte é muito melhor não escutar absolutamente, pois já possui conflitos e problemas suficientes e não precisa acrescentar um novo. É muito agradável sentar e escutar o que está sendo dito aqui, mas se isso não tem nenhuma relação com sua vida de fato, é muito melhor tapar seus ouvidos; porque se você escuta a verdade e não a vive, sua vida se torna uma confusão terrível, a triste desordem que é.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. X
Nova Délhi, 10 de outubro, 1956

Pergunta: Estamos vivendo com medo da guerra, de perder nosso emprego, se temos um, com medo do terrorismo, da violência de nossas crianças, de estarmos completamente à mercê de políticos ineptos. Como encararmos a vida como ela é hoje?

KRISHNAMURTI: Como encarar a vida? Deve-se levar em conta, admitir como verdadeiro que o mundo está se tornando cada vez mais violento – isso é óbvio. As ameaças de guerra também são bastante óbvias e também o fenômeno muito estranho de nossas crianças estarem tornando-se violentas. Isso me lembra de uma mãe na Índia que veio nos ver algum tempo atrás. Na tradição indiana as mães são consideradas com enorme respeito e esta estava horrorizada porque, disse ela, sua filha havia lhe batido – uma coisa sem precedente na Índia. Assim, esta violência está se espalhando por todo o mundo. E existe este medo de perder o emprego, como o argüidor diz. Frente a tudo isto, sabendo de tudo isto, como se encara a vida como ela é hoje?

Eu não sei. Eu sei como encará-la por mim mesmo, mas não se sabe como você fará isso. Primeiramente, o que é a vida, o que é esta coisa chamada existência, repleta de sofrimento, superpopulação, políticos ineptos, toda essa malandragem, desonestidade, subornos que estão ocorrendo no mundo? Como encarar isso? Certamente, primeiro deve-se questionar – o que significa o viver? O que significa o viver neste mundo como ele é? Como vivemos nossa vida diária realmente, não teoricamente, não filosoficamente ou idealisticamente, mas realmente como a vivemos? Se examinarmos isso ou estivermos atentos a isso seriamente, é uma constante batalha, constante luta, esforço sobre esforço. Ter que levantar-se pela manhã é um esforço. O que devemos fazer? Possivelmente não podemos escapar disso. É comum ter conhecimento de várias pessoas que disseram que o mundo estava impossível para se viver, se retiraram totalmente em alguma montanha do Himalaia e desapareceram. Isso é meramente uma fuga, um escape da realidade, como o é se perder numa comunidade ou unir-se a algum guru com um vasto patrimônio e se perder naquilo. Obviamente essas pessoas não resolvem os problemas da vida diária nem inquirem sobre a mudança, a revolução

psicológica da sociedade. Elas escapam de tudo isto. E nós, se não quisermos escapar e estarmos vivendo realmente neste mundo como ele é, o que devemos fazer? Podemos mudar nossa vida? Para não ter absolutamente nenhum conflito nela, porque o conflito é parte da violência – isso é possível? Esta constante luta para ser alguma coisa é a base de nossa vida, lutar, lutar.

Podemos, como seres humanos, vivendo neste mundo, mudar a nós mesmos? Esta é a pergunta real – transformar a nós mesmos, psicológica e radicalmente, não eventualmente, não admitindo o tempo. Para um homem sério, um homem realmente religioso, não há amanhã. Isso é difícil de dizer, que não existe amanhã, há somente o precioso respeito pelo hoje. Podemos viver esta vida integralmente e realmente, diariamente, transformar nosso relacionamento com cada um? Essa é a verdadeira questão, não o que o mundo é porque o mundo somos nós. Por favor, veja isto: o mundo é você e você é o mundo. Este é um fato óbvio, terrível, um desafio que deve ser encarado completamente – isto é, perceber que nós somos o mundo com toda a sua feiúra, que nós temos contribuído para tudo isso, que somos responsáveis por tudo isso, tudo o que está acontecendo no Oriente Médio, na África e toda loucura que está acontecendo neste mundo, somos responsáveis por isso. Nós podemos não ser responsáveis pelos atos de nossos avós ou bisavós – escravidão, milhares de guerras, a brutalidade dos impérios – mas somos parte disso. Se não sentimos nossa responsabilidade, o que significa ser absolutamente responsável por nós mesmos, pelo que fazemos, pelo que pensamos, como nos comportamos, então isso se torna muito desanimador, sabendo o que o mundo é, sabendo que não podemos individualmente, separadamente, resolver este problema do terrorismo. Este é o problema dos governos, cuidar para que os cidadãos estejam salvos, protegidos, mas eles não parecem se preocupar. Se cada governo estivesse realmente preocupado em proteger seus próprios cidadãos não existiriam guerras. Mas visivelmente os governos perderam a razão também, eles estão preocupados somente com partidos políticos, com seu próprio poder, posição, prestígio – você já sabe tudo isto, o jogo todo.

Desse modo nós podemos, não admitindo o tempo, isto é, amanhã, o futuro, viver de tal modo que o hoje seja o mais importante? Isso significa que temos que nos tornar extraordinariamente alertas para nossas reações, para nossa confusão – trabalhar como uma pessoa impetuosa sobre nós mesmos. Claramente isso é a única coisa que se pode fazer. E se não fizermos isso realmente não há futuro para o homem. Eu não sei se você tem acompanhado algumas das manchetes nos jornais – todas elas preparando para a guerra. E se você está se preparando para alguma coisa, você a terá – como preparando um bom prato. As pessoas comuns no mundo aparentemente parecem não se importar. Aqueles que são intelectual e cientificamente envolvidos na produção de armamentos não se preocupam. Eles estão interessados apenas em suas carreiras, nos seus empregos, na sua pesquisa; e aqueles de nós que são pessoas completamente comuns, a assim chamada classe média, se absolutamente não nos importarmos também, então realmente estaremos entregando os pontos. A tragédia é que parecemos não nos importar. Nós não nos unimos, pensamos juntos, trabalhamos juntos. Estamos apenas muito dispostos a nos juntar a instituições, organizações que nunca irão deter nada disso. É o coração do homem, a mente humana que está envolvida nisso. Por favor, não estamos falando retoricamente; estamos encarando alguma coisa realmente muito perigosa. Temos nos encontrado com pessoas proeminentes que estão envolvidas em tudo isso e eles não se preocupam. Mas se nós nos preocupamos e nossa vida diária for vivida corretamente, se cada um de nós está atento ao que estamos fazendo diariamente, então acho que existe alguma esperança para o futuro.

Encontrando a Vida

Pergunta: Por que você desperdiça o seu tempo pregando em vez de ajudar o mundo de um modo prático?

KRISHNAMURTI: Ora, o que você entende por "prático"? Você se refere a gerar uma mudança no mundo, um melhor ajustamento econômico, uma melhor distribuição da riqueza, um relacionamento melhor – ou, colocando de maneira cruel, que o ajudem a obter um emprego melhor. Você quer ver uma mudança neste mundo, todo homem inteligente quer. E você quer um método para realizar essa mudança. Por isso me pergunta por que estou desperdiçando meu tempo com pregações em vez de fazer alguma coisa a respeito. Ora, o que estou fazendo será realmente desperdício de tempo? Seria desperdício de tempo se eu introduzisse um novo conjunto de idéias para substituir a velha ideologia, o velho padrão, não? Talvez seja isso o que as pessoas querem que eu faça. Mas, em vez de indicar um suposto modo prático de agir, de viver, de obter um emprego melhor, de criar um mundo melhor, não é importante descobrir quais são os obstáculos que estão realmente impedindo a revolução real – não a revolução da esquerda ou da direita, mas a revolução fundamental, radical, não baseada em idéias? Porque, como temos discutido, os ideais, as crenças, as ideologias, os dogmas, impedem a ação. Não pode haver uma transformação mundial, uma revolução, enquanto a ação estiver baseada em idéias porque a ação, nesse caso, é meramente reação; e, por esse motivo, as idéias tornam-se muito mais importantes do que a ação, e isso é precisamente o que está acontecendo no mundo, não é? Para agir, precisamos descobrir os empecilhos que impedem a ação. Mas a maioria de nós não quer agir – essa é a nossa dificuldade. Preferimos discutir, substituir uma ideologia por outra e assim fugimos da ação por meio da ideologia. Certamente, isso é muito simples, não é? O mundo no momento atual se defronta com muitos problemas: superpopulação, fome, divisão das pessoas em nacionalidades e classes e assim por diante. Por que não existe um grupo de pessoas que se reúnam e tentem resolver os problemas do nacionalismo? Mas se tentamos nos tornar internacionais enquanto apegados à nossa nacionalidade, criamos outro problema e isso é o que a maioria de nós faz. Assim, você vê que os ideais estão realmente impedindo a ação. Um estadista, autoridade

eminente, disse que o mundo pode ser organizado e todo o povo alimentado. Então, por que isso não é feito? Por causa das idéias conflitantes, crenças e nacionalismos. Por conseguinte, as idéias estão de fato impedindo que o povo se alimente; e a maioria de nós se entretém com idéias e pensa que somos grandes revolucionários, hipnotizando-nos com palavras tais como "prático". O que é importante é nos libertarmos das idéias, dos nacionalismos, de todas as crenças e dogmas religiosos de modo que possamos agir não de acordo com um padrão ou uma ideologia, mas sim de acordo com as necessidades; e, positivamente, apontar os obstáculos e empecilhos que impedem tal ação não é um desperdício de tempo, não é uma porção de palavras sem nexo. O que você está fazendo é obviamente insensato. Suas idéias e crenças, suas panacéias políticas, econômicas e religiosas estão realmente dividindo o povo e levando à guerra. É somente quando a mente está livre da idéia e da crença que pode agir corretamente. Um homem que é patriota, nacionalista, nunca poderá saber o que é ser fraternal ainda que possa falar a respeito; pelo contrário, suas ações, economicamente e em todos os sentidos, são conducentes à guerra. Assim, pode haver ação correta e, portanto, uma transformação radical e duradoura somente quando a mente estiver livre de idéias, não superficialmente, mas fundamentalmente, e o libertar-se das idéias pode ocorrer somente através da percepção e conhecimento de nós mesmos.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VI
Colombo, 1º de janeiro, 1950

Pergunta: A maioria de nós está presa e entediada com a rotina do trabalho, mas nosso sustento depende dele. Por que não podemos ser felizes em nosso trabalho?

KRISHNAMURTI: Certamente a civilização moderna está fazendo muitos de nós realizar trabalhos que, como indivíduos, absolutamente não gostamos. A sociedade como é constituída agora, sendo baseada em

competição, desumanidade, guerra, exige, digamos, engenheiros e cientistas; eles são procurados em todo lugar pelo mundo porque podem ajudar a desenvolver equipamentos bélicos e tornar a nação mais eficiente na sua crueldade. Desse modo a educação é basicamente dedicada a transformar o indivíduo num engenheiro ou cientista seja ele adequado para isso ou não. O homem que está sendo educado como um engenheiro pode realmente não querer ser um. Ele pode querer ser um pintor, um músico ou quem sabe o que mais. Mas circunstâncias – educação, tradição familiar, as exigências da sociedade e assim por diante – forçam-no a especializar-se como engenheiro. Dessa maneira, criamos uma rotina a qual muitos de nós são capturados e então ficamos frustrados, infelizes, miseráveis pelo resto de nossas vidas. Todos nós sabemos disso.

É fundamentalmente uma questão de educação, não é? E podemos realizar um tipo diferente de educação na qual cada pessoa, o professor assim como o estudante, ame aquilo que está fazendo? *Amar* – quero dizer exatamente essa palavra. Mas você não pode amar o que está fazendo se está o tempo todo utilizando isso como um meio para o sucesso, poder, posição, prestígio.

Certamente, como está constituída agora, a sociedade produz indivíduos que estão completamente entediados, que estão presos na rotina do que estão fazendo. Assim, isso necessitará de uma tremenda revolução, não? Na educação e tudo o mais para produzir um ambiente totalmente diferente – um ambiente que ajudará os estudantes, as crianças, a crescerem naquilo que realmente amam fazer.

Como as coisas estão agora, temos que suportar essa rotina, esse aborrecimento e então tentar escapar de várias maneiras. Nós tentamos escapar através de distrações, da televisão ou rádio, através de livros, da chamada religião e desse modo nossas vidas tornam-se muito superficiais, vazias, embotadas. Este vazio, por sua vez, produz a aceitação da autoridade, que nos dá um senso de universalidade, de poder, de posição. Nós sabemos de tudo isso em nossos corações, mas é muito difícil romper com tudo isso porque para romper se exige não o sentimentalismo usual, mas reflexão, energia, trabalhar com afinco.

Assim, se quisermos criar um mundo novo – e certamente você deve querer após essas terríveis guerras, após a miséria, os terrores que os seres humanos atravessam – então terá que haver uma revolução religiosa em cada um de nós, uma revolução que trará uma nova cultura e uma religião totalmente nova, que não é uma religião de autoridade, de poder sacerdotal, de dogma e ritual. Para criar um tipo de sociedade completamente diferente deve existir essa revolução religiosa – isto é, uma revolução no íntimo do indivíduo e não o terrível derramamento de sangue que traz somente mais tirania, mais miséria e medo. Se nós estamos criando um novo mundo – novo num sentido totalmente diferente – então ele deve ser o nosso mundo e não um mundo alemão ou um mundo russo ou hindu porque todos nós somos seres humanos e é a nossa Terra.

Mas infelizmente bem poucos de nós sentem profundamente tudo isso porque isso demanda amor, não sentimentalismo ou emotividade. Amor é difícil de encontrar, e o homem que é sentimentalmente emocional geralmente é cruel. Para produzir uma cultura totalmente diferente, a mim parece que deve ocorrer em cada um de nós uma revolução religiosa, o que significa que deve haver liberdade não somente de todas as nossas crenças e dogmas, mas liberdade da ambição pessoal e da atividade autocentrada. Com certeza, somente então pode existir um novo mundo.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. X
Hamburgo, 15 de setembro, 1956

Pergunta: Minha esposa e eu brigamos. Temos a impressão que gostamos um do outro, mas esta discórdia continua. Tentamos de várias maneiras colocar um fim a esta situação ruim, mas parecemos incapazes de ser livres psicologicamente um do outro. O que você sugere?

KRISHNAMURTI: Enquanto houver dependência deve haver tensão. Se dependo de vocês como audiência para preencher a mim mesmo, para sentir que sou alguém falando para um grande número de pessoas, então dependo de vocês, exploro vocês, vocês são necessários para mim psicologicamente. Essa dependência é chamada amor e todo nosso relacionamento é baseado nisso. Psicologicamente, preciso de vocês e vocês precisam de mim. Psicologicamente, vocês se tornam importantes na minha relação porque preenchem as minhas necessidades – não só fisicamente, mas também interiormente. Sem vocês fico perdido, inseguro. Eu dependo de vocês; eu quero vocês. Sempre que essa dependência é questionada há incerteza – e fico com medo. E para encobrir esse medo recorro a todo tipo de subterfúgios que me ajudarão a escapar desse medo. Conhecemos tudo isto – utilizamos a propriedade, o conhecimento, os deuses, as ilusões, os relacionamentos como meios para acobertar o nosso próprio vazio, a nossa própria solidão, e desse modo estas coisas se tornam muito importantes. As coisas que se tornaram nossas fugas tornaram-se extraordinariamente valiosas.

Desse modo, enquanto existir dependência deve existir medo. Isso não é amor. Vocês podem chamar isso de amor; podem escondê-lo com qualquer palavra agradável sonoramente. Mas, realmente, debaixo dessa máscara existe um vazio; existe uma ferida que não pode ser curada por nenhum método e que somente chega a um fim quando estão conscientes dela, se apercebem dela, a compreendem. E apenas pode haver compreensão quando não estamos buscando uma explicação. Veja, o indagador pede uma explicação; ele quer palavras minhas. E ficamos satisfeitos com palavras. A nova explicação – se é que é nova – vocês irão repeti-la. Mas o problema continua a existir; a discussão ainda permanecerá.

Mas, uma vez que compreendemos este processo da dependência – tanto as dependências exteriores como as interiores, as dependências

ocultas, as exigências psicológicas, a necessidade do "mais" – quando compreendemos essas coisas, só então, certamente, existe uma possibilidade de amor. O amor não é pessoal nem impessoal; é um estado de ser. Não é da mente; a mente não pode adquiri-lo. Vocês não podem praticar o amor, ou adquiri-lo por meio da meditação. Ele surge somente quando o medo não existe, quando este sentimento de ansiedade, de solidão, cessou, quando não há dependência nem aquisição. E isso surge apenas quando compreendemos a nós mesmos, quando estamos plenamente cientes de nossos motivos ocultos, quando a mente pode mergulhar nas profundezas de si mesma sem estar buscando uma resposta, uma explicação, quando não está mais dando nome às coisas.

Certamente, uma das nossas dificuldades é que a maioria de nós está satisfeita com as superficialidades da vida – com explicações, principalmente, não é? E pensamos haver resolvido todas as coisas pela sua explicação – o que é atividade da mente. Enquanto podemos dar nomes, reconhecer, pensamos ter alcançado alguma coisa e no momento em que existe a idéia de não reconhecimento, de não nomear e de não explicação, então a mente se torna confusa. Mas somente quando não existem explicações, quando a mente não está presa às palavras, é possível o amor vir à existência.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VI
Londres, 15 de abril, 1952

Pergunta: O casamento é uma parte necessária de qualquer sociedade organizada, entretanto você parece ser contrário à instituição do casamento. O que você acha? Por favor, explique também o problema do sexo. Por que ele se tornou, ao lado da guerra, o problema mais urgente de nossos dias?

KRISHNAMURTI: Fazer uma pergunta é fácil, mas é difícil examinar muito cuidadosamente o próprio problema, o qual contém a resposta.

Para entender esse problema devemos ver as suas enormes implicações. Isso é difícil porque nosso tempo é muito limitado e eu terei de ser breve, e se não me acompanharem bem de perto não serão capazes de compreender. Vamos investigar o problema não a resposta porque a resposta está no problema, não fora dele. Quanto mais compreendo o problema tanto mais claramente vejo a resposta. Se você meramente procura uma resposta não encontrará uma porque você estará procurando uma resposta fora do problema. Vamos considerar o matrimônio, mas não teoricamente ou como um ideal, o que é um tanto absurdo; não vamos idealizar o matrimônio, vamos considerá-lo tal como ele é para então fazer alguma coisa a respeito. Se o fizer cor-de-rosa, nesse caso você não pode agir, mas, se considerá-lo e vê-lo exatamente como ele é, então, talvez, você será capaz de agir.

Agora, o que é que acontece realmente? Quando se é jovem, o impulso biológico, sexual é muito forte e, a fim de colocar um limite nele, vocês têm a instituição chamada matrimônio. O impulso biológico existe dos dois lados, desse modo vocês se casam e têm filhos. Vocês se ligam a um homem ou a uma mulher para o resto de suas vidas, e, em assim fazendo, têm uma fonte permanente de prazer, uma segurança garantida, e como resultado vocês se desintegram; ficam vivendo num ciclo de hábito e o hábito é desintegração. Compreender este impulso biológico, sexual, requer uma grande dose de inteligência, mas não somos educados para ser inteligentes. Meramente continuamos com um homem ou uma mulher com quem temos de viver. Caso-me aos vinte ou vinte e cinco anos e tenho de viver pelo resto da minha vida com uma mulher a quem não conhecia. Não conhecia nada sobre ela e, no entanto, vocês me pedem para viver com ela pelo resto da minha vida. A isso vocês chamam casamento? Na medida em que cresço e observo, constato que ela é completamente diferente de mim, seus interesses são diferentes dos meus; ela está interessada em clubes e eu estou interessado em ser muito sério ou vice-versa. E, não obstante, temos filhos – e isso é a coisa mais extraordinária. Senhores, não olhem para as senhoras e dêem risada; é o seu problema. Assim, estabeleci um relacionamento cujo significado não conheço; nem o descobri e nem o compreendi.

É só para os poucos, bem poucos, que amam, que o relacionamento matrimonial tem sentido; e então é indestrutível, nesse caso não é mero hábito ou conveniência, nem está baseado na necessidade biológica, sexual. Nesse amor, que é incondicional, as identidades estão fundidas, e em tal relacionamento há solução, há esperança. Mas para a maioria não há fusão no relacionamento matrimonial. Para que haja a fusão de entidades separadas você tem que conhecer a si mesmo e ela tem que conhecer a si mesma. Isso significa amar. Mas não há amor, o que é um fato óbvio. O amor é viçoso, novo, não mera satisfação, simples hábito. Ele é incondicional. Você não trata seu marido ou sua esposa desse modo, não é? Você vive no seu isolamento e ela vive no isolamento dela, e os dois estabeleceram seus hábitos de prazer sexual garantido. O que acontece a um homem que tem uma renda assegurada? Certamente, ele degenera. Não notaram isso? Observe um homem que tem uma renda segura e logo verá quão rapidamente sua mente está definhando. Ele pode ter uma posição importante, uma reputação de homem muito arguto, mas se esvaiu dele a alegria plena da vida.

De modo análogo, você tem um casamento no qual tem uma fonte permanente de prazer, um hábito sem compreensão, sem amor e são forçados a viver nesse estado. Não estou dizendo o que vocês devem fazer, mas considerem primeiramente o problema. Vocês acham que isso é correto? O que não significa que deva expulsar sua mulher e perseguir outra. O que este relacionamento significa? Certamente, amar é estar em comunhão com alguém; mas você está em comunhão com sua esposa, exceto fisicamente? Você a conhece, exceto fisicamente? Ela o conhece? Ambos não estão isolados, cada um perseguindo seus próprios interesses, ambições e necessidades, cada um buscando satisfação no outro, segurança econômica ou psicológica? Semelhante relacionamento absolutamente não é relacionamento – é um processo mutuamente egocêntrico, de necessidades psicológica, biológica e econômica – e o resultado óbvio é o conflito, o sofrimento, as implicâncias, o medo possessivo, o ciúme e assim por diante. Vocês acham que tal relacionamento produz alguma coisa senão bebês feios e uma civilização vil?

Por conseguinte a coisa mais importante é ver o processo inteiro não como uma coisa feia, mas como um fato real que está ocorrendo bem debaixo do seu nariz, e percebendo isso o que irão fazer? Vocês não podem deixá-lo como está, mas como não querem examiná-lo entregam-se à bebida, à política, à primeira mulher que encontram, a qualquer coisa que os afaste de casa e daquela mulher ou marido implicante – e vocês acreditam que resolveram o problema. Essa é a sua vida, não é? Conseqüentemente têm de fazer alguma coisa a respeito, o que quer dizer que têm que encarar isso, e isso significa, se necessário, romper o relacionamento; porque quando um pai e uma mãe estão constantemente implicando e brigando, pensam que isso não afeta os filhos?

De modo que o matrimônio, como um hábito, como cultivo de um prazer habitual, é um fator de deterioração porque no hábito não há amor. O amor não é um hábito; ele é algo deleitoso, criativo, novo. Por conseqüência o hábito é o contrário do amor, mas vocês estão presos ao hábito e, naturalmente, seu relacionamento habitual com o outro está morto. Assim voltamos novamente à questão fundamental, que é a de que a reforma da sociedade depende de vocês, não da legislação. A legislação apenas pode contribuir para um novo hábito ou conformidade. Logo, como indivíduos responsáveis, vocês têm de fazer alguma coisa no relacionamento – têm de agir, e vocês só podem agir quando há o despertar da mente e do coração. Vejo alguns de vocês acenando suas cabeças em concordância comigo, mas o fato óbvio é que não querem assumir a responsabilidade pela transformação, pela mudança; não querem enfrentar a mudança radical de descobrir como viver corretamente. E desse modo o problema persiste, vocês brigam e seguem adiante, e finalmente morrem, e quando morrem alguém chora não pelo companheiro, mas pela própria solidão. Vocês prosseguem inalterados e acham que são seres humanos capazes de legislar, de ocupar cargos elevados, de falar a respeito de Deus, de encontrar a maneira de pôr fim às guerras e assim por diante. Nenhuma destas coisas significa nada porque vocês não resolveram nenhuma das questões fundamentais.

Em seguida, a outra parte do problema é o sexo e porque ele se tornou tão importante. Por que esse impulso adquiriu tamanho poder sobre vocês? Já pensaram profundamente nisso? Não fizeram isso porque têm apenas se entregado a ele; não têm investigado porque este problema existe. Por que este problema existe, senhores? E o que acontece quando vocês lidam com ele reprimindo-o completamente – vocês conhecem o ideal de *brahmacharya* e tudo o mais? O que acontece? O impulso ainda está lá. Vocês se ressentem com alguém que fala de uma mulher e pensam que conseguem suprimir completamente o impulso sexual em si mesmos e dessa maneira resolverem seu problema, mas vocês são perseguidos por ele. É como morar numa casa e colocar todos os objetos feios em um quarto, mas eles ainda estão ali. Assim, a disciplina não vai resolver este problema – disciplina sendo sublimação, repressão, substituição – porque já tentaram isso e essa não é a saída. Então, qual é a saída? A saída é compreender o problema e compreender não é condenar ou justificar. Vamos considerá-lo, pois, dessa maneira.

Por que o sexo se tornou um problema tão importante na vida de vocês? Não é o ato sexual, a sensação, um modo de se esquecer de si mesmo? Compreendem o que quero dizer? Nesse ato existe uma completa fusão; nesse momento há a completa cessação de todo conflito; vocês se sentem extremamente felizes porque não experimentam mais essa necessidade como uma entidade separada e não estão consumidos pelo medo. Ou seja, por um momento há um cessar da consciência do ego, e sentem a claridade do esquecimento de si mesmos, a alegria da abnegação do ego. Desse modo, o sexo torna-se importante porque em todas as demais direções vocês estão vivendo uma vida de conflito, de engrandecimento próprio e frustração. Observem suas vidas, senhores – política, social, religiosa –, vocês estão lutando para se tornarem alguma coisa. Politicamente, desejam ser poderosos, ter posição, prestígio. Não olhem para os outros, não olhem para os ministros; se fosse dado a vocês tudo isso vocês fariam a mesma coisa. Desse modo, na política estão lutando para se tornarem alguém, estão expandindo a si mesmos, não é? Por conseguinte estão criando conflito; não há negação ou renúncia do "eu".

Pelo contrário, existe a intensificação do ego. O mesmo processo continua no seu relacionamento com as coisas, que consiste na posse de bens materiais e também na religião que professam. Não há sentido algum no que vocês estão fazendo, nas suas práticas religiosas. Vocês apenas acreditam, se apegam a rótulos, palavras. Se observarem, verão que aí, também, não estão livres da consciência do "eu" como centro. Embora a religião de vocês diga: "Esqueçam-se de vocês mesmos", sua própria atividade é a afirmação de si mesmos; continuam sendo a entidade importante. Pode ser que leiam o *Gita* ou a Bíblia, mas continuam a ser o sacerdote, o explorador, sugando o povo e construindo templos.

De modo que em todos os campos, em todas as atividades, estão satisfazendo e acentuando vocês mesmos, a própria importância, o próprio prestígio, a própria segurança. Portanto só existe uma fonte de esquecimento de si mesmo que é o sexo e é por isso que a mulher ou o homem tornam-se tão importantes para vocês e porque necessitam possuírem-se. Assim, constroem uma sociedade que reforça essa posse, garantindo-a, e naturalmente o sexo se torna um problema tão importante, visto que em qualquer outro âmbito o que importa é o ego. E vocês acham, senhores, que se pode viver nesse estado sem contradição, sem sofrimento, sem frustração? Mas quando honesta e sinceramente não há auto-afirmação seja na religião ou na atividade social, então o sexo tem muito pouco significado. É porque vocês estão com medo de não serem nada – política, social e religiosamente – que o sexo torna-se um problema, mas se em todas essas coisas vocês se permitirem diminuir a si mesmos, serem menos, veriam que o sexo absolutamente não se torna um problema.

Só existe castidade quando existe amor. Quando há amor o problema do sexo cessa; e sem amor, perseguir o ideal de *brahmacharya* é um absurdo porque o ideal é irreal. O real é aquilo que vocês são, e se vocês não compreendem a própria mente, o funcionamento dela, não compreenderão o sexo porque o sexo é uma coisa da mente. O problema não é simples. Ele necessita, não simplesmente de práticas formadoras de hábitos, mas de uma extraordinária reflexão e investigação do seu relacionamento com as pessoas, com a propriedade, e com as idéias. Isso

significa, senhor, que você tem que se submeter a um rigoroso e corajoso exame do coração e da mente, e desse modo produzir uma transformação no seu próprio interior. O amor é casto, e quando existe amor e não a mera idéia da castidade criada pela mente, então o sexo deixa de ser problema e tem um significado muito diferente.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. V
Nova Délhi, 19 de dezembro, 1948

Pergunta: Que tipo de educação meu filho deveria receber a fim de encarar este mundo caótico?

KRISHNAMURTI: Esta é uma pergunta realmente muito ampla, não? Não é para ser respondida em poucos minutos. Mas talvez se possa fazê-lo de modo breve e posteriormente ser aprofundada.

O problema não é o tipo de educação que a criança deveria receber, mas sim que o educador precisa de educação, o pai necessita ser educado. (Murmúrio de risos) Não, por favor, este não é um comentário perspicaz para vocês rirem, para se divertirem. Não necessitamos de um tipo totalmente diferente de educação? – não do simples cultivo da memória, que dê à criança uma técnica que a ajudará a obter um emprego, um meio de subsistência, mas uma educação que o tornará verdadeiramente inteligente. Inteligência é a compreensão do processo inteiro, do processo total da vida, não o conhecimento de um fragmento da vida.

Assim, realmente o problema é: podemos, as pessoas adultas, ajudar a criança a crescer em liberdade, em completa liberdade? Isto não significa permitir que ela faça o que gosta, mas podemos ajudar a criança a compreender o que é ser livre porque nós mesmos compreendemos o que é ser livre?

Nossa educação atual é meramente um processo de ajustamento, auxiliando a criança a se ajustar a um determinado padrão de sociedade

no qual conseguirá um emprego, se tornará uma pessoa exteriormente respeitável, irá à igreja, se ajustará e lutará até que morra. Nós não a ajudamos a ser livre interiormente de modo que ao crescer ela seja capaz de encarar todas as complexidades da vida – o que significa ajudá-la a ter a capacidade de pensar, não ensinando-a o que pensar. Para isso ele mesmo, o educador, deve ser capaz de libertar sua própria mente de toda a autoridade, de toda nacionalidade, das várias formas de crença e tradição de modo que a criança compreenda – com sua ajuda, com sua inteligência – o que é ser livre, o que é questionar, inquirir e descobrir.

Mas, vejam, nós não queremos tal sociedade, não queremos um mundo diferente. Queremos a repetição do mundo velho, apenas modificado, um pouco melhor, um pouco mais civilizado. Queremos que a criança se ajuste totalmente, que absolutamente não pense, não seja consciente, não seja interiormente esclarecida – porque se estiver de tal modo interiormente esclarecida, existe perigo para todos os nossos valores estabelecidos. Assim o que realmente está envolvido nesta questão é como educar o educador. Como vocês e eu podemos – porque nós, os pais, a sociedade, somos os educadores – como vocês e eu podemos ajudar a gerar clareza em nós mesmos para que a criança possa também ser capaz de pensar livremente no sentido de ter uma mente tranqüila, uma mente quieta por meio da qual coisas novas possam surgir e ser percebidas.

Esta é realmente uma questão muito fundamental. Afinal, por que é que estamos sendo educados? Apenas para um emprego? Apenas para aceitar o catolicismo ou o protestantismo, ou o comunismo ou hinduísmo? Apenas para se ajustar a uma certa tradição, se enquadrar num certo emprego? Ou é a educação algo inteiramente diferente? – não o cultivo da memória, mas o processo de compreensão. A compreensão não vem por meio da análise; a compreensão somente surge quando a mente está muito quieta, aliviada, não mais buscando sucesso e, portanto, estando frustrada, com medo de fracassar. Somente quando a mente está tranqüila, somente então existe a possibilidade de compreensão e de ter inteligência. Tal educação é o tipo correto de educação a partir da qual obviamente outras coisas se seguem.

Mas muito poucos de nós estão interessados nisso tudo. Se vocês têm uma criança vocês querem que ela tenha um emprego; isso é tudo com o que estão preocupados – o que acontecerá com seu futuro. Deveria a criança herdar todas as coisas que vocês possuem – a propriedade, os valores, as crenças, as tradições – ou deve ela crescer em liberdade de modo que descubra por ela mesma o que é verdadeiro? Isso somente pode acontecer se vocês mesmos não estiverem herdando, se vocês mesmos forem livres para investigar, para descobrir o que é verdadeiro.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Amsterdam, 19 de maio, 1955

Pergunta: O que é doença psicossomática e você pode sugerir meios de curá-la?

KRISHNAMURTI: Penso não ser possível encontrar meios de curar as doenças psicossomáticas e talvez a própria busca de um meio para curar a mente esteja produzindo a doença. Encontrar um meio ou praticar um método implica inibir, controlar, reprimir o pensamento, o que não é compreender a mente. É claramente óbvio que a mente produz doença no organismo físico. Se vocês comem quando estão zangados, seu estômago é afetado; se vocês odeiam violentamente alguém, vocês sofrem uma desordem física; se restringem sua mente a uma determinada crença, tornam-se mental ou psiquicamente neurótico e isso reage sobre o corpo. Isto tudo é parte do processo psicossomático. Naturalmente, nem todas as doenças são psicossomáticas, mas o medo, a ansiedade e outros distúrbios da psique produzem doenças físicas. Assim, é possível para a mente tornar-se saudável? Muitos de nós estão preocupados em manter o corpo saudável por meio de uma dieta correta e assim por diante, o que é essencial; mas muito poucos estão preocupados em manter a mente sã, jovem, desperta, cheia de vitalidade de modo que não se deteriore.

Ora, para que a mente não se deteriore, obviamente, ela jamais deve seguir; deve ser independente, livre. Mas nossa educação não nos ajuda a ser livres; pelo contrário, ela ajuda a nos ajustar a esta sociedade em deterioração; portanto, a própria mente se deteriora. Desde a infância somos encorajados a ser medrosos, competitivos, a pensar sempre em nós mesmos e em nossa própria segurança. Naturalmente, uma mente assim deve estar em perpétuo conflito e esse conflito produz efeitos físicos. O que é importante, pois, é descobrir e compreender por nós mesmos, mediante nossa própria e atenta vigilância, o processo total do conflito e não depender de nenhum psicólogo ou guru. Seguir um guru é destruir sua mente. Vocês o seguem porque querem aquilo que acham que ele possui; desse modo colocaram em movimento um processo de deterioração. O esforço para ser alguém, mundana ou espiritualmente, é outra forma de deterioração porque tal esforço sempre gera ansiedade; ele produz medo, frustração, tornando a mente enferma, a qual, por sua vez, afeta o corpo. Penso que isto seja bastante simples. Mas confiar no outro para a cura da mente é parte do processo de deterioração.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Bombaim, 28 de março, 1956

Pergunta: Meu corpo e minha mente parecem ser constituídos de anseios profundamente arraigados e medos conscientes e inconscientes; eu observo a mente, mas freqüentemente é como se estes medos básicos me dominassem. O que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Senhor, vamos descobrir o que entendemos por medo. O que é o medo? O medo só existe em relação a algo. Não é algo que existe por si mesmo. Ele só existe em relação a alguma coisa – com o que você pode dizer de mim, com o que o público pode pensar de mim, com a perda de um emprego, em ter segurança na minha velhice – ou o medo

da morte da mãe ou do pai, ou sabe Deus de que mais. É o medo de alguma coisa.

Ora, como eu me liberto do medo? A disciplina de qualquer espécie dissipará o medo? Disciplina é resistência, é o cultivo da resistência para aprender. Isso libertará a mente do medo? Ou a manterá apenas afastada dele – como construir um muro, mas do outro lado o medo permanecer ali? Obviamente o medo não pode ser desfeito pela resistência, pelo cultivo da coragem porque a própria natureza da coragem é o oposto do medo e quando a mente está presa no medo e na coragem, não existe solução, mas o cultivo da resistência, assim não há superação do medo através do cultivo da coragem.

Como me livrar do medo? Por favor, acompanhem isto, senhores. Este é o nosso problema, seu e meu, de cada ser humano que deseja libertar-se do medo porque se eu posso me libertar do medo, então o "eu", o ego que está criando tantos malefícios e tantas desgraças no mundo pode desaparecer. Não é o ego na sua própria natureza a causa do medo? Porque eu quero estar seguro, se não estou economicamente seguro quero estar seguro politicamente, socialmente, na reputação, na vida futura, quero a segurança de Deus, que bata nas minhas costas e diga: "Você terá uma melhor oportunidade na próxima vida"; quero que alguém me diga, me encoraje, que me abrigue, que me dê refúgio. Assim, enquanto estou buscando segurança de algum modo, deve existir medo, do qual todos os meus anseios básicos brotam. Assim, se eu puder compreender o que é o medo, talvez possa haver uma possibilidade de libertação dessa constante escolha.

Como vou compreender o que é o medo? Como vou – sem disciplinar, sem resistir, sem fugir dele, sem criar outras ilusões, outros problemas, outros sistemas de gurus, de filósofos – realmente encará-lo, compreendê-lo, livrar-me dele e ir além? Só posso compreender o medo quando não estou fugindo dele, quando não estou resistindo a ele. Desse modo temos que descobrir o que é esta entidade que está resistindo. Quem é o "eu" que está resistindo ao medo? Entendem, senhores? Ou

seja, estou com medo; estou com medo do que o público possa dizer de mim porque quero ser uma pessoa muito respeitável; quero ser bem-sucedido no mundo, quero ter uma reputação, posição, autoridade. Assim, uma parte de mim está perseguindo isso e, interiormente, sei que qualquer coisa que eu faça conduzirá à frustração, que o que desejar fazer me bloqueará. Desse modo, existem dois processos operando em mim – um, a entidade que quer alcançar um resultado, tornar-se respeitável, tornar-se bem-sucedida; e o outro, a entidade que está sempre com medo que eu não possa atingir o objetivo.

Assim, existem dois processos operando em mim mesmo, dois desejos, dois propósitos – um que diz "quero ser feliz" e o outro que sabe que pode não haver felicidade no mundo. Quero ser rico e ao mesmo tempo vejo milhões de pessoas pobres, todavia minha ambição é ser rico. Enquanto o desejo por segurança estiver à frente, me impulsionar, não há libertação; ao mesmo tempo existe em mim compaixão, amor, sensibilidade. Há uma batalha que se segue infindavelmente e essa batalha se projeta, torna-se anti-social e assim sucessivamente. Assim, o que é que eu faço? Como ficar livre desta batalha, deste conflito interior?

Se eu puder observar um processo único e não cultivar o processo dual, então existe a possibilidade de lidar com ele. Isto é, se posso observar o medo em si mesmo e não cultivar a virtude, não cultivar a coragem, então posso lidar com o medo. Ou seja, se conheço "o que é" e não "o que deveria ser", então posso lidar com "o que é". A maioria de nós não sabe "o que é", pois estamos preocupados com "o que deveria ser". Este "deveria ser" cria a dualidade. "O que é" nunca cria. "O que deveria ser" produz o conflito, a dualidade.

Então, posso observar "o que é" sem o conflito do oposto, posso observar "o que é" sem qualquer resistência? Porque a própria resistência cria o oposto, não é isso? Isto é, quando estou com medo posso olhá-lo sem criar resistência? Porque no momento que crio resistência contra ele, eu já produzo outro conflito. Posso ver "o que é" sem qualquer resistência? Se posso fazer isso, então posso começar a lidar com o medo.

Ora, o que é medo? É o medo uma palavra, uma idéia, um pensamento ou uma realidade? O medo nasce por causa da palavra "medo" ou esse medo é independente da palavra? Por favor, senhor, pense profundamente sobre isso comigo. Não desanime. Não deixe sua mente se evadir. Porque, se você está realmente interessado no problema do medo – o que de fato está e todo ser humano está – o medo da morte, o medo de que seu avô ou sua avó morra – uma vez que você está oprimido por essa escuridão extraordinária, não deveria entrar no problema e não apenas colocá-lo de lado? Se examinarmos este problema cuidadosamente, veremos que enquanto criamos uma resistência contra o medo, em qualquer de suas formas, fugindo dele, construindo barreiras contra ele como cultivar a coragem e assim por diante, essa própria resistência gera conflito, que é o conflito dos opostos. E através do conflito dos opostos nós nunca alcançaremos uma compreensão.

A idéia de que o conflito entre a tese e a antítese produzirá uma síntese não é verdadeira. O que gera compreensão é compreender o fato do "que é" e não pela criação do oposto. Assim, posso encarar o medo, olhá-lo sem resistir, sem fugir dele? Ora, o que é esta entidade que está olhando o medo? Quando digo que estou com medo, o que é o "eu" e o que é "o medo"? São eles dois estados diferentes, dois processos diferentes? Sou diferente do medo que o "eu" sente? Se sou diferente do medo, então posso operar sobre ele; posso mudá-lo, resistir-lhe, afastá-lo. Mas se não sou diferente do medo, então não existe uma ação totalmente diferente?

Isso é um pouco abstrato ou muito difícil para vocês, senhores? Por favor, vamos examinar isso. Escutem isso, apenas escutem; não se preocupem em argumentar porque pelo escutar sem levantar argumentos, pelo simples escutar, vocês podem compreender o que eu estou falando.

Enquanto estou resistindo ao medo não estou livre dele, mas somente existe mais conflito e mais sofrimento. Quando não resisto, existe só o medo. Então, é o medo diferente do observador, do "eu" que diz: "Eu estou com medo?" O que é este "eu" que diz: "Eu estou com medo?" O "eu" não é constituído desse sentimento que chamo de medo? Não é

o "eu" o sentimento do medo? Se não existisse o sentimento do medo, não haveria "eu". Desse modo, o "eu" e o medo são uma coisa só. Não há "eu" separado do medo, portanto o medo sou "eu". Ou seja, existe somente o medo.

Agora, existe a indagação: É o medo simplesmente a palavra? É a palavra "medo", a idéia, o símbolo, o estado – isso é criado pela mente independentemente do fato? Por favor, atentem. O medo sou "eu"; não há um "eu" independente, separado. O homem, o "eu" diz: "Eu sou ganancioso"; a autoridade é o "eu". A qualidade não é diferente do "eu". Desse modo, enquanto o "eu" disser "Eu devo ser livre da ganância", está fazendo um esforço, está lutando. Mas esse próprio "eu" ainda é ganancioso porque deseja ser não-ganancioso. Similarmente, quando o "eu" diz "Eu preciso libertar-me do medo", está cultivando uma resistência, assim há conflito e ele nunca está livre do medo. Por conseguinte, apenas liberto-me do medo quando reconheço o fato, quando existe uma compreensão do fato de que o medo sou "eu", e que o "eu" não pode fazer nada em relação ao medo. Por favor, vejam o "eu" que diz: "Eu estou com medo, devo fazer alguma coisa em relação ao medo". Enquanto ele estiver atuando sobre o medo apenas cria resistência e, portanto, aumenta ainda mais o conflito. Mas quando reconheço que o medo sou "eu" então não há ação do "eu"; e só então pode-se estar livre do medo.

Observem, estamos tão acostumados a fazer alguma coisa com relação ao medo, com relação a um impulso, com relação ao impulso sexual que sempre agimos sobre o impulso como se ele fosse independente do "eu". Assim, enquanto estivermos tratando o desejo como algo independente do "eu", deve haver conflito. Não existe desejo sem "eu". Eu sou o desejo; as duas coisas não estão separadas. Por favor, vejam isto. É uma experiência extraordinária quando existe esse sentimento de que o medo sou "eu", a ganância sou "eu"; que não estão separados dele.

Não há pensamento sem o pensador. Desde que existe o pensamento existe o pensador. O pensador não está separado do pensamento, mas o pensamento cria o pensador e o separa, porque o pensamento está

incessantemente buscando permanência e dessa maneira cria o "eu" como uma entidade permanente, o "eu" que controla o pensamento. Mas sem o pensamento não existe "eu"; quando vocês não pensam, quando vocês não reconhecem, quando vocês não distinguem, existe o "eu"? Existe essa entidade? O próprio processo do pensar cria o "eu"; então o "eu" opera sobre o pensamento. Assim a luta prossegue indefinidamente.

Se existe a intenção de ficar completamente livre do medo, então deve haver o reconhecimento da verdade que o "medo" sou "eu", que não existe medo separado do "eu". Esse é o fato. Quando estamos frente a frente com um fato então existe ação – uma ação que não é gerada pela mente consciente, uma ação que é a verdade não da escolha, não da resistência. Só então existe uma possibilidade de libertar a mente de qualquer tipo de medo.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VII
Bombaim, 15 de fevereiro, 1953

Pergunta: Estou em conflito e sofrimento. Por milhares de anos temos ouvido falar sobre as causas do sofrimento e a maneira de interrompê-lo, e, todavia, nos encontramos onde estamos atualmente. É possível pôr fim a este sofrimento?

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber quantos de nós temos consciência de que estamos sofrendo. Vocês estão conscientes não teoricamente, mas realmente, de que estão em conflito? E se estão, o que vocês fazem? Tentam escapar dele, não tentam? No momento em que se tem consciência deste conflito e sofrimento, tenta-se esquecê-los com atividades intelectuais, com trabalho ou buscando divertimento, prazer. Procuramos uma fuga do sofrimento e todas as fugas, sejam elas refinadas ou grosseiras, são iguais, não são? O que entendemos por conflito? Quando estão conscientes de que estão em conflito? O conflito surge seguramente

quando existe a consciência do "eu". Há consciência do conflito somente quando o "eu" repentinamente se torna consciente de si mesmo; de outro modo vocês levam uma vida monótona, superficial, insensível, rotineira, não levam? Estão conscientes de si mesmos somente quando existe conflito, e enquanto todas as coisas se movem suavemente sem contradição, sem frustração, não existe consciência de si mesmos na ação. Enquanto não sou pressionado, enquanto consigo o que quero, não estou em conflito mas no momento em que sou impedido, fico consciente de mim mesmo e me torno infeliz. Em outras palavras, o conflito surge apenas quando existe o sentimento de "mim mesmo" face a uma frustração na ação. Desse modo, o que nós queremos? Queremos uma ação que esteja constantemente nos preenchendo, sem frustração; isto é, queremos viver sem sermos bloqueados. Em outras palavras, queremos nossos desejos realizados; e enquanto esses desejos não são satisfeitos, há conflito, há contradição. Assim, nosso problema é como satisfazer, como conseguir o preenchimento do "eu" sem frustração. Desejo possuir alguma coisa – patrimônio, uma pessoa, um título ou o que quiser – e se a obtenho e continuo obtendo o que quero, então sou feliz, não há contradição. Desse modo, o que estamos buscando é o preenchimento do "eu" e enquanto pudermos conseguir esse preenchimento, não há atrito.

Agora, a questão é: existe tal coisa como o preenchimento do "eu"? Isto é, posso eu obter algo, tornar-me alguma coisa, realizar algo? E nesse desejo, não há uma batalha constante? Ou seja, enquanto anseio me tornar alguma coisa, realizar algo, para me preencher, deve haver frustração, deve haver temor, deve haver conflito; e, portanto, existe tal coisa como o preenchimento do "eu"? O que entendemos por esse preenchimento? Por preenchimento do "eu" entendemos a expansão do "eu" – o "eu" tornando-se mais ampliado, maior, mais importante; o "eu" tornando-se governador, executivo, gerente de banco e assim por diante. Agora, se entrarmos nisso um pouco mais profundamente, veremos que enquanto existe esta ação do ego, isto é, enquanto existe consciência do ego na ação, deve existir frustração; portanto, dever existir sofrimento. Daí nosso problema não é como dominar o sofrimento, como pôr de

lado o conflito, mas compreender a natureza do ego, do "eu". Espero que não esteja tornando isto muito complicado. Se simplesmente tentamos dominar o conflito, tentamos colocar de lado o sofrimento, não compreendemos a natureza do criador do sofrimento.

Enquanto o pensamento estiver preocupado com seu próprio aperfeiçoamento, sua própria transformação, seu próprio progresso, tem de haver conflito e contradição. Assim, voltamos para o fato óbvio de que o conflito e o sofrimento existirão enquanto eu não compreender a mim mesmo. Portanto, compreender a si mesmo é mais importante do que saber como dominar o sofrimento e o conflito. Podemos ir além nisso tudo mais tarde. Mas escapar do sofrimento por meio de rituais, de divertimentos, de crenças ou de qualquer outra forma de distração é distanciar nosso pensamento cada vez mais da questão central, que é a de compreender a si mesmo. Para compreender o sofrimento deve haver a cessação de todas as fugas porque só então vocês estão aptos a ver a si mesmos na ação; e em compreendendo a si mesmos na ação – que é relação – encontrarão uma maneira de libertar completamente o pensamento de todo conflito e viver num estado de felicidade, de realidade.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. V
Nova Délhi, 14 de novembro, 1948

Pergunta: Você tem dito que todos os impulsos são em essência o mesmo. Você quer dizer que o impulso do homem que busca a Deus não é diferente do impulso do homem que procura mulheres ou daquele que se perde na bebida?

KRISHNAMURTI: Os impulsos não são parecidos, mas são todos eles impulsos. Você pode ter um impulso na direção de Deus e eu posso ter um impulso para me embriagar, mas ambos somos compelidos, impulsionados – você numa direção e eu em outra. Sua direção é respeitável, a

minha não é; pelo contrário, sou anti-social. Mas o eremita, o monge, a chamada pessoa religiosa, cuja mente está ocupada com a virtude, com Deus, é essencialmente idêntica ao homem cuja mente está ocupada com os negócios, com mulheres, com a bebida, porque ambos estão ocupados. Compreendem? Um tem importância social enquanto o outro, o homem cuja mente está ocupada com a bebida, é socialmente um desajustado. Neste aspecto estão sendo julgados do ponto de vista social, não estão? O homem que se retira para um mosteiro e reza da manhã à noite, fazendo um pouco de jardinagem durante um certo período do dia, cuja mente está inteiramente ocupada com Deus, com automortificação, autodisciplina, autocontrole – esse homem vocês consideram uma pessoa muito santa, um homem muito extraordinário. Ao passo que o homem que vai atrás de negócios, que especula na bolsa de valores e está ocupado o tempo todo em fazer dinheiro, desse homem vocês dizem: "Bom, ele é apenas um homem comum como todos nós." Não obstante ambos estão ocupados. Para mim, não é importante com o que a mente está ocupada. O homem cuja mente está ocupada com Deus nunca achará Deus; porque Deus não é algo com que possamos nos ocupar; é o desconhecido, o imensurável. Você não pode se ocupar com Deus. Isso é uma maneira vulgar de pensar em Deus.

O que realmente importa não é com o que a mente está ocupada, mas o fato de se ocupar, quer seja com a cozinha, com as crianças, com divertimento, com que tipo de comida irá comer ou com a virtude, com Deus. E deve a mente estar ocupada? Estão acompanhando? Pode uma mente ocupada, em algum tempo, ver algo novo, qualquer coisa exceto sua própria ocupação? E o que acontece à mente se não está ocupada? Vocês estão entendendo? Existe uma mente se não há ocupação? O cientista está ocupado com seus problemas técnicos, sua mecânica, suas matemáticas assim como a dona de casa está ocupada com a cozinha ou com o bebê. Todos nós estamos muito amedrontados de não ficarmos ocupados, amedrontados das implicações sociais. Se não se está ocupado, pode-se descobrir a si mesmo assim como se é; portanto, a ocupação torna-se uma fuga daquilo que se é.

Dessa maneira, deve a mente estar permanentemente ocupada? E é possível uma mente sem ocupação? Por favor, estou fazendo uma pergunta para a qual não existe resposta porque vocês têm que descobrir, e quando descobrirem, verão algo extraordinário acontecer.

É muito interessante descobrir por si mesmo como sua mente está ocupada. O artista está ocupado com sua arte, seu nome, seu progresso, a combinação das cores, com a fama, com a notoriedade; o homem erudito está ocupado com seu conhecimento; e um homem que está buscando o autoconhecimento está ocupado com o seu autoconhecimento, tentando como uma formiguinha estar ciente de cada pensamento, de cada movimento. Eles são todos iguais. Apenas a mente que está totalmente desocupada, completamente vazia – apenas essa mente é que pode receber algo novo, na qual não existe ocupação alguma. Mas essa coisa nova não pode vir à existência enquanto a mente estiver ocupada.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Ojai, 14 de agosto, 1955

Pergunta: Quando morremos, renascemos nesta Terra ou passamos para algum outro mundo?

KRISHNAMURTI: Esta questão interessa a todos nós, jovens e velhos, não é? Assim, vou examiná-la um pouco mais profundamente e espero que tenham a bondade de acompanhar não apenas as palavras, mas a experiência real disso que irei discutir com vocês.

Todos sabemos que a morte existe, especialmente as pessoas mais idosas e também os jovens que observam isso. Os jovens dizem: "Esperemos até que venha e lidaremos com ela"; e como os velhos já estão próximos da morte, recorrem a vários meios de consolação.

Por favor, sigam e apliquem isto em vocês mesmos; não transfiram para outra pessoa. Porque sabem que irão morrer, possuem teorias sobre

isso, não é? Vocês crêem em Deus, acreditam em ressurreição ou em carma e reencarnação; dizem que renascerão aqui ou noutro mundo. Ou racionalizam a morte dizendo que ela é inevitável, acontece a todo mundo; que a árvore definha, nutre o solo e uma nova árvore nasce. Ou ainda estão muito ocupados com suas preocupações diárias, ansiedades, ciúmes, invejas, com sua competição e sua riqueza para pensar na morte. Porém, ela está na sua mente, consciente ou inconscientemente ela está lá.

Antes de tudo, vocês podem libertar-se das crenças, das racionalizações ou da indiferença que têm cultivado em relação à morte? Podem libertar-se de tudo isso agora? Porque o que é importante é entrar na morada da morte enquanto se está vivo, enquanto se está plenamente consciente, ativo, em boa saúde e não esperar pela vinda da morte, que pode arrebatá-lo instantaneamente devido a um acidente ou por meio de uma doença que lentamente o torna inconsciente. Quando a morte chega, esse deve ser um momento extraordinário que é tão vital quanto o viver.

Agora, posso eu, vocês, adentrar na morada da morte durante o viver? Esse é o problema – não é se existe reencarnação ou se existe um outro mundo onde vocês tornarão a nascer, isso tudo é muito imaturo, muito infantil. O homem que vive nunca pergunta "O que é viver?" e não possui uma teoria sobre o viver. Somente os semivivos é que falam sobre o propósito da vida.

Podemos então, vocês e eu, enquanto estamos vivos, conscientes, ativos, de posse de todas as nossas capacidades sejam elas quais forem, saber o que é a morte? E é a morte, então, diferente do viver? Para a maioria de nós, viver é uma continuação daquilo que pensamos ser permanente. Nosso nome, nossa família, nosso propriedade, as coisas nas quais investimos econômica e espiritualmente nosso interesse, as virtudes que nós cultivamos, as coisas que temos adquirido emocionalmente – queremos que tudo isso continue. E o momento que chamamos de morte é um momento do desconhecido; por conseguinte nos sentimos atemorizados, então tentamos encontrar um consolo, algum tipo de conforto; queremos saber se há vida após a morte e muitas outras coisas.

Todos estes problemas são irrelevantes; são problemas para os indolentes, para aqueles que não querem descobrir o que é a morte enquanto vivos. Assim, podemos, vocês e eu, investigar isso?

O que é a morte? Certamente é a cessação completa de tudo que vocês conheceram. Se não é a cessação de tudo o que conheceram, então não é a morte. Se já sabem o que é a morte, então não há nada com o que se amedrontar. Mas vocês conhecem a morte? Isto é, é possível enquanto se está vivo pôr fim a esta interminável luta para achar no impermanente alguma coisa que continue a existir? Pode-se conhecer o incognoscível, esse estado ao qual chamamos morte, enquanto se está vivo? Podem colocar de lado todas as descrições do que acontece após a morte, que leram em livros ou que foram ditadas pelo seu desejo inconsciente de conforto e provarem ou experimentarem esse estado, que deve ser extraordinário, imediatamente? Se esse estado pode ser experimentado agora, então o viver e o morrer são iguais.

Assim, posso eu, que tenho muita instrução, conhecimento, que tive inumeráveis experiências, lutas, amores, ódios – pode esse "eu" terminar? O "eu" é a memória registrada de tudo isso, e pode esse "eu" findar? Não sendo ele causado por um acidente, por uma doença, podemos eu e vocês, enquanto estamos aqui sentados, conhecer esse fim? Se puderem, então notarão que não perguntam mais questões absurdas sobre a morte e a continuidade – se existe outro mundo depois deste. Então saberão a resposta por si mesmos porque aquilo que é incognoscível haverá se manifestado. Então colocarão de lado toda essa conversa sem sentido sobre reencarnação e os numerosos medos – o medo de viver e o medo de morrer, o medo de envelhecer e infligir a outros o incômodo de cuidarem de vocês, o medo da solidão e da dependência – tudo isso terá findado. Estas não são palavras vazias. É somente quando a mente deixa de pensar em termos de sua própria continuidade que o incognoscível se manifesta.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Ojai, 21 de agosto, 1955

Pergunta: Eu rezo para Deus e minhas preces são atendidas. Isto não prova a existência de Deus?

KRISHNAMURTI: Se você tem prova da existência de Deus, então isso não é Deus (risos) porque a demonstração é coisa da mente. Como pode a mente provar a existência ou não-existência de Deus? Por conseguinte, o seu Deus é uma projeção da mente de acordo com sua satisfação, apetite, alegria, prazer ou medo. Tal coisa não é Deus, mas simplesmente uma criação do pensamento, uma projeção do conhecido, que é o passado. O que é conhecido não é Deus, embora a mente possa procurá-lo, possa ser diligente na busca de Deus.

O interrogante diz que as suas orações são atendidas e pergunta se isso não é uma prova da existência de Deus. Vocês querem uma prova do amor? Quando amam alguém vocês procuram obter provas? Se vocês exigem uma prova de amor, isso é amor? Se vocês amam sua esposa, seu filho e querem provas, então esse amor certamente é um acordo comercial. Portanto, sua oração a Deus é simplesmente uma negociação (risos). Não menosprezem isso, olhem para essa questão seriamente, como um fato. O interrogante se aproxima daquilo que chama de Deus por meio de súplica e petição. Não se pode encontrar a realidade por meio do sacrifício, da obrigação, da responsabilidade porque estes são meios para um determinado fim, e o fim não é diferente dos meios. Os meios são o fim.

A outra parte da pergunta é: "Rezo a Deus e minhas preces são atendidas." Vamos examinar isso. O que vocês entendem por prece? Rezam quando estão alegres, quando estão felizes, quando não existe confusão, nenhum sofrimento? Vocês rezam quando existe sofrimento, quando existe perturbação, medo, desordem e sua prece é súplica, petição. Quando se encontram em sofrimento querem alguém para ajudá-los a sair disso, uma entidade superior que lhes dê a mão, e esse processo de súplica, nas suas diferentes formas, é denominado prece. Então, o que acontece? Vocês estendem as mãos implorando a alguém; não importa a quem seja – um anjo ou sua própria projeção a qual chamam de Deus. No instante em que suplicam, vocês obtêm alguma coisa – agora se essa

coisa é real ou não é uma outra questão. Vocês querem que sua confusão, seus sofrimentos sejam solucionados, então escapam com suas frases tradicionais, acionam sua devoção e a constante repetição, obviamente, sossega a mente. Mas isso não é quietude – a mente está simplesmente entorpecida e posta a dormir. Nessa calma induzida, quando existe a suplicação, existe uma resposta. Mas isso não é absolutamente uma resposta de Deus – ela é proveniente de sua própria projeção enfeitada. Aqui está a resposta à pergunta. Mas você não quer investigar tudo isto, é por isso que coloca a questão. Suas orações são súplicas – está interessado somente em obter uma resposta a elas porque quer livrar-se de um sofrimento. Alguma coisa está corroendo em seu coração e pela oração você se entorpece e se tranqüiliza. Nessa quietude artificial existe uma resposta – satisfatória obviamente, pois do contrário a rejeitaria. Sua oração é satisfatória e conseqüentemente é o que você mesmo criou. É a sua própria projeção que o ajuda a sair – esse é um tipo de oração. Também há o tipo de oração por deliberação para colocar a mente quieta, receptiva e aberta. Como pode a mente estar aberta se está condicionada pela tradição, pelo *background* do passado? Abertura implica compreensão, a capacidade de observar o imponderável. Quando a mente está presa, amarrada a uma crença, ela não pode estar aberta. Quando é deliberadamente aberta, obviamente qualquer resposta que recebe é uma projeção dela própria. Só quando a mente não está condicionada, quando sabe como lidar com cada problema no momento em que surge, só então os problemas deixam de existir. Enquanto o *background* permanecer, deve criar problemas; enquanto existir continuidade, deve haver cada vez mais confusão e sofrimento. Receptividade é a capacidade de estar aberto sem condenação ou justificação ao "o que é"; e é disso que você está tentando escapar por meio da oração.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VI
Colombo, 8 de janeiro, 1950

Pergunta: Nos momentos de grande angústia e desespero eu me entrego a Ele sem resistência, sem conhecê-Lo. Isso dissipa meu desespero; de outro modo, eu seria destruído. O que é esta entrega, e isto é um procedimento incorreto?

KRISHNAMURTI: Uma mente que se entrega deliberadamente a algo desconhecido está adotando um procedimento equivocado assim como um homem que cultiva deliberadamente o amor, a humildade quando na realidade não possui nem amor, nem humildade. Quando sou violento, se estou tentando tornar-me não-violento, ainda estou sendo violento. Se estou praticando a humildade, é isso humildade? Isso é apenas respeitabilidade, não é humildade. Percebem a verdade disto, senhores? Não riam e digam que é uma afirmação capciosa. Não é uma observação capciosa. Um homem que deliberadamente está persuadindo a si mesmo a ser bom, que está se submetendo a algo a que denomina de Deus ou Ele, ele o faz deliberadamente, voluntariamente através de uma ação da vontade. Tal atitude de entrega não é entrega; é auto-esquecimento, é uma reposição, um substituto, uma fuga; é o mesmo que se auto-hipnotizar, como tomar uma droga ou como repetir palavras sem significado.

Penso que existe uma qualidade de entrega que não seja deliberada, que seja completamente não-solicitada, não-buscada. Quando a mente está solicitando alguma coisa, isso não é entrega. Quando a mente exige paz, quando diz "eu amo a Deus e exerço o amor de Deus", isso não é amor. Todas as atividades deliberadas da mente são a continuação da mente e tudo o que tem continuidade está no tempo. Somente na cessação do tempo é que pode haver o ser da realidade. A mente não pode entregar-se. Tudo o que ela pode fazer é estar quieta, mas essa quietude não pode surgir quando há desespero ou quando há esperança. Se vocês compreenderem o processo do desespero, se a mente perceber o inteiro significado do desespero, vocês perceberão a verdade disso. Existe uma forte inclinação ao desespero quando se quer alguma coisa e não se pode obter aquilo que deseja – pode ser um carro, pode ser uma mulher, pode ser Deus; todos eles são de uma mesma qualidade. No momento em que desejam alguma coisa, esse próprio desejar é o começo do desespero.

Desespero significa frustração. Vocês estariam satisfeitos se pudessem obter aquilo que querem e porque não conseguem o que desejam, dizem: "Devo me submeter a Deus". Se obtivessem o que queriam, estariam perfeitamente satisfeitos; só que essa satisfação chega a um fim rapidamente e vocês procuram obter outra coisa. Dessa maneira mudam constantemente o objeto da sua satisfação; este processo traz consigo sua própria recompensa, suas próprias dores, seus próprios sofrimentos, seu próprio prazer.

Se compreenderem que o desejo de qualquer espécie traz com ele a frustração, o desespero e por conseguinte o conflito dualista da esperança, se realmente verem a verdade disso, se não disserem "Como faço para ficar nesse estado?", vocês simplesmente percebem que o desejo produz a dor e que o próprio percebimento disso é o silêncio do desejo. Estar consciente sem realizar qualquer escolha, pura e simplesmente, de que a mente é barulhenta, que ela está em constante movimento, em constante luta, esse mesmo percebimento ocasiona o findar desse ruído sem que se faça escolha alguma. O estar atento é a coisa mais importante, não o afastar-se do desespero, não o silêncio. A inteligência pura é esse estado da mente em que há um percebimento no qual não existe escolha, no qual a mente está silenciosa. Nesse estado de silêncio há apenas o "ser"; então essa realidade, essa espantosa atividade criadora fora do tempo se manifesta.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VIII
Bombaim, 10 de fevereiro, 1954

Pergunta: Na sua concepção, o que é a verdadeira meditação?

KRISHNAMURTI: Bem, qual é o propósito da meditação? E o que entendemos por meditação? Eu não sei se vocês já meditaram, vamos, então, experimentar juntos para descobrir o que é a verdadeira meditação. Não

fiquem simplesmente escutando a minha colocação a respeito dela, mas vamos descobrir juntos e experimentar o que é a verdadeira meditação. Porque a meditação é importante, não é? Se você não sabe o que é meditação correta, não há autoconhecimento, e sem conhecer a si próprio a meditação não tem sentido. Sentar-se num canto ou andar ao redor de um jardim ou numa rua e tentar meditar não tem sentido algum. Isso somente leva a um determinado tipo de concentração, a qual é exclusão. Estou certo de que alguns de vocês já experimentaram todos esses métodos. Isto é, tentar concentrar-se sobre um objeto em particular, tentar forçar a mente quando ela está vagando por todo lugar, ficar concentrado; e quando isso falha, vocês rezam.

Assim, se realmente desejam compreender o que é a meditação correta, deve-se descobrir quais são as coisas falsas as quais temos chamado de meditação. Evidentemente, concentração não é meditação porque, se você observar, no processo da concentração existe exclusão e, portanto, existe distração. Você está tentando concentrar-se em alguma coisa e sua mente afasta-se em direção a uma outra, e há esta constante batalha que segue para se fixar num ponto enquanto a mente se recusa e se desvia. E assim passamos anos tentando nos concentrar estudando sobre concentração, que erroneamente é chamada de meditação.

Em seguida vem a questão da oração. A oração evidentemente produz resultados; pois do contrário milhões de pessoas não rezariam. E ao rezar, obviamente a mente é acalmada; pela repetição constante de certas frases, a mente torna-se tranqüila. E nessa tranqüilidade existe certa sugestão, certas percepções, certas respostas. Mas isso ainda é parte dos artifícios da mente porque, afinal de contas, mediante certa forma de hipnose pode-se tornar a mente muito tranqüila. E nessa tranqüilidade certas respostas ocultas começam a se manifestar provenientes do inconsciente e de fora do consciente. Mas este ainda é um estado no qual não há compreensão.

E meditação não é devoção – devoção a uma idéia, a uma imagem, a um princípio – porque as coisas da mente ainda são idolátricas. Um pode

não adorar uma estátua, considerando isso idolatria e tolice, superstição; mas há aquele, assim como a maioria, que adora as coisas da mente – e isso também é idolatria. E ser devoto de uma imagem ou de uma idéia, ou de um Mestre, não é meditação. Obviamente, é um modo de fugir de si mesmo. É uma saída muito reconfortante, mas ainda é uma fuga.

E este constante empenho para se tornar virtuoso, para adquirir virtude mediante a disciplina, mediante o exame meticuloso de si mesmo e assim por diante, evidentemente também não é meditação. A maioria de nós está presa nestes processos e uma vez que eles não proporcionam a compreensão de nós mesmos, não são o caminho da meditação correta. Afinal de contas, sem a compreensão de si mesmo, que base vocês têm para um pensar correto? Tudo o que fizerem sem essa compreensão de si próprios é agir de acordo com o seu *background*, com a reação do seu condicionamento. E tal resposta ao condicionamento não é meditação. Mas estar consciente dessas reações, isto é, estar atento aos movimentos do pensamento e do sentimento, sem qualquer senso de condenação, de tal modo que os movimentos do eu, as formas do eu, sejam perfeitamente compreendidas – esse caminho, é o caminho da meditação correta.

A meditação não é um afastamento da vida. A meditação é um processo de compreensão de si mesmo. E quando se começa a compreender a si mesmo não apenas o nível consciente, mas também todas as partes ocultas de si mesmo, então surge a tranqüilidade. Uma mente que foi aquietada por meio da contemplação, da compulsão, da conformação, não é uma mente serena. É uma mente estagnada. Não é uma mente que é alerta, desinteressada, capaz de receptividade criadora. A meditação requer constante vigilância, constante percebimento de cada palavra, cada pensamento e sentimento, revelando com isso o estado do nosso próprio ser, tanto o oculto como também o superficial; e como essa atenção é árdua, fugimos na direção de coisas confortadoras e ilusórias de toda espécie; e a isso chamamos de meditação.

Se um indivíduo puder perceber que o autoconhecimento é o começo da meditação, o problema torna-se extraordinariamente interessante e vital. Porque, afinal, se não há autoconhecimento, vocês podem

praticar o que denominam de meditação e ainda permanecerem apegados aos seus princípios, à sua família, à sua propriedade; ou, se renunciam às suas posses, podem ficar apegados a uma idéia e estarem tão concentrados nela que a multiplicam cada vez mais. Certamente, isso, não é meditação. Portanto, o autoconhecimento é o começo da meditação; sem esse autoconhecimento não há meditação. E na medida em que se aprofunda nessa questão do autoconhecimento, não só a mente superficial se torna tranqüila, serena, mas as diferentes camadas do oculto são reveladas. Quando a mente superficial está quieta, então o inconsciente, as camadas ocultas da consciência se projetam; elas revelam o seu conteúdo; transmitem suas inspirações de modo que todo o processo do próprio ser é completamente compreendido.

Então a mente torna-se extremamente quieta – está quieta. Não foi aquietada, não é compelida a permanecer quieta por uma recompensa nem pelo temor. Então há um silêncio no qual a realidade se manifesta. Mas esse silêncio não é um silêncio cristão, hinduísta ou budista. Esse silêncio é silêncio, não tem nome. Por conseguinte, se vocês seguem o caminho do silêncio cristão, hindu ou budista, nunca ficarão silentes. Por essa razão, o homem que deseja encontrar a realidade precisa abandonar completamente o seu condicionamento – seja cristão, hindu, budista ou de qualquer outro grupo. Simplesmente fortalecer o *background* por meio da contemplação, por meio da conformidade, provoca a estagnação da mente, seu embotamento; e não estou totalmente certo de que não seja isso mesmo o que a maioria de nós deseja porque é muito mais fácil criar um padrão e segui-lo. Mas libertar-se de nosso *background* demanda uma vigilância constante no relacionamento.

E uma vez que esse silêncio está presente, então manifesta-se um estado criador extraordinário – o que não significa que se tenha que escrever poemas, pintar quadros; pode ser que o faça ou pode ser que não. Mas esse silêncio não é para ser perseguido, copiado, imitado – porque nesse caso deixa de ser silêncio. Não se pode chegar a ele por meio de algum caminho. Ele surge somente quando os comportamentos do eu são compreendidos e o eu, com todas as suas atividades e maldades, chega

ao fim. Isto é, logo que a mente cessa a criatividade começa a haver a criação. Portanto, a mente deve tornar-se simples, deve tornar-se quieta, estar quieta – aliás, a palavra "deve" é imprópria: dizer que a mente "deve" ser quieta implica compulsão. E a mente está quieta somente quando o processo inteiro do eu chega a um fim. Quando todos os movimentos do eu são compreendidos e, portanto, suas atividades cessam – só então há silêncio. Este silêncio é a verdadeira meditação e nesse silêncio o eterno se manifesta.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. V
Londres, 23 de outubro, 1949

Pergunta: De todos os instrutores espirituais que conheço você é o único que não oferece um sistema de meditação para alcançar a paz interior. Todos nós concordamos que a paz interior é necessária, mas como podemos alcançá-la sem praticar uma técnica, quer seja a ioga oriental ou a psicologia ocidental?

KRISHNAMURTI: Não é lamentável que existam professores, instrutores espirituais e discípulos? No momento em que se tem um professor e torna-se um discípulo, você não destruiu aquela chama que deve ser constantemente mantida viva caso esteja a investigar, a descobrir? Quando confia num instrutor para lhe ajudar, o instrutor não se torna mais importante do que a verdade que você está buscando? Portanto, vamos colocar de lado essa postura de mestre-discípulo; vamos tirar isso completamente da nossa vida e considerar o problema em si tal como ele afeta cada um de nós. Nenhum instrutor, evidentemente, pode ajudá-los a encontrar a verdade; deve-se encontrá-la dentro de si mesmo; deve-se ir através da dor, do sofrimento, da investigação, deve-se descobrir e compreender as coisas por si mesmo. Mas ao tornar-se discípulo de um determinado instrutor vocês não desenvolveram a inércia, a indolência, não há um obscurecimento da mente? E, evidente, os vários instrutores

com seus respectivos grupos estão em contradição, competindo uns com os outros, fazendo propaganda – vocês conhecem todo o absurdo em torno disso.

De modo que toda essa questão de instrutores e discípulos é ridícula e infantil. O que importa na questão é isto: Existe um método, seja oriental ou ocidental, de se alcançar a paz? Se a paz é obtida por meio da prática de um determinado método, aquilo que se obtém e que denominam de paz não é mais uma condição viva; é uma coisa morta. Vocês sabem o que é a paz por meio de uma fórmula do que ela deveria ser e construíram um caminho no qual seguem em direção a ela. Seguramente, essa paz é uma projeção do seu próprio desejo, não é? Portanto, já não é mais paz. É o que vocês desejam, uma coisa oposta àquilo que vocês são. Eu me encontro num estado de conflito, de sofrimento, de contradição; estou infeliz, violento e quero um refúgio, um estado no qual não serei perturbado. Assim, recorro a diferentes instrutores, guias; leio livros, pratico disciplinas que prometem aquilo que desejo; me reprimo, me controlo, obedeço a fim de alcançar a paz. E isso é paz? Certamente a paz não é uma coisa para ser procurada – ela acontece. Ela é uma coisa derivada, não um fim em si mesma. Ela surge quando começo a compreender todo o processo de mim mesmo, minhas contradições, desejos, ambições, orgulho. Mas se faço dela um fim em si mesma, vivo, por conseguinte, num estado de estagnação. E isso é paz?

Desse modo, enquanto estiver buscando a paz por meio de um sistema, um método ou uma técnica, eu terei paz, mas será uma paz de concordância, uma paz da morte. E é isso o que deseja a maioria de nós. Tive o vislumbre de algo, uma experiência a qual não posso expressar em palavras, e quero viver nesse estado; quero que ele continue; quero uma realidade absoluta. Pode haver uma realidade absoluta ou experiências de significação cada vez maiores; mas se me agarro a uma ou a outra, não estou cultivando uma morte lenta? E a morte não é a paz. Desse modo, não é possível imaginar o que seja a paz neste estado de confusão, neste estado de conflito. O que posso imaginar é o oposto e aquilo que é o oposto do que sou não é paz. Portanto, uma técnica somente me ajuda

a obter algo que é oposto ao que eu sou; e sem compreender o que sou – entrando nisso inteiramente, não apenas no nível consciente, mas também nos níveis inconscientes – sem compreender todo o processo de mim mesmo, simplesmente buscar a paz tem muito pouca importância.

Vejam, a maioria de nós é indolente; somos muito inertes; queremos instrutores, mosteiros para nos ajudar; não queremos descobrir por nós mesmos através de nossa constante atenção, através de nossa própria indagação, mediante nossa própria experiência, por mais incerto, sutil e difícil de se compreender que o seja. Por isso nos afiliamos a igrejas, grupos, nos convertemos em seguidores deste ou daquele – o que significa por um lado existir luta e pelo outro, o cultivo da inércia. Mas, se realmente desejamos descobrir, experimentar diretamente – e podemos conversar sobre o que seja esse experimentar noutra ocasião – então, certamente, é imperativo que se ponha de lado todas estas coisas e compreendamos a nós mesmos. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, e somente ela pode trazer a paz.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VII
Ojai, 10 de agosto, 1952

Pergunta: O pensamento se move continuamente, todo o tempo, incessantemente. Como é possível colocar um fim nisso?

KRISHNAMURTI: Se eu disser "Não sei", o que você fará? Eu realmente não sei. Senhor, escute atentamente o que está sendo dito. Muitas maneiras têm sido experimentadas – partindo-se para um mosteiro; identificando-se com alguma imagem, teoria ou conceito; por meio da disciplina, da meditação, da imposição, da repressão – na tentativa de se colocar um fim ao pensamento. O homem tem tentado tudo o que é possível, torturado a si mesmo de mil maneiras diferentes porque percebeu que pensar é encher-se de sofrimento. Como isto pode ser feito? Existem muitas

coisas envolvidas. No instante em que você efetua um esforço para fazê-lo parar, então ele se torna um problema. Existe uma contradição. Você quer cessar o pensamento e ele continua avançando. Essa própria contradição gera conflito; todas as contradições geram conflito. Assim, o que você fez? Não pôs fim ao pensamento, somente introduziu um novo problema, que é o conflito. Qualquer esforço para parar o pensamento apenas alimenta, fornece mais energia a ele próprio. Você sabe muito bem que precisa pensar. Tem que empregar toda a energia que dispõe para pensar com clareza, com nitidez, pensar sensatamente, de modo racional e lógico. Entretanto sabe que esse pensar sensato, racional e lógico não interrompe o pensamento. Este prossegue, indefinidamente.

O que fazer? Vocês sabem que qualquer forma de repressão, qualquer forma de disciplina, supressão, resistência ou conformação a uma idéia de que deve pôr fim ao pensamento, é inútil. Coloquem tudo isso de lado. Colocaram? Se o fizeram, agora o que irão fazer? Não farão absolutamente nada! Primeiro vocês acham que devem pará-lo. Isso é uma idéia e por trás dela existe um motivo. Querem deter o pensamento porque ele não resolveu o problema. Assim, pode a mente – não apenas uma parte dela, uma determinada fração dela, porém sua totalidade, que inclui os nervos, o cérebro, a sensibilidade, tudo – pode a mente perceber que não pode fazer nada a respeito disso? E depois disso, o pensamento continua? Vocês constatarão que ele não continua.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. XVI
Saanen, 19 de julho, 1966

Pergunta: O que é este autoconhecimento do qual você fala, e como posso adquiri-lo? Qual é o ponto de partida?

KRISHNAMURTI: Agora, por favor escutem atentamente porque vocês têm idéias incríveis sobre o autoconhecimento – que para ter autoconhecimento deve-se praticar, deve-se meditar, deve-se fazer todo tipo de coisas. É muito simples, senhor. No autoconhecimento o primeiro passo é

o último passo, o começo é o fim. O primeiro passo é o que importa, pois o autoconhecimento não é alguma coisa que se possa aprender de outra pessoa. Ninguém pode ensinar a vocês o autoconhecimento, vocês têm que descobrir por si mesmos; deve ser uma descoberta própria e essa descoberta não é algo extraordinário, imaginário; ela é muito simples. Afinal de contas, conhecer a si mesmo é observar o seu comportamento, suas palavras, o que faz nas suas relações cotidianas; isso é tudo. Comecem a fazer isso e verão como é extraordinariamente difícil estar atento, apenas observar o seu tipo de comportamento, as palavras que utilizam com seu empregado, com seu chefe, a atitude que têm em relação às pessoas, às idéias e às coisas. Apenas observem seus pensamentos, seus motivos no espelho da relação e verão que no instante em que observam, vocês querem corrigir e dizem: "Isto é bom, isso é mau, devo fazer isto e não aquilo." Quando se observam no espelho da relação, sua abordagem é de condenação ou de justificação, conseqüentemente distorcem o que vêem. Enquanto que, se vocês simplesmente observarem nesse espelho sua atitude com relação às pessoas, às idéias e às coisas, se apenas verem o fato sem julgamento, sem condenação ou aceitação, então descobrirão que essa mesma percepção tem sua própria ação. Esse é o começo do autoconhecimento.

Olhar atentamente para si mesmo, observar o que faz, o que pensa, quais são suas motivações e estímulos, e ainda não condenar ou justificar, é uma coisa extraordinariamente difícil de se fazer porque toda a sua formação está fundada na condenação, no julgamento e na avaliação; vocês têm sido criados pelo princípio do "Faça isto e não aquilo". Mas se puderem olhar no espelho da relação sem gerar o oposto, então descobrirão que não existe fim para o autoconhecimento.

Observem, a investigação do autoconhecimento é um movimento para fora que posteriormente se volta para dentro; primeiro olhamos as estrelas e em seguida olhamos para dentro de nós mesmos. Da mesma maneira, procuramos pela realidade, por Deus, pela segurança, felicidade no mundo objetivo, e quando não encontramos ali, nos voltamos para dentro. Esta busca pelo Deus interior, pelo eu superior ou como

quiser chamar, cessa completamente mediante o autoconhecimento, e então a mente se torna muito quieta não por meio de disciplina, mas apenas pela compreensão, pela vigilância, pela percepção de si mesma sem escolha, a cada minuto. Não digam: "Devo estar consciente a todo minuto" porque isso é apenas mais uma manifestação de nossa insensatez quando queremos chegar a algum lugar, quando queremos atingir um determinado estado. O que importa é estar consciente de si mesmo e manter-se atento, sem armazenar, pois no momento em que vocês acumulam, a partir desse centro vocês julgam. O autoconhecimento não é um processo de acumulação; é um processo de descobrimento de momento a momento na vida de relação.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. VIII
Bombaim, 20 de fevereiro, 1955

Pergunta: Você poderia, por favor, explicar o que você entende por percepção?

KRISHNAMURTI: Simplesmente percepção, apenas isso! Percebimento dos seus julgamentos, seus preconceitos, seus gostos e aversões. Quando você vê alguma coisa, aquilo que vê é o resultado de sua comparação, condenação, julgamento, avaliação, não é? Quando lê alguma coisa, você está julgando, está criticando, está condenando ou aprovando. Estar vigilante é perceber, no exato momento, todo este processo de julgar, avaliar, perceber as conclusões, o conformismo, as aceitações, as negações.

Ora, pode-se estar consciente sem tudo isso? No momento, tudo o que conhecemos é um processo de avaliação, e essa avaliação é conseqüência do nosso condicionamento, do nosso passado, das nossas influências religiosas, morais e educacionais. Esta suposta percepção é resultado de nossa memória – memória segundo o "eu", o holandês, o hinduísta, o budista, o católico ou o que quer que possa ser. É o "eu" – minhas lembranças, minha família, minha propriedade, minhas qualidades – que está olhando, julgando, avaliando. Estamos bastante familiarizados com

isso se estamos de todo alertas. Agora, pode haver percepção sem tudo isso, sem o ego? É possível apenas olhar sem condenação, apenas observar o movimento da mente, de sua própria mente, sem julgar, sem avaliar, sem dizer "isto é bom" ou "isto é mau"?

A percepção que nasce do ego, que é o percebimento de avaliação e julgamento, sempre produz dualidade, o conflito dos opostos – aquilo "que é" e aquilo "que deveria ser". Nesse percebimento existe julgamento, existe medo, existe avaliação, condenação, identificação. Isso nada mais é do que o percebimento pelo "eu", pelo ego com todas as suas tradições, memórias e tudo o mais. Tal percebimento sempre produz conflito entre o observador e o objeto observado, entre o que eu sou e o que deveria ser. Ora, é possível estarmos conscientes sem este processo de condenação, julgamento, avaliação? É possível olhar para mim mesmo, quaisquer que sejam os meus pensamentos e não condenar, não julgar, não avaliar? Não sei se já tentaram isso alguma vez. É muito difícil porque todo o nosso treinamento desde a infância nos leva a condenar ou aprovar. E no processo de condenação e aprovação há frustração, há medo, há uma dor angustiante, uma ansiedade, que é o próprio comportamento do "eu", do ego.

Desse modo, sabendo de tudo isso, pode a mente, sem esforço, sem tentar não condenar – porque no momento em que diz "não devo condenar" já está presa ao processo da condenação –, pode a mente perceber sem julgamento? Pode ela apenas estar vigilante, com imparcialidade e assim observar os próprios pensamentos e sentimentos no espelho da relação – relação com as coisas, com as pessoas e com as idéias? Esta observação silenciosa não gera um estado de indiferença, um intelectualismo frio – pelo contrário. Se quero compreender alguma coisa, evidentemente não deve haver condenação, não deve haver comparação – isto é simples, sem dúvida. Mas achamos que a compreensão vem através da comparação e assim multiplicamos as comparações. Nossa instrução é comparativa; e toda a nossa estrutura moral, religiosa é de comparar e de condenar.

Portanto, o percebimento do qual estou falando é a percepção de todo o processo da condenação e o seu findar. Nessa percepção há

observação sem qualquer julgamento – o que é extremamente difícil; implica na cessação, no fim de todo o processo de nomear, especificar. Quando estou consciente que sou ávido, ganancioso, irascível, passional ou o que quer que seja, não é possível simplesmente observar isso, estar consciente desse fato, sem o condenar? – o que significa pôr um fim ao próprio ato de nomear o sentimento. Porque quando dou um nome, como "ganância", o próprio nomear é um processo de condenação. Para nós, neurologicamente, a própria palavra "ganância" já é uma condenação. Libertar a mente de todo o condenar significa pôr fim a qualquer nomeação. Afinal de contas, o nomear é o movimento do pensador. É o pensador separando a si mesmo do pensamento – o que é um processo completamente artificial – é ilusório. Existe apenas o pensar; não há pensador; existe somente um estado de experimentar, não a entidade que experimenta.

Assim, este processo inteiro da percepção, da observação é o processo da meditação. Ele é, se posso expressá-lo de maneira diferente, uma disponibilidade para chamar o pensamento. Para a maioria de nós, os pensamentos vêm sem serem convidados – um pensamento atrás do outro; não há uma cessação do pensar; a mente é uma escrava de todo tipo de pensamento fugidio. Se perceberem isso, verão que pode haver um convite do pensamento – um chamamento do pensamento e então seguir cada pensamento que surgir. Para a maioria de nós, o pensamento vem sem ser convidado; ele chega pela maneira habitual. Compreender esse processo, convocar o pensamento e perseguir esse pensamento até o fim é o processo inteiro que descrevi como percepção; e nesse processo não existe a nomeação. Então você observará que a mente se tornou extraordinariamente quieta – não pelo cansaço nem pela disciplina ou qualquer forma de mortificação e controle. Mediante a percepção de suas próprias atividades a mente torna-se surpreendentemente quieta, plácida, criadora – sem o efeito de nenhuma disciplina ou nenhuma coação.

Então, nessa quietude da mente surge aquilo que é verdadeiro, sem ser convocado. Não se pode chamar a verdade; é o desconhecido. E nesse silêncio não há experimentador. Por conseguinte aquilo que se expe-

rimenta não é armazenado, não é lembrado como "minha experiência da verdade". Então alguma coisa que é atemporal se manifesta – que não pode ser medida por aquele que experienciou ou aquele que simplesmente se lembra de uma experiência passada. A verdade é uma coisa que se apresenta de instante a instante. Não é para ser cultivada ou para ser acumulada, armazenada e confinada na memória. Ela surge somente quando há um percebimento no qual não existe o experimentador.

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Amsterdam, 26 de maio, 1955

Pergunta: Ouvindo você, nota-se que leu muito e que também está consciente diretamente da realidade. Se é assim, então por que condena a aquisição de conhecimento?

KRISHNAMURTI: Eu direi por que. Essa é uma jornada que deve ser feita sozinho e não se pode viajar só se o conhecimento é o seu companheiro. Se você leu o *Gita*, os *Upanishads* e a moderna psicologia, se colheu informações de especialistas a respeito de si mesmo e sobre o que eles dizem das coisas que deveria esforçar-se para alcançar – esse conhecimento é um obstáculo. O tesouro não está dentro dos livros, mas enterrado em sua própria mente e só a mente pode descobri-lo. Possuir autoconhecimento é conhecer o comportamento da sua mente, estar consciente de suas sutilezas com todas as suas implicações e para isso você não precisa ler um único livro. Na verdade, não li nenhuma destas coisas. Talvez tenha casualmente olhado alguns desses textos sagrados quando rapaz ou jovem, mas nunca os estudei. E não quero estudá-los, eles são entediantes porque o tesouro se encontra em outro lugar. O tesouro não está nos livros, não está no seu guru; ele está em você mesmo e a chave para ele é a compreensão de sua própria mente. Você deve compreender sua mente não de acordo com Patanjali ou de acordo com

algum psicólogo que é hábil na explicação das coisas, mas pela observação atenta de si mesmo, pela observação de como a mente funciona – não apenas a mente consciente, mas também as camadas profundas do inconsciente. Se olhar atentamente sua mente, entreter-se com ela, vigiar quando é espontânea, livre, ela lhe revelará tesouros indescritíveis; e então você se encontrará além de todos os livros. Mas isso, porém, requer uma grande dose de atenção, vigor e uma busca intensa – não o diletantismo das explicações indolentes. Por conseguinte, a mente deve estar livre do conhecimento porque uma mente que está preenchida com o conhecimento não pode jamais descobrir "o que é".

Obras Reunidas de J. Krishnamurti: vol. IX
Bombaim, 25 de março, 1956

III

Escritos

Problemas e Fugas

"Tenho muitos problemas sérios e parece que os torno mais complicados e dolorosos ao tentar resolvê-los. Estou completamente desorientada e não sei o que fazer. Acrescente a tudo isto que sou surda e tenho que usar esse detestável aparelho para ajudar a minha audição. Tenho muitos filhos e um marido que me abandonou. Estou realmente preocupada com meus filhos, pois quero evitar que passem por todas as desgraças pelas quais passei."

Como ficamos ansiosos por encontrar uma solução para os nossos problemas! Ficamos tão ávidos para encontrar uma resposta que não podemos estudar o problema; isto impede nossa observação silenciosa do problema. O problema é a coisa mais importante e não a solução. Se procuramos uma solução, a encontraremos; mas o problema persistirá porque a solução para ele é irrelevante. Nossa busca é por uma fuga do problema e a solução é um remédio superficial, portanto não há compreensão do problema. Todos os problemas surgem de uma única origem, e sem compreender essa origem qualquer tentativa que fizermos para resolvê-los só poderá conduzir a mais confusão e sofrimento. Em primeiro lugar, deve-se ter certeza de que nossa intenção de compreender o problema é séria, que percebemos a necessidade de sermos livres de todos os problemas; pois só assim pode-se abordar o criador dos problemas. Sem estarmos livres dos problemas não pode haver tranqüilidade; e a

tranqüilidade é essencial para a felicidade, que não é um fim em si mesma. Assim como a água da lagoa se aquieta quando a brisa cessa, do mesmo modo a mente se aquieta com a cessação dos problemas. Mas a mente não pode ser aquietada; se o for, está morta, é uma lagoa estagnada. Quando isso está claro, então o criador dos problemas pode ser observado. A observação deve ser silenciosa e não estar de acordo com algum plano predeterminado baseado no prazer e na dor.

"Mas você está pedindo o impossível! Nossa educação exercita a mente para distinguir, comparar, julgar, escolher; é muito difícil não condenar ou justificar o que é observado. Como se pode ficar livre deste condicionamento e observar silenciosamente?"

Se você percebe que a observação silenciosa, a percepção passiva é essencial para a compreensão, então a verdade da sua percepção liberta você do condicionamento. Somente quando não se enxerga a necessidade imediata do percebimento passivo, embora atento, é que surge o "como", a busca por um meio de dissolver o condicionamento. É a verdade que liberta, não o meio ou o sistema. A verdade de que só a observação silenciosa pode trazer a compreensão tem de ser percebida; só então se está livre da condenação e da justificação. Quando você vê um perigo, você não pergunta como manter-se afastado dele. É porque não vê a necessidade de se estar passivamente consciente que você pergunta "como". Por que não percebe a necessidade disso?

"Eu quero percebê-la, mas nunca pensei desse modo antes. Tudo o que posso dizer é que quero me livrar dos meus problemas, pois eles constituem uma verdadeira tortura para mim. Quero ser feliz como qualquer outra pessoa."

Consciente ou inconscientemente, nos recusamos a perceber a importância fundamental de se estar passivamente consciente porque não queremos verdadeiramente ficar livres dos nossos problemas; pois o que nós seríamos sem eles? Preferimos estar apegados a uma coisa que conhecemos, por mais dolorosa que seja, do que nos arriscar na busca de algo que ninguém sabe aonde pode nos levar. Com os problemas, pelo

menos, estamos familiarizados; mas a idéia de procurar o seu criador sem saber aonde isso nos levará produz medo e embotamento. A mente estaria perdida sem a preocupação com os problemas; ela se alimenta de problemas sejam eles mundiais ou culinários, políticos ou pessoais, religiosos ou ideológicos; de modo que eles nos tornam mesquinhos e limitados. A mente que está consumida com os problemas mundiais é tão mesquinha quanto aquela que se preocupa com o progresso espiritual que está efetuando. Os problemas carregam a mente com o medo, visto que dão força ao eu, ao "meu". Sem problemas, sem conquistas e fracassos, o eu não existe.

"Mas sem o ego, como alguém pode existir? Ele é a fonte de toda ação."

Enquanto a ação for o produto do desejo, da memória, do medo, do prazer e da dor, inevitavelmente deverá gerar conflito, confusão e antagonismo. Nossa ação é o produto de nosso condicionamento qualquer que seja o nível; e nossa resposta ao desafio, sendo inadequada e incompleta, deve produzir conflito, que é o problema. O conflito é a própria estrutura do eu. É plenamente possível viver sem conflito, sem o conflito da ambição, do medo, do sucesso; entretanto, esta possibilidade será meramente teórica e não real até que seja descoberta por meio da experiência direta. Só é possível viver sem ambição quando os movimentos do eu são compreendidos.

"Você acha que minha surdez é devida aos meus medos e repressões? Os médicos me asseguram que, estruturalmente, não há nada errado. Existe alguma possibilidade de recuperar minha audição? De uma maneira ou de outra tenho estado reprimida toda minha vida, nunca fiz algo que realmente quisesse fazer."

Tanto interiormente como exteriormente é mais fácil reprimir do que compreender. Compreender é uma tarefa árdua, especialmente para aqueles que foram intensamente condicionados desde a infância. Embora árdua, a repressão se torna uma questão de hábito. A compreensão nunca pode resultar num hábito, rotina; ela exige constante atenção e

vigilância. Para compreender necessita-se de flexibilidade, sensibilidade, um afeto que nada tem em comum com o sentimentalismo. A repressão, sob qualquer forma, não requer a estimulação da percepção; é a maneira mais fácil e mais estúpida de se lidar com as reações. Repressão é conformação a uma idéia, a um padrão e oferece uma segurança superficial, respeitabilidade. A compreensão é libertadora, mas a repressão é sempre limitante, ensimesmadora. O medo da autoridade, da insegurança, da opinião, constrói um refúgio ideológico com seu correspondente físico para o qual a mente se dirige. Este refúgio, em qualquer nível que seja colocado, sempre sustenta o medo; e a partir do medo há substituição, sublimação ou disciplina, que são todas formas de repressão. A repressão tem de achar uma saída, que pode ser uma doença física ou algum tipo de ilusão ideológica. O preço que se paga varia de acordo com o temperamento e idiossincrasias da pessoa.

"Tenho observado que quando há alguma coisa desagradável de ouvir eu me abrigo atrás deste instrumento que, desse modo, me ajuda a refugiar-me no meu próprio mundo. Mas como se pode ficar livre de anos de repressão? Isso não levará muito tempo?"

Isso não é uma questão de tempo, de vasculhar o passado ou de uma análise meticulosa; é uma questão de perceber a verdade a respeito da repressão. Estando consciente passivamente, sem escolha alguma, de todo o processo da repressão, a verdade dela é imediatamente percebida. Não se pode descobrir a verdade da repressão se estamos pensando em termos de ontem e de amanhã; a verdade não é para ser compreendida mediante o transcorrer do tempo. A verdade não é uma coisa para ser alcançada; ou ela é vista ou não é vista; não pode ser percebida gradualmente. A vontade de ficar livre da repressão é um obstáculo à compreensão da verdade a seu respeito; pois vontade é desejo, seja positivo ou negativo, e com o desejo não pode haver uma percepção passiva. É o desejo ou anseio que cria a repressão; e este mesmo desejo, embora agora o chamemos de vontade, nunca pode libertar a si mesmo a partir daquilo que ele próprio criou. Novamente, também a verdade a respeito da vontade deve ser percebida mediante uma vigilância passiva, mas atenta. O analisador,

ainda que possa separar-se da coisa analisada, é parte dela; e como está condicionado pela coisa que analisa não pode libertar-se dela. Igualmente, deve ser percebida a verdade a respeito disso. É a verdade que liberta, não a vontade e o esforço.

Comentários sobre o Viver

Obsessão

Disse aquele homem ter obsessões motivadas por coisas insignificantes e estúpidas e que estas obsessões variavam constantemente. Torturava-se por alguma deficiência física imaginária e dentro de poucas horas sua preocupação fixava-se sobre outro incidente ou pensamento. Parecia viver num constante estado de ansiedade, de uma obsessão à outra. Para superar estas obsessões, prosseguiu, havia consultado livros ou conversado sobre seus problemas com um amigo e também havia estado com um psicólogo; mas por qualquer razão não tinha encontrado alívio. Mesmo depois de uma sessão séria e motivadora, imediatamente estas obsessões começavam a surgir. Se descobrisse a causa isso poria um fim a elas?

O descobrimento de uma causa liberta do seu efeito? O conhecimento da causa destruirá sua conseqüência? Conhecemos as causas tanto econômicas como psicológicas da guerra, e não obstante encorajamos a crueldade e a autodestruição. Em última análise, o motivo de buscarmos a causa é o desejo de estarmos livres do efeito. Este desejo é outra forma de resistência ou condenação; e, quando há condenação, não há compreensão.

"Então, o que se pode fazer?", perguntou.

Por que a mente é dominada por estas obsessões triviais e tolas? Perguntar "por que?" não significa que se deva ir buscar a causa como uma coisa que existe separada de nós e que precisamos achar; não significa buscar a causa como algo separado de você mesmo e que deve encontrar; é simplesmente descobrir os movimentos do seu próprio pensar. Então, por que a mente se ocupa desta maneira? Não é porque ela é superficial, trivial, mesquinha e, portanto, interessada em suas próprias atrações?

"Sim", respondeu, "isso parece ser verdade; mas não inteiramente, porque sou uma pessoa séria."

Afora estas obsessões, com o que se ocupa o seu pensamento?

"Com minha profissão", respondeu. "Possuo um cargo de responsabilidade. O dia inteiro e, algumas vezes, até altas horas da noite meus pensamentos estão ocupados com os negócios. Leio ocasionalmente, mas a maior parte do meu tempo é consumido nas atividades da minha profissão."

Você gosta do trabalho que faz?

"Sim, mas ele não é completamente satisfatório. Toda minha vida estive insatisfeito com o que venho fazendo, mas não posso abandonar minha posição atual, pois tenho determinadas obrigações – e, além disso, estou progredindo bastante. O que me incomoda são estas obsessões e o meu crescente ressentimento com relação ao meu trabalho bem como com relação às pessoas. Não tenho sido bondoso; sinto uma ansiedade crescente acerca do futuro e parece que jamais tenho alguma paz. Executo bem o meu trabalho, mas..."

Por que está lutando contra "o que é"? A casa em que moro pode ser barulhenta, suja, os móveis horrorosos e pode haver nela uma total ausência de beleza; mas por várias razões pode ser que eu tenha que morar ali, não possa me mudar para outra casa. Então, não é uma questão de aceitação, mas de observar o fato óbvio. Se não observo "o que é", adoecerei de tanto me torturar por causa daquele vaso, daquela cadeira

ou daquele quadro; eles se tornarão minhas obsessões e haverá ressentimento contra as pessoas, contra meu trabalho e tudo o mais. Se eu pudesse abandonar essa coisa toda e começar novamente, o caso seria diferente, mas não posso. De nada serve rebelar-me contra "o que é", o real. O reconhecimento de "o que é" não leva ao contentamento e ao alívio complacentes. Quando eu cedo ante "o que é", não há apenas a compreensão dele mesmo, mas há também certa quietude na mente superficial. Se a mente superficial não está calma, ela se entrega a obsessões reais ou imaginárias; se deixa envolver por alguma reforma social ou conclusão religiosa: o Mestre, o salvador, o ritual e assim por diante. É só quando a mente superficial está quieta que o oculto pode se revelar. O oculto deve ser exposto; mas isto não é possível se a mente superficial está carregada com obsessões e preocupações. Visto que a mente superficial está constantemente com algum tipo de agitação, o conflito é inevitável entre os níveis superficiais e os níveis profundos da mente; e, enquanto este conflito não é resolvido, as obsessões aumentam. Em última análise, as obsessões são um meio de fugirmos ao nosso conflito. Todas as fugas são iguais, embora seja óbvio que algumas são socialmente mais nocivas.

Quando se está consciente de todo o processo da obsessão ou de qualquer outro problema, só então há a libertação do problema. Para se estar plenamente consciente não deve haver condenação nem justificação do problema; o estado de atenção tem que ser sem escolha. Permanecer atento dessa maneira requer extrema paciência e sensibilidade, requer entusiasmo e uma atenção sustentada de modo que o processo inteiro do pensar possa ser observado e compreendido.

Comentários sobre o Viver

Por que Existe Este Sofrimento Relativo à Morte?

A meditação é a revelação do novo. O novo está além e acima do repetitivo passado – e meditação é o fim desta repetição. A morte que a meditação ocasiona é a imortalidade do novo. O novo não está dentro do âmbito do pensamento, e a meditação é o silêncio do pensamento.

A meditação não é uma conquista nem é a captura de uma visão, nem o estímulo dos sentidos. É como o rio, não é para ser domado, correndo vivamente e inundando as suas margens. É música sem som; não pode ser domesticada e se fazer uso dela. É o silêncio no qual o observador cessou bem no princípio.

O Sol não havia nascido ainda; podia-se ver a estrela matutina por entre as árvores. Havia um silêncio que era realmente extraordinário. Não o silêncio entre dois ruídos ou entre duas notas, mas o silêncio que não possui causa alguma – o silêncio que deve ter havido no princípio do mundo. Ele preencheu completamente o vale e as colinas. As duas grandes corujas, gritando uma para a outra, jamais perturbavam esse silêncio, e um distante cão ladrando para a Lua tardia era parte desta imensidão. O orvalho era especialmente abundante e, quando o Sol surgiu por sobre a colina, estava resplandecente com muitas cores e com o brilho que chega com os primeiros raios solares.

As folhas delicadas do jacarandá estavam carregadas com orvalho e os pássaros vinham tomar o seu banho matutino, agitando suas asas de modo que o orvalho sobre aquelas delicadas folhas cobrisse suas penas. Os corvos eram particularmente os mais persistentes; saltavam de um galho ao outro, metendo suas cabeças entre as folhas, agitando as asas e alisando suas penas. Havia cerca de meia dúzia deles naquele galho grosso e muitos outros pássaros espalhados por toda a árvore, tomando o seu banho matinal.

E este silêncio se estendia e parecia ir além dos montes. Havia os usuais barulhos, crianças gritando e risos; a fazenda começava a despertar.

Seria um dia frio, e agora as colinas estavam recebendo a luz do Sol. Eram colinas muito velhas – provavelmente as mais velhas do mundo – com rochas de formas singulares que pareciam ter sido esculpidas com muito cuidado, equilibradas umas sobre as outras; entretanto nenhum vento ou toque podia abalar aquele equilíbrio.

Era um vale muito distante das cidades e a estrada que o atravessava conduzia a outra aldeia. A estrada era acidentada e não havia carros nem ônibus para perturbar a antiga quietude deste vale. Havia carros de bois, mas seus movimentos eram parte das colinas. Lá estava o leito seco de um rio por onde só corria água após pesadas chuvas, e a cor era uma mistura de vermelho, amarelo e marrom; e ele parecia também mover-se com as colinas. E os aldeões que andavam em silêncio assemelhavam-se às rochas.

O dia transcorreu e ao cair da tarde, quando o Sol estava se pondo sobre as colinas do oeste, o silêncio veio vindo de longe por sobre as colinas, através das árvores, cobrindo os pequenos arbustos e o velho baniano. E conforme as estrelas se tornavam brilhantes, do mesmo modo o silêncio crescia em grande intensidade, que dificilmente se poderia resistir a ele.

As pequenas lâmpadas da aldeia foram apagadas, e com o sono a intensidade desse silêncio tornou-se mais profunda, mais ampla e incri-

velmente opressora. Mesmo as colinas tornaram-se mais quietas porque elas também tinham cessado seus sussurros, seu movimento, e pareciam perder seu imenso peso.

Disse ela que tinha 45 anos; estava cuidadosamente vestida com um sári, com alguns braceletes nos braços. O senhor mais idoso que a acompanhava disse ser seu tio. Todos nos sentamos no chão contemplando um grande jardim com uma figueira-de-bengala, umas poucas mangueiras, a viva buganvília e as jovens palmeiras. Ela estava terrivelmente triste. Suas mãos estavam impacientes e ela tentava evitar que se irrompesse em palavras e talvez em lágrimas. O tio disse: "Viemos falar com você a respeito de minha sobrinha. O marido dela morreu há poucos anos atrás e, em seguida, o seu filho, e agora ela não pára de chorar e envelheceu tremendamente. Não sabemos o que fazer. As recomendações médicas usuais parecem não funcionar, e ela parece estar perdendo o contato com os outros filhos. Está emagrecendo. Não sabemos onde tudo isto irá terminar, e ela insistiu que viéssemos vê-lo."

"Perdi meu marido há quatro anos. Ele era médico e morreu de câncer. Deve ter ocultado isso de mim, e só no ano passado, mais ou menos, eu soube disso. Ele sentia dores intensas, embora os médicos lhe dessem morfina e outros sedativos. Diante dos meus olhos ele foi definhando e se foi."

Ela parou quase sufocada pelas lágrimas. Um pombo estava pousado sobre um galho arrulhando-se calmamente. Era cinza amarronzado com a cabeça pequena e um grande corpo – não muito grande, pois era um pombo. Então, de repente, saiu voando e o ramo ficou balançando devido ao seu movimento rápido.

"Por alguma razão não posso suportar esta solidão, esta existência sem sentido sem ele. Eu amava meus filhos; tinha três, um menino e duas meninas. Um dia, no ano passado, o menino me escreveu do colégio que não estava sentindo-se bem, e poucos dias depois recebi um telefonema do diretor dizendo que ele havia morrido."

Neste momento, começou a soluçar incontrolavelmente. Logo mostrou uma carta do menino na qual ele dizia que queria voltar para casa porque não estava se sentindo bem e que esperava que estivesse tudo bem com ela. Explicou que ele havia se preocupado com ela; que não queria ir para o colégio, mas ficar com ela. E de certo modo ela o forçou a ir, temendo que o seu sofrimento pudesse afetá-lo. Agora era tarde demais. As duas meninas, disse, não estavam totalmente conscientes de tudo isso que aconteceu porque eram muito novas. De repente desabafou: "Não sei o que fazer. Esta morte abalou os alicerces da minha vida. Como uma casa, nosso casamento foi cuidadosamente construído sobre o que considerávamos ser uma base muito sólida. Agora tudo está destruído por este monstruoso acontecimento."

O tio devia ser um crente, um tradicionalista, visto que acrescentou: "Deus deu esta punição a ela. Ela esteve em todas as cerimônias possíveis, mas elas não a ajudaram. Eu creio na reencarnação, mas ela não obtém nenhum consolo nisso. Nem mesmo quer falar sobre isso. Para ela tudo isso não faz sentido e não temos sido capazes de lhe oferecer qualquer conforto."

Ficamos sentados ali, em silêncio, durante algum tempo. O lenço dela já estava encharcado; um lenço limpo retirado da gaveta ajudou-a a enxugar as lágrimas de sua face. A buganvília rubra espreitava através da janela e a radiante luz do sol estava sobre cada folha.

Você quer conversar seriamente sobre isso – ir à raiz de tudo isto? Ou quer ser confortada por alguma explicação ou algum argumento racionalizado, ser desviada do seu sofrimento por algumas palavras agradáveis?

Ela respondeu: "Eu gostaria de entrar profundamente nisso, mas não sei se tenho capacidade ou energia necessária para encarar o que você vai dizer. Quando meu marido estava vivo costumávamos vir a algumas de suas palestras; mas agora posso encontrar muita dificuldade em concordar com você."

Por que você se encontra neste estado de sofrimento? Não dê nenhuma explicação, pois isso será apenas uma construção verbal do seu

sentimento, o que não será o fato real. Assim, quando fizermos uma pergunta, por favor não responda. Apenas escute e descubra por si mesma a resposta. Por que existe este sofrimento causado pela morte – em todos os lares, ricos e pobres, do homem mais poderoso da terra ao mendigo? Por que se encontra neste estado de sofrimento? É pelo seu marido ou por você mesma? Se está chorando por ele, suas lágrimas podem ajudá-lo? Ele se foi irreversivelmente. Faça o que quiser, você nunca mais o terá de volta. Nem lágrimas nem crença, nem cerimônias ou deuses jamais poderão trazê-lo de volta. Esse é um fato que tem de aceitar; você não pode fazer nada sobre isso. Mas se está chorando por você mesma, por causa da sua solidão, sua vida vazia, por causa dos prazeres sensuais e da companhia que tinha, então você está chorando pelo seu próprio vazio e por autopiedade, não é?

Talvez pela primeira vez esteja consciente da sua própria pobreza interior. Você investiu no seu marido, se podemos respeitosamente apontar, e isto lhe deu conforto, satisfação e prazer, não foi? Tudo o que está sentindo agora – o sentimento de perda, a agonia da solidão e da ansiedade – é uma forma de autopiedade, não é? Olhe para isso. Não endureça seu coração resistindo a isso, dizendo: "Eu amo meu marido e não estava pensando de forma alguma em mim mesma. Queria protegê-lo, embora às vezes tentasse dominá-lo; mas era tudo por sua causa e nunca pensei em mim mesma." Agora que ele se foi você está percebendo a sua verdadeira condição, não é? A morte dele abalou-a e lhe mostrou o estado real de sua mente e do seu coração. Pode não desejar olhá-lo; pode rejeitá-lo por medo, mas se observar um pouco mais verá que você está chorando por causa de sua própria solidão, por causa de sua pobreza interior – que é por autopiedade.

"O senhor é muito cruel, não é, senhor?" – disse ela. "Vim ter com o senhor em busca de um conforto verdadeiro e o que está me dando?"

Essa é uma das ilusões que a maioria das pessoas tem – que existe tal coisa como conforto interior; que alguém pode dá-lo a você ou que pode encontrá-lo por si mesma. Receio que não exista tal coisa. Se está

buscando consolo, está fadada a viver na ilusão, e quando essa ilusão é destruída você se entristece porque o conforto lhe é roubado. Assim, para compreender o sofrimento ou ir além dele, deve-se observar realmente o que está acontecendo interiormente e não encobri-lo. Chamar a atenção para isso não é crueldade, é? Não é algo ruim a se evitar. Quando vê tudo isso muito claramente, então você sai fora disso imediatamente sem um arranhão, imaculada, fresca, intocada pelos acontecimentos da vida. A morte é inevitável para todos nós; não se pode escapar dela. Tentamos encontrar todo tipo de explicação, apegando-nos a toda espécie de crença na esperança de ir além dela, mas faça o que quiser ela está sempre aí; amanhã ou ali na esquina, ou distante muitos anos – está sempre aí. Tem-se que entrar em contato com este colossal fato da vida.

"Mas", disse o tio, e então expôs a tradicional crença no Atmã, na alma, a entidade permanente que continua. Agora estava em seu próprio domínio, bem guiado mediante argumentos astuciosos e citações. Você o via subitamente endireitar-se no assento e a luz da batalha, a batalha das palavras, se apossar de seus olhos. A simpatia, o amor e a compreensão haviam desaparecido. Ele estava em seu terreno sagrado, da crença, da tradição, esmagado pelo enorme peso do condicionamento. "Mas o Atmã está em cada um de nós! Ele renasce e continua até se dar conta que é Brahma. Temos que passar pelo sofrimento para chegar a essa realidade. Vivemos na ilusão; o mundo é uma ilusão. Há apenas uma realidade."

E foi seguindo! Ela olhou para mim sem prestar muita atenção nele e um leve sorriso começou a surgir em seu rosto; e ambos olhamos o pombo que havia voltado e a radiante buganvília vermelha.

Não existe nada permanente nem na terra nem em nós mesmos. O pensamento pode dar continuidade a algo em que pensa; pode dar permanência a uma palavra, a uma idéia, a uma tradição. O pensamento se julga permanente, mas de fato o é? O pensamento é a reação da memória, e a memória é permanente? Ele pode construir uma imagem e dar a essa imagem uma continuidade, uma permanência, chamando-a Atmã ou qualquer outro nome que prefira, e pode lembrar-se do rosto do ma-

rido ou da esposa e agarrar-se a ele. Tudo isto é a atividade do pensamento que cria o medo, e a partir desse medo há o ímpeto pela permanência – o medo de não ter o que comer amanhã, ou abrigo – o medo da morte. Este medo é o resultado do pensamento, e Brahma também é produto do pensamento.

Disse o tio: "A memória e o pensamento são como uma vela. Você a apaga e torna a reacendê-la novamente; esquece-se e lembra-se novamente mais tarde. Você morre e renasce novamente numa outra vida. A chama da vela é a mesma – e não é a mesma. Desse modo, há na chama certa qualidade de continuidade."

Mas a chama que foi apagada não é a mesma que a chama nova. Há um findar do velho para que o novo exista. Se existe uma continuidade constante, modificada, então não existe absolutamente nada novo. Os milhares de dias passados não podem se tornar novos; mesmo a própria vela se consome. Tudo tem que acabar para o novo existir.

O tio agora já não podendo amparar-se em citações ou crenças ou nos ditos de outros, então se recolheu em si mesmo e aquietou-se, embaraçado e um tanto irritado, pois se expôs a si próprio e, como a sobrinha, não queria encarar o fato.

"Eu não estou interessada em nada disso", disse ela. "Estou completamente infeliz. Perdi meu marido e meu filho, e me restam estas duas crianças. O que devo fazer?"

Se está interessada nas duas crianças não pode estar interessada em você mesma e na sua aflição. Você tem que cuidar delas, educá-las corretamente, criá-las sem a mediocridade habitual. Mas se está consumida por sua própria autopiedade, a qual chama de "amor pelo seu marido", e se recolhe em isolamento, então você está destruindo também os outros dois filhos. Consciente ou inconscientemente somos todos extremamente egoístas, e enquanto obtemos o que queremos consideramos que está tudo certo. Mas no momento em que um acidente ocorre e quebra tudo isso, clamamos em desespero, esperando encontrar outros confortos os quais, naturalmente, serão novamente quebrados. Deste modo,

este processo continua, e se você quer permanecer presa a ele sabendo perfeitamente todas as implicações dele, então vá em frente. Mas se perceber o absurdo de tudo isso, então naturalmente você deixará de chorar, deixará de se isolar e viverá junto às suas filhas com uma nova luz e com um sorriso em séu rosto.

A Única Revolução

Segurança

O pequeno rio fluía muito suavemente ao lado da estrada que contornava os arrozais e estava repleto de flores de lótus; elas eram roxo-escuras com os centros dourados, e a água não as tocava. Seu perfume permanecia ao seu redor e eram extremamente belas. O céu estava nublado; começava a chuviscar e trovejava entre as nuvens. Os relâmpagos ainda estavam distantes, mas vinham na direção da árvore sob a qual estávamos abrigados. Começou a chover pesadamente e as folhas do lótus juntavam gotas de água; quando as gotas se tornavam muito grandes, escorregavam das folhas para simplesmente se formarem novamente. Os relâmpagos estavam agora acima da árvore e o rebanho estava aterrorizado, forçando para soltarem-se das cordas. Um bezerro preto, molhado e tremendo, mugia angustiadamente; rompeu a corda e correu para uma cabana próxima. As flores de lótus fechavam-se apertadamente protegendo seus centros da crescente escuridão; seria preciso arrancar as pétalas roxas para se alcançar os centros dourados. Elas permaneceriam bem fechadas até o nascer do sol. Mesmo em seu sono, eram belas. Os raios moviam-se na direção da cidade; agora estava completamente escuro e se podia apenas ouvir o murmúrio do riacho. O caminho conduzia além da aldeia até a estrada que nos levou de volta à ruidosa cidade.

Era um homem jovem, de seus vinte e poucos anos; estava bem nutrido, havia viajado um pouco e cursara a universidade. Estava nervoso

e havia ansiedade nos seus olhos. Era tarde, mas ele queria conversar; queria alguém que explorasse sua mente para ele. Se expôs com muita simplicidade, sem qualquer hesitação ou pretensão. Seu problema era claro, mas não para ele; andava às cegas.

Não escutamos e descobrimos "o que é"; o que fazemos, de fato, é impingir aos outros nossas idéias e opiniões, tentando forçá-los à estrutura do nosso pensamento. Nossos próprios pensamentos e juízos são muito mais importantes para nós do que descobrirmos "o que é". O "o que é" é sempre simples; nós é que somos complexos. Fazemos o simples, "o que é", complexo, e nos perdemos dentro dele. Escutamos apenas o crescente barulho de nossa própria confusão. Para escutar, devemos estar livres. Não significa que não devam existir distrações, uma vez que o próprio pensamento é uma forma de distração. Devemos estar livres para ficar em silêncio, pois só então existe a possibilidade de escutar.

Ele dizia que assim que começava a dormir, sentava-se num sobressalto de puro medo. Em seguida o quarto perdia suas proporções; as paredes se desvaneciam, não havia teto e o piso desaparecia. Ficava apavorado e transpirava. Isso vinha acontecendo há muitos anos.

De que você tem medo?

"Não sei; mas quando acordo com medo, vou para perto de minha irmã ou de meus pais e converso com eles por algum tempo para me acalmar e depois vou dormir. Eles compreendem, mas já tenho mais de vinte anos e isso está se tornando um tanto absurdo."

Você tem ansiedade em relação ao futuro?

"Sim, até certo ponto. Embora tenhamos dinheiro, ainda fico muito ansioso sobre ele."

Por quê?

"Porque quero me casar e proporcionar conforto à minha futura esposa."

Por que estar ansioso sobre o futuro? Você é muito jovem e pode trabalhar e dar a ela o que é necessário. Por que ficar tão preocupado com isto? Tem medo de perder sua posição social?

"Em parte. Temos um carro, alguns bens e boa reputação. Naturalmente não quero perder tudo isto, o que poderia ser a causa do meu medo. Mas não é exatamente isto. É o medo de não ser. Quando desperto com medo, sinto que estou perdido, que não sou ninguém, que estou desabando em pedaços."

Afinal de contas, um novo governo pode surgir e você pode perder seu patrimônio, seus títulos; porém é muito jovem e poderá trabalhar por muito tempo. Milhões estão perdendo seus bens materiais e você também pode ter que encarar essa situação. Além disso, as coisas do mundo são para serem repartidas e não para serem possuídas com exclusividade. Na sua idade, por que ser tão conservador, ter tanto medo de perder?

"Veja, quero casar com uma certa moça e estou ansioso para que nada possa impedir isso. Nada provavelmente o impedirá, mas eu sinto falta dela e ela sente falta de mim, e isto pode ser também uma outra causa do meu medo."

É essa a causa do seu medo? Você diz que é improvável acontecer algo de anormal que impeça de casar-se com ela, assim, por que este medo?

"Sim, é verdade; podemos nos casar quando quisermos, portanto essa não pode ser a causa do meu medo, pelo menos por ora. De fato, penso que estou com medo é de não ser, de perder minha identidade, meu nome."

Mesmo que não se importasse a respeito do seu nome, mas tivesse seu patrimônio e assim por diante, não estaria ainda com medo? O que entendemos por identidade? É estar identificado com um nome, com o patrimônio, com uma pessoa, com idéias; é estar ligado a alguma coisa, ser reconhecido como isto ou aquilo, ser rotulado como pertencendo a

um determinado grupo ou país e assim por diante. Você está com medo de perder o seu rótulo, é isso?

"Sim, de outro modo, o que sou eu? Sim, é exatamente isso."

Dessa forma, você *é* suas posses. Seu nome e reputação, seu carro e outros bens, a moça com quem se casará, as ambições que você tem – você *é* estas coisas. Estas coisas, juntamente com certas características e valores, vão constituir o que você chama de "eu"; você é a soma de tudo isto e tem medo de perdê-lo. Como acontece com todo mundo, há sempre a possibilidade de uma perda; pode surgir uma guerra, pode acontecer uma revolução ou uma mudança no governo para uma tendência esquerdista. Alguma coisa pode acontecer que venha lhe privar destas coisas, agora ou amanhã. Mas por que ter medo da insegurança? A insegurança não é a própria natureza de todas as coisas? Contra esta insegurança você constrói muralhas que o protegerão, mas estas muralhas podem ser e estão sendo demolidas. Você pode fugir disso por algum tempo, mas o perigo da insegurança está sempre aí. O que *é*, não pode ser evitado; a insegurança está aí, quer você goste dela ou não. Isto não significa que deve se resignar a ela ou que deve aceitá-la ou negá-la; mas você é jovem e por que tem medo da insegurança?

"Agora que colocou desta forma, eu não penso que esteja com medo da insegurança. Realmente não me importo de trabalhar; trabalho mais de oito horas por dia no meu emprego e, embora não goste particularmente dele, posso ir levando. Não, não tenho medo de perder meu patrimônio, o carro e assim por diante; e minha noiva e eu podemos nos casar quando quisermos. Observo agora que não é nada disto que me está me fazendo temeroso. Então o que será?"

Vamos investigar juntos. Eu poderia te dizer, mas isso não seria uma descoberta sua; ficaria apenas no nível verbal e, portanto, seria completamente inútil. A descoberta disso será a sua própria experimentação, e é isto o que realmente importa. Descobrir é experienciar; e nós vamos descobrir isso juntos.

Se não é de perder nenhuma destas coisas que tem medo, se não está com medo de ficar inseguro externamente, então o que o faz ansioso? Não responda imediatamente, apenas escute, fique atento para descobrir. Está realmente certo de que não é da insegurança física que tem medo? Até onde se pode estar certo sobre tais coisas, você diz que não está com medo dela. Se está bem seguro de que isso não é uma mera afirmação verbal, então do que é que tem medo?

"Estou inteiramente certo de que não tenho medo de estar fisicamente inseguro; podemos nos casar e ter tudo o que necessitarmos. É alguma coisa mais do que a mera perda de coisas que tenho medo. Mas o que é isso?"

Nós descobriremos, mas vamos refletir sobre isso calmamente. Você realmente quer descobrir, não quer?

"Naturalmente que desejo, especialmente agora que chegamos assim tão longe. Do que é que tenho medo?"

Para descobrir devemos permanecer quietos, atentos, mas sem pressionar. Se não tem medo da insegurança física, tem medo de sentir-se inseguro interiormente, de sentir-se incapaz de alcançar o objetivo que fixou para si mesmo? Não responda, apenas escute. Sente-se incapaz de se tornar alguém? Provavelmente tem um ideal religioso; e você sente que falta a capacidade necessária para viver de acordo com ele ou para realizá-lo? Percebe um sentimento de desesperança com relação a esse ideal, um sentimento de culpa, de frustração?

"Você está perfeitamente correto. Desde que o ouvi há alguns anos, quando menino, tem sido meu ideal, se posso falar assim, ser igual a você. Está no nosso sangue ser religioso e eu senti que poderia ser assim; porém sempre houve um profundo medo de nunca me aproximar desse ideal."

Vamos bem devagar. Embora não tenha medo de sentir insegurança exteriormente, você sente medo da insegurança interior. Enquanto outra pessoa se coloca em segurança, exteriormente, com sua reputação, com

a fama, com o dinheiro e assim por diante, você quer estar seguro interiormente por meio de um ideal; e sente que não tem capacidade para se transformar nesse ideal. Por que quer tornar-se ou alcançar um ideal? Não é apenas para estar em segurança, para sentir-se a salvo? A esse refúgio você o chama de ideal; mas de fato, o que deseja é estar seguro, protegido. É isto?

"Agora que você me chama a atenção para o fato, é exatamente isso."

Você descobriu isto agora, não foi? Mas vamos prosseguir ainda mais. Você percebe a evidente superficialidade da segurança exterior; mas percebe também o engano de buscar a segurança interior através da realização de um ideal? O ideal é o seu refúgio em lugar do dinheiro. Você realmente percebe isto?

"Sim, eu de fato percebo."

Então seja o que você é. Quando se percebe a falsidade do ideal, ele se desprende de você. Você é "o que é". A partir daí prossiga para compreender "o que é" – mas não em direção a um fim em particular, pois o fim, a meta está sempre distante de "o que é". "O que é" é você mesmo, não em alguma época específica ou num determinado estado de ânimo, mas você mesmo tal como é de instante a instante. Não condene a si mesmo nem se conforme com o que vê, mas esteja atento sem interpretar o movimento de "o que é". Isto será muito árduo, mas há deleite nesse agir. Apenas para os que são livres existe a bem-aventurança, e a liberdade vem com a verdade de "o que é".

Comentários sobre o Viver

Raiva

Mesmo àquela altitude, o calor era intenso. Os vidros das janelas estavam quentes ao toque. O zumbido uniforme dos motores do avião era tranqüilizador e muitos dos passageiros estavam sonolentos. A terra estava bem abaixo de nós, tremeluzindo no mormaço, um marrom interminável com ocasionais manchas de verde. Em breve aterrissamos e o calor se tornou quase insuportável; estava literalmente doloroso e mesmo à sombra de um edifício sentíamos a cabeça como se fosse explodir. O verão estava bem adiantado e a região era quase um deserto. Decolamos novamente e o avião subiu, buscando os ventos refrescantes. Dois novos passageiros sentaram-se nos assentos opostos e estavam falando em voz alta; era impossível não escutá-los. Eles começaram bem calmamente; mas logo a irritação se insinuou em suas vozes, aquela irritação de convivência e de ressentimento. Na sua agressividade, pareciam ter-se esquecido do resto dos passageiros; estavam tão contrariados um com o outro que só eles existiam e ninguém mais.

A raiva tem esta peculiar qualidade de isolamento; como o sofrimento separa a pessoa e, pelo menos temporariamente, toda a relação chega a um fim. A raiva tem a força e a vitalidade temporárias do indivíduo isolado. Há um estranho desespero na raiva; pois o isolamento é desespero. A raiva nascida do desapontamento, do ciúme, da vontade de ferir, ocasiona uma intensa liberação cujo prazer é a autojustificação.

Condenamos os outros, e essa própria condenação é uma justificação de nós mesmos. Sem algum tipo de atitude, seja de presumida retidão ou humilhação, o que somos nós? Empregamos todos os meios para nos apoiarmos; e a raiva, tal como o ódio, é uma das maneiras mais fáceis. A simples cólera, um súbito acesso de raiva que é rapidamente esquecido, é uma coisa; mas a raiva que é deliberadamente construída, que foi tramada e que busca ferir e destruir, é outra coisa bem diferente. A simples raiva pode ter alguma causa fisiológica que pode ser vista e remediada; mas a raiva que é o resultado de uma causa psicológica é muito mais sutil e difícil de se lidar com ela. A maioria de nós não se importa em ficar irritada, encontramos uma desculpa para isso. Por que não deveríamos nos irritar quando o outro ou nós mesmos somos maltratados? Desse modo, nos tornamos irados justificadamente. Nunca dizemos simplesmente que estamos irados e paramos aí; ficamos examinando explicações elaboradas sobre sua causa. Jamais dizemos simplesmente que estamos enciumados ou amargurados, mas justificamos ou explicamos isso. Perguntamos como pode haver amor sem ciúme ou como dizer que as ações de outra pessoa nos têm feito amargos e assim por diante.

É a explicação, a verbalização, tanto silenciosa como falada, que sustenta a raiva, que lhe dá escopo e profundidade. A explicação, silenciosa ou falada, atua como um escudo contra o descobrimento de nós mesmos tal como somos. Queremos ser elogiados ou lisonjeados, esperamos alguma coisa; e quando estas coisas não acontecem, ficamos desapontados, amargurados ou enciumados. Então, violenta ou suavemente, culpamos alguém; dizemos que o outro é responsável pela nossa amargura. Assim, vocês são muito importantes porque dependo de vocês para minha felicidade, minha posição ou meu prestígio. Por meio de vocês eu me realizo, por isso são importantes para mim; devo protegê-los, devo possuí-los. Por meio de vocês, fujo de mim mesmo e quando sou lançado de volta, sentindo medo do meu próprio estado, me torno enraivecido. A raiva assume várias formas: desapontamento, ressentimento, rancor, ciúme e assim por diante.

A acumulação da raiva, que é o ressentimento, exige o antídoto do perdão; porém, o acúmulo dela é muito mais significativo do que o perdão. O perdão é desnecessário quando não existe esse acúmulo de raiva. O perdão é essencial se existe ressentimento; mas estar livre do desejo de adulação e do sentimento de injúria, sem a dureza da indiferença, favorece a piedade, a caridade. A raiva não pode ser eliminada pela ação da vontade porque a vontade é parte da violência. A vontade é o resultado do desejo, da ânsia de ser; e o desejo, por sua própria natureza, é agressivo, dominador. Reprimir a cólera pela aplicação da vontade é transferi-la para um nível diferente, dando-lhe um nome diferente; não obstante, ainda é parte da violência. Para ser livre da violência, que não é cultivar a não-violência, deve haver a compreensão do desejo. Não existe nenhum substituto espiritual para o desejo; ele não pode ser suprimido ou sublimado. Deve haver uma percepção silenciosa e sem escolha do desejo; e esta percepção passiva é o experimentar direto do desejo sem um experimentador lhe dando um nome.

Comentários sobre o Viver

Condicionamento

Ele estava muito interessado em ajudar a humanidade, em praticar boas obras e era ativo em várias organizações sociais assistencialistas. Disse que, literalmente, nunca tirou férias prolongadas e que desde sua graduação na faculdade havia trabalhado constantemente pela melhoria da humanidade. Naturalmente, não recebia dinheiro algum pelo trabalho que estava fazendo. Seu trabalho sempre havia sido muito importante para ele e estava muito apegado ao que fazia. Havia se transformado num assistente social de primeira ordem e amava isso. Mas tinha ouvido algo numa das palestras a respeito das várias formas de fuga que condicionam a mente e desejava falar sobre isso.

"Você acha que ser um assistente social implica condicionamento? Que apenas cria mais conflitos?"

Vamos investigar o que é que entendemos por condicionamento. Quando estamos conscientes de que estamos condicionados? Alguma vez estamos conscientes disso? Você está consciente de que está condicionado, ou está consciente apenas do conflito, da luta em vários níveis do seu ser? Certamente, estamos conscientes não de nosso condicionamento, mas apenas do conflito, da dor e prazer.

"O que você entende por conflito?"

Qualquer tipo de conflito: o conflito entre as nações, entre vários grupos sociais, entre indivíduos e o conflito interior de cada um. O conflito não é inevitável enquanto não houver integração entre o ator e sua ação, entre o desafio e a resposta? O conflito é o nosso problema, não é? Não qualquer conflito em particular, mas o conflito todo: a luta entre idéias, crenças, ideologias, entre os opostos. Se não houvesse conflito não haveria problemas.

"Você está sugerindo que todos nós deveríamos buscar uma vida de isolamento, de contemplação?"

A contemplação é complexa; é uma das coisas mais difíceis de se compreender. O isolamento que cada um de nós, consciente ou inconscientemente, está buscando ao seu próprio modo não resolve os nossos problemas; pelo contrário, aumenta-os. Estamos tentando compreender quais são os fatores de condicionamento que criam mais conflitos. Estamos conscientes apenas do conflito, da dor e do prazer e não estamos conscientes do nosso condicionamento. O que causa o condicionamento?

"As influências sociais e ambientais: a sociedade na qual nascemos, a cultura em que crescemos, as pressões políticas e econômicas e assim por diante."

É assim; mas isso é tudo? Estas influências são produtos de nós mesmos, não são? A sociedade é o resultado das relações do homem com outro homem, o que é razoavelmente óbvio. Esta relação é de utilidade, de necessidade, de conforto, de satisfação e cria influências, valores que nos prendem. Este aprisionamento é o nosso condicionamento. Estamos presos por nossos próprios pensamentos e ações; mas não estamos conscientes de que estamos aprisionados, percebemos somente o conflito entre o prazer e a dor. Parece que nunca vamos além disto e, se o fazemos, é apenas para um novo conflito. Não estamos conscientes de nosso condicionamento e, enquanto não o estivermos, só podemos produzir mais conflito e mais confusão.

"Como se pode estar consciente de seu próprio condicionamento?"

Isso só é possível pela compreensão de um outro processo, o processo do apego. Se pudermos compreender por que somos apegados, talvez então possamos perceber o nosso condicionamento.

"Isso não é dar uma volta muito grande para atender a uma questão direta?"

Você acha? Apenas tente perceber o seu condicionamento. Você só pode conhecê-lo indiretamente, em relação a alguma outra coisa. Não pode estar consciente do seu condicionamento como uma abstração porque nesse caso será apenas verbal, sem muita significação. Nós apenas estamos conscientes do conflito. O conflito existe quando não há integração entre o desafio e a resposta. Este conflito é o resultado de nosso condicionamento. Condicionamento é apego: apego ao trabalho, à tradição, ao patrimônio, às pessoas, às idéias e assim por diante. Se não houvesse apego haveria condicionamento? Evidentemente que não. Então por que somos apegados? Estou apegado ao meu país porque mediante a identificação com ele venho a ser alguém. Identifico-me com meu trabalho, e o trabalho se torna importante. Eu sou minha família, meu patrimônio; estou apegado a eles. O objeto do apego me oferece o meio de fuga do meu próprio vazio. O apego é fuga, e é a fuga que fortalece o condicionamento. Se estou apegado a você é porque você se tornou um meio de fuga de mim mesmo; por isso você é muito importante para mim e tenho que possuí-lo, agarrar-me a você. Você se tornou o elemento condicionante e a fuga é o condicionamento. Se estamos conscientes de nossas fugas podemos então perceber os elementos, as influências que resultam no condicionamento.

"Estou fugindo de mim mesmo por meio do trabalho social?"

Você está apegado a ele, preso a ele? Você se sentiria perdido, vazio, entediado caso não realizasse esse trabalho social?

"Estou certo que me sentiria assim."

O apego ao seu trabalho é a sua fuga. Há fugas em todos os níveis da nossa existência. Você foge por meio do trabalho, outro por meio da

bebida, outro através de cerimônias religiosas, outro por meio do conhecimento, outro por meio de Deus, e ainda um outro, que é viciado em divertimentos. Todas as fugas são iguais, não há fuga superior ou inferior. Deus e a bebida se encontram no mesmo nível enquanto representem meios de fuga àquilo que somos. Quando nós estamos conscientes de nossas fugas, só então podemos conhecer o nosso condicionamento.

"O que eu deveria fazer se deixasse de fugir por meio do trabalho social? Posso fazer alguma coisa sem estar fugindo? Toda ação minha não é uma forma de fuga ao que sou?"

Esta pergunta é meramente verbal ou reflete uma realidade, um fato que você está experimentando? Se não fugisse, o que aconteceria? Já experimentou alguma vez isso?

"O que está dizendo é muito negativo, se posso falar dessa forma. Você não oferece nenhum substituto para o trabalho."

Toda substituição não constitui uma outra forma de fuga? Quando uma forma particular de atividade não é satisfatória ou produz mais conflito, nos voltamos para outra. Substituir uma atividade por outra sem compreender a fuga é um tanto inútil, não é? São estas fugas e nosso apego a elas que resultam no condicionamento. O condicionamento causa problemas, conflitos. É o condicionamento que impede nossa compreensão do desafio; estando condicionados, inevitavelmente nossa reação deve criar conflito.

"Como se pode ficar livre do condicionamento?"

Apenas pela compreensão, estando atentos às nossas fugas. Nosso apego a uma pessoa, ao trabalho, a uma ideologia, é o elemento condicionador; esta é a coisa que temos que compreender, e não buscar uma fuga melhor ou mais inteligente. Todas as fugas não são inteligentes, visto que inevitavelmente geram conflito. Cultivar o desapego é outra forma de fuga, de isolamento; é o apego a uma abstração, a um ideal chamado desapego. O ideal é uma ficção, produto do ego, e converter-se no ideal é uma fuga de "o que é". Existe a compreensão de "o que é", uma ação correta na direção de "o que é", somente quando a mente não está mais bus-

cando qualquer fuga. O próprio pensar acerca de "o que é" é uma fuga ao "o que é". Pensar a respeito do problema é fugir do problema; porque o pensar é o problema e o único problema. A mente, não querendo ser o que é, com medo do que é, busca estas diferentes fugas; e o meio de fugir é o pensamento. Enquanto existir o pensar, deve necessariamente haver fugas, apegos, que apenas fortalecem o condicionamento.

A libertação do condicionamento vem com a libertação do pensar. Quando a mente está absolutamente quieta, só então há liberdade para o real acontecer.

Comentários sobre o Viver: Segunda Série

Auto-estima

Ela veio com três de seus amigos; eram muito sérios e tinham a autoridade característica da inteligência. Um era rápido no entendimento, o outro impaciente na sua rapidez, e o terceiro era ávido, mas sua ansiedade não era constante. Formavam um bom grupo, pois todos compartilhavam o problema da amiga e nenhum deles oferecia conselhos ou opiniões opressivas. Todos desejavam ajudá-la a fazer o que quer que ela achasse ser o correto e não simplesmente agir de acordo com a tradição, a opinião pública ou a inclinação pessoal. A dificuldade era saber qual a coisa certa a fazer. Ela própria não estava segura e se sentia perturbada e confusa. Mas havia muita pressão para uma ação imediata; uma decisão tinha de ser tomada e ela não poderia postergar isso por mais tempo. Era uma questão sobre libertar-se de um determinado relacionamento. Ela queria ser livre e repetia isto diversas vezes.

Havia tranqüilidade na sala; a tensão nervosa havia cedido e todos estavam animados em investigar o problema sem esperar um resultado, uma definição da coisa correta a fazer. A ação correta emergiria, natural e completamente, no momento em que o problema fosse exposto. O descobrimento do conteúdo do problema é que era importante e não o resultado final; pois qualquer resposta seria apenas uma outra conclusão, uma outra opinião, um outro conselho, que de modo algum resolveria o problema. O problema em si é que tinha que ser compreendido e

não como reagir a ele ou o que fazer a seu respeito. A correta aproximação ao problema era importante porque o próprio problema continha a ação certa a ser tomada.

As águas do rio dançavam, pois o sol traçara sobre elas um caminho de luz. Uma vela branca cruzou aquele caminho, mas a dança não foi perturbada. Era uma dança de puro deleite. As árvores estavam cheias de passarinhos que ralhavam, ajeitavam suas penas com o bico e levantavam vôo para acabar voltando ao mesmo lugar. Alguns macacos arrancavam as folhas tenras e enchiam a boca com elas; o peso deles vergava os ramos frágeis formando grandes arcos, mas se mantinham levemente neles e sem medo. Com que facilidade moviam-se de galho em galho; embora saltassem, pareciam fluir, lançando-se e pousando num só movimento. Sentavam-se com as caudas dependuradas e se esticavam para apanhar as folhas. Estavam bem no alto e não davam nenhuma atenção às pessoas que passavam embaixo. Conforme a escuridão se aproximava, os papagaios começaram a chegar às centenas para pernoitar entre as espessas folhas. Eram vistos chegar e desaparecer por entre as folhagens. A lua nova havia acabado de surgir. À distância, um trem apitou no momento em que atravessava a longa ponte próxima à curva do rio. Este rio era sagrado e as pessoas percorriam grandes distâncias para se banharem nele, a fim de que seus pecados pudessem ser lavados. Todo rio é belo e sagrado, e a beleza deste era a sua largura, a extensa curva e as ilhas de areia entre extensos trechos de água e aquelas silenciosas velas brancas que subiam e desciam o rio todos os dias.

"Desejo libertar-me de um determinado relacionamento", disse ela.

O que quer dizer com desejar ser livre? Quando diz: "Eu desejo ser livre", você subentende que não é livre. De que modo você não é livre?

"Fisicamente, sou livre; sou livre para ir e vir porque fisicamente não sou mais uma esposa. Mas quero ser completamente livre; não quero ter mais nada com aquela pessoa."

De que modo está relacionada com aquela pessoa se você já é fisicamente livre? Você está relacionada a ele de alguma outra maneira?

"Eu não sei, mas tenho um grande ressentimento dele. Não quero ter mais nada com ele."

Você quer ser livre e, no entanto, tem mágoa em relação a ele? Então não está livre dele. Por que tem este rancor contra ele?

"Descobri recentemente o que ele é: sua mediocridade, sua verdadeira falta de amor, seu completo egoísmo. Nem posso dizer quão horroroso descobri que ele é. E pensar que tive ciúme, que o idolatrava, que fui submissa a ele! Descobrir que ele é estúpido e enganador quando eu pensava ser ele um marido ideal, amável e bondoso, me provocou um ódio profundo contra ele. Pensar que tive algo com ele faz com que eu me sinta imunda. Quero ficar completamente livre dele."

Você pode ficar fisicamente livre dele, mas enquanto tiver ressentimento em relação a ele, não estará livre. Se o odeia, está presa a ele; se se envergonha dele, ainda está escravizada por ele. Você tem raiva dele ou de si mesma? Ele é o que é, e por que ter raiva dele? O seu ressentimento é realmente contra ele? Ou, tendo visto "o que é", está envergonhada de você mesma por ter se relacionado com ele? Certamente, está ressentida não por ele, mas por causa do seu próprio julgamento, das suas próprias ações. Está envergonhada de você mesma. Não querendo ver isso, você o culpa pelo que ele é. Quando perceber que o seu ressentimento contra ele é uma fuga da sua própria idolatria romântica, então ele estará fora de cogitação. Não está envergonhada dele, mas de você mesma por ter se relacionado com ele. É com você que está com raiva, e não com ele.

"Sim, é isso."

Se você realmente vê isto, se experimenta isso como um fato, então você está livre dele. Ele não será mais o objeto de sua inimizade. O ódio prende tanto quanto o amor.

"Mas como posso ficar livre da minha própria vergonha, da minha própria estupidez? Percebo muito claramente que ele é o que é, e que não deve ser responsabilizado; mas como posso ficar livre desta vergo-

nha, deste ressentimento que tem sido amadurecido lentamente em mim e que chegou ao auge nesta crise? Como posso apagar o passado?"

O porquê de desejar apagar o passado é muito mais importante do que como apagá-lo. A intenção com que aborda um problema é mais importante do que saber o que fazer a seu respeito. Por que deseja apagar a memória desta união?

"Eu detesto a memória de todos estes anos. Deixou-me um sabor muito amargo na boca. Isso não é uma razão suficientemente boa?"

Não tanto, é? Por que deseja apagar a memória destas coisas passadas? Certamente, não é porque elas tenham deixado um gosto amargo na sua boca. Ainda que fosse capaz de apagá-las por algum meio, poderia novamente ser apanhada em atitudes que se sentiria envergonhada. Simplesmente apagar as lembranças desagradáveis não resolve o problema, resolve?

"Eu achava que resolvia; mas então qual é o problema? Não está tornando isso desnecessariamente complicado? Isso já é bastante complexo, pelo menos minha vida é. Por que acrescentar outra carga a ela?"

Estamos acrescentando mais carga ou estamos tentando compreender "o que é" para sermos livres dele? Por favor, tenha um pouco de paciência. Que motivo que a impele a apagar o passado? Ele pode ser desagradável, mas por que deseja apagá-lo? Você tem uma certa idéia ou imagem de si mesma que está em contradição com estas lembranças e por isso quer livrar-se delas. Tem uma certa opinião de si mesma, não é verdade?

"Naturalmente, do contrário..."

Nós todos nos colocamos em variados níveis e estamos constantemente caindo destas alturas. É das quedas que sentimos vergonha. A auto-estima ou o amor-próprio é a causa de nossa vergonha, de nossa queda. É esta auto-estima que precisa ser compreendida e não a queda. Se não existe pedestal algum, sobre o qual colocar a si mesma, como pode haver qualquer queda? Por que se colocou num pedestal chamado

auto-estima, dignidade humana, ideal e assim por diante? Se puder compreender isto, então não haverá vergonha do passado; ela terá ido embora completamente. Você será o que é sem o pedestal. Se o pedestal não está mais ali, não existe mais a altura que faz você olhar para baixo ou para cima, então você é aquilo que sempre evitou. É esta fuga de "o que é", do que você é, que origina a confusão e o antagonismo, vergonha e ressentimento. Não precisa dizer a mim ou a um outro o que você é, mas esteja consciente do que é, como quer que seja, agradável ou desagradável; viva com isso sem justificar ou resistir a isso. Viva com isso sem lhe dar nome, pois o próprio nome é uma condenação ou uma identificação. Viva com isso sem medo, pois o medo impede a comunhão, e sem comunhão não pode viver com "o que é". Estar em comunhão é amar. Sem amor não se pode apagar o passado; com amor não há passado. Ame e o tempo não existirá.

Comentários sobre o Viver

A Tormenta da Mente

A neblina tinha durado o dia todo e conforme se dissipou, ao cair da noite, um vento do leste se levantou – um vento seco, severo, derrubando as folhas mortas e ressecando a terra. Era uma noite tempestuosa e ameaçadora; o vento havia aumentado, a casa estalava e galhos eram arrancados das árvores. Na manhã seguinte o ar era tão claro que quase se podia tocar as montanhas. O calor havia retornado com o vento; mas como este cessou ao final da tarde, a neblina novamente veio rolando do mar.

Quão extraordinariamente bela e rica é a Terra! Não há como se cansar dela! Os leitos secos dos rios estão repletos de coisas vivas – tojos, papoulas, altos girassóis amarelos. Sobre as lajes estão lagartos; uma cobra-rei de anéis marrons e brancos se aquece ao sol, sua língua preta se lança e se recolhe; e do outro lado da ravina um cão está latindo, perseguindo um roedor ou coelho.

O contentamento jamais é resultado de preenchimento, de conquista ou da posse de coisas; ele não nasce da ação ou inação. Ele vem com a plenitude de "o que é" e não pela sua modificação. Aquilo "o que é" é completo, não necessita de alteração, mudança. É o incompleto que está tentando tornar-se completo, que conhece a perturbação do descontentamento e do querer mudar. O "o que é" é o incompleto, não é o

completo. O incompleto é o irreal e a perseguição do irreal é a dor do descontentamento que jamais pode ser curada. O próprio esforço para curar essa dor é a busca pelo irreal, o que resulta no descontentamento. Não existe saída para o descontentamento. Estar consciente do descontentamento é estar consciente de "o que é", e na plenitude disso há um estado o qual pode ser chamado de contentamento. Esse estado não tem oposto.

A casa contemplava o vale e o pico mais elevado das distantes montanhas incandescia com o sol poente. Sua massa rochosa parecia pendente do céu e iluminada por dentro, e na sala, ao escurecer, a beleza daquela luz estava além de qualquer medida.

Era um homem bem novo, ávido e inquiridor.

"Li vários livros sobre religião e práticas religiosas, sobre meditação e os vários métodos defendidos para se alcançar o estado supremo. Uma vez fui atraído pelo comunismo, mas logo descobri que era um movimento retrógrado, apesar do grande número de intelectuais que pertenciam a ele. Também fui atraído ao catolicismo. Algumas de suas doutrinas me agradavam e durante algum tempo pensei em tornar-me católico; mas um dia, enquanto conversava com um padre muito erudito, de repente percebi o quão similar era o catolicismo à prisão do comunismo. Durante minhas viagens como marinheiro num navio de carga, fui à Índia, passei quase um ano lá e pensei em me tornar um monge; mas isso seria uma privação muito grande da vida e muito irreal em termos de idealismo. Tentei viver sozinho a fim de meditar, mas também parei com isso. Após todos estes anos ainda pareço totalmente incapaz de controlar meus pensamentos e é sobre isto que desejo falar. Naturalmente tenho outros problemas, sexo e assim por diante, mas se eu fosse senhor absoluto dos meus pensamentos então poderia administrar o controle dos meus desejos sensuais e outros impulsos."

O controle do pensamento levará ao aquietamento do desejo ou simplesmente à sua repressão, o que por sua vez provocará outros problemas e mais profundos?

"É evidente que não está recomendando ceder ao desejo. O desejo é atividade do pensamento e, nas minhas tentativas de controlar o pensamento, eu esperava subjugar meus desejos. Os desejos têm que ser ou subjugados ou sublimados, mas mesmo para sublimá-los primeiramente eles devem ser mantidos sob controle. A maioria dos instrutores sustenta que os desejos devem ser transcendidos e prescrevem diversos métodos para realizar isto."

Deixando de lado o que tem sido dito por outros, o que pensa você? O simples controle do desejo resolverá o grande número de problemas relacionados ao desejo? A repressão ou a sublimação do desejo trará a sua compreensão ou libertará você dele? Por meio de alguma ocupação, religiosa ou de outro tipo, a mente pode ser disciplinada cada hora do dia. Mas uma mente ocupada não é uma mente livre e certamente só uma mente livre pode ter a percepção da criação atemporal.

"Não existe liberdade na transcendência do desejo?"

O que você entende por "transcender o desejo?"

"Para a realização da sua própria felicidade e também da realidade suprema é necessário não ser guiado pelo desejo, não estar preso em sua agitação e confusão. Para ter o desejo sob controle é essencial alguma forma de sujeição. Em vez de procurar as coisas triviais da vida, esse mesmo desejo pode descobrir o sublime."

Pode-se mudar o objeto do desejo desde uma casa até o desejo do saber, de coisas inferiores às coisas mais elevadas, mas ainda é atividade do desejo, não é? Pode-se não querer recompensas terrenas, mas a ânsia de alcançar o céu ainda é a busca de um ganho. O desejo está sempre buscando preenchimento, alcançar algo e é este movimento do desejo que deve ser compreendido e não afastado ou dominado. Sem compreender os aspectos do desejo, o mero controle do pensamento tem pouca importância.

"Mas preciso voltar ao ponto onde iniciei. Mesmo para a compreensão do desejo, a concentração é necessária, e essa é a minha dificuldade toda. Tenho a impressão que não posso controlar os meus pensamentos.

Eles vagueiam por todo lugar, tropeçando uns sobre os outros. Não há um só pensamento dominante e contínuo no meio de tantos pensamentos sem propósitos."

A mente é como uma máquina que está funcionando dia e noite, tagarelando, eternamente ocupada seja acordada ou dormindo. Ela é veloz e agitada como o mar. Uma outra parte deste intricado e complexo mecanismo tenta controlar o movimento inteiro e, desse modo, começa o conflito entre os desejos e impulsos opostos. Uma parte pode ser chamada de eu superior e a outra de eu inferior, mas ambas estão dentro da esfera da mente. A ação e a reação da mente, do pensamento, são quase simultâneas e quase automáticas. Todo este processo consciente e inconsciente de aceitar e negar, de obedecer e esforçar-se para ser livre, é extremamente rápido. Portanto, a questão não é como controlar este complexo mecanismo, pois o controle produz atrito e somente dissipa energia, mas pode esta mente tão veloz diminuir a velocidade?

"Mas como?"

Se posso apontar, senhor, a questão não é o "como". O "como" simplesmente produz um resultado, um fim sem muita importância; e depois de alcançar este fim, outra busca por outro objetivo começará, com suas aflições e conflitos.

"Então o que se pode fazer?"

Você não está fazendo a pergunta correta, está? Não está descobrindo por si mesmo a verdade ou a falsidade da questão da diminuição da velocidade da mente, apenas está interessado com a obtenção de um resultado. Obter um resultado é comparativamente fácil, não acha? É possível a mente diminuir a sua velocidade sem colocar freios?

"O que quer dizer com diminuir a velocidade?"

Quando se viaja de carro muito velozmente, a paisagem próxima é um borrão; somente ao caminhar é que se pode observar as árvores em detalhe, os pássaros e as flores. O autoconhecimento vem com a diminuição da velocidade da mente, mas isso não significa forçar a mente a ser

vagarosa. A compulsão só conduz à resistência e não deve haver dissipação de energia na redução da velocidade da mente. Isto é assim, não é?

"Acho que estou começando a perceber que o esforço que se faz para controlar o pensamento é um desperdício, mas não compreendo o que mais pode ser feito."

Ainda não chegamos à questão da ação, não é? Estamos tentando observar que é importante para a mente diminuir a velocidade; não estamos considerando como fazer isto. Pode a mente diminuir a velocidade? E quando isto acontece?

"Não sei; nunca pensei nisso antes."

Nunca reparou, senhor, que quando está observando alguma coisa a mente torna-se mais lenta? Quando observa aquele carro movendo-se pela estrada lá embaixo ou ao olhar atentamente para qualquer objeto físico, sua mente não está funcionando mais lentamente? A vigilância, a observação diminui a velocidade da mente. A contemplação de um quadro, uma imagem, um objeto ajuda a aquietar a mente, como o faz a repetição de uma frase; mas neste caso o objeto ou a frase se torna muito importante e não a redução da velocidade da mente e o que é possível se descobrir por meio disso.

"Estou atento ao que você está explicando e existe uma percepção da quietação da mente."

Realmente sempre olhamos atentamente para alguma coisa ou interpomos entre o observador e a coisa observada um crivo de diversos preconceitos, valores, juízos, comparações, condenações?

"É quase impossível não ter este crivo. Acho que não sou capaz de observar de uma maneira intacta, pura."

Se posso sugerir, não se bloqueie por palavras ou por uma conclusão, positiva ou negativa. Pode haver observação sem este crivo? Colocando de outro modo, existe atenção quando a mente está ocupada? Apenas uma mente desocupada é que pode prestar atenção. A mente se

torna lenta, alerta quando há vigilância, que é a atenção de uma mente não ocupada.

"Estou começando a experimentar o que está dizendo, senhor."

Vamos examinar um pouco mais além. Se não há avaliação nem crivo entre o observador e a coisa observada, há então separação, divisão entre eles? Não é o observador a coisa observada?

"Receio que não o acompanho."

O diamante não pode ser separado das suas qualidades, pode? O sentimento de inveja não pode ser separado do experimentador desse sentimento, embora exista uma divisão ilusória a qual gera conflito, e neste conflito a mente está presa. Quando esta falsa separação desaparece, há uma possibilidade de liberdade, e só então a mente encontra-se tranqüila. Somente quando o experimentador cessa é que há o movimento criador do real.

Comentários sobre o Viver: Segunda Série

IV

Diários, Ditados e Cartas

Um Sentimento por Todas as Coisas Vivas

Próximo ao rio existe uma árvore e vínhamos observando-a dia após dia, por várias semanas, quando o sol está prestes a nascer. À medida que o sol eleva-se lentamente sobre o horizonte, por sobre as árvores, esta árvore em especial se torna subitamente dourada. Todas as folhas irradiam vida e quando a contemplamos, enquanto as horas passam, essa árvore cujo nome não importa – o que importa é essa bela árvore –, uma extraordinária qualidade parece espalhar-se sobre toda a terra, sobre o rio. E quando o sol se eleva um pouco mais, as folhas começam a agitar-se, a dançar. E cada hora parece conferir a essa árvore uma qualidade diferente. Antes do sol nascer, ela possui um aspecto sombrio, sereno, muito distante, cheio de dignidade. E quando o dia começa, as folhas com a luz sobre elas dançam e conferem-lhe esse sentimento peculiar que se tem de grande beleza. Por volta do meio-dia sua sombra se intensifica e você pode sentar-se ali protegido do sol, nunca se sentindo solitário, com a árvore como sua companheira. Ao sentar-se ali, existe uma relação de profunda, permanente segurança e uma liberdade que somente as árvores podem conhecer.

Ao anoitecer, quando o céu do ocidente é iluminado pelo pôr-do-sol, a árvore gradualmente torna-se sombria, escura, fechando-se sobre si mesma. O céu torna-se vermelho, amarelo, verde, mas a árvore permanece quieta, oculta e fica descansando durante a noite.

Se você estabelece uma relação com ela, então você estabelece uma relação com a humanidade. Assim, você é responsável por essa árvore e pelas árvores do mundo. Mas se você não se relaciona com as coisas vivas nesta terra, você pode perder qualquer relação que tenha com a humanidade, com os seres humanos. Nós nunca olhamos profundamente a qualidade de uma árvore; nunca realmente a tocamos, sentimos sua solidez, sua casca rugosa e ouvimos o som que é parte dela. Não o som do vento através das folhas, não a brisa da manhã que agita as folhas, mas seu próprio som, o som do tronco e o som silencioso das raízes. Você deve ser extraordinariamente sensível para ouvi-lo. Este som não é o ruído do mundo, não é o ruído da tagarelice da mente e nem da vulgaridade da guerra e das disputas humanas, mas o som como parte do universo.

É estranho que tenhamos tão pouco relacionamento com a natureza, com os insetos, com o saltitante sapo ou a coruja que pia por entre as montanhas chamando pelo seu par. Parece que nunca temos um sentimento por todas as coisas vivas da Terra. Se nós pudéssemos estabelecer um profundo e permanente relacionamento com a natureza, nunca mataríamos um animal para saciar nosso apetite, nunca os machucaríamos ou faríamos vivissecção num macaco, num cachorro ou cobaia para nosso benefício. Encontraríamos outros meios para curar nossas feridas, curar nossos corpos. Entretanto, a cura da mente é algo totalmente diferente. Essa cura acontece gradualmente se você está com a natureza, com essa laranja na árvore, com essa folha de grama que abre espaço através do cimento, com essas colinas cobertas, ocultas pelas nuvens.

Este não é um sentimento ou uma idéia romântica, mas a realidade de um relacionamento com todas as coisas que vivem e se movem sobre a Terra. O homem matou milhões de baleias e ainda está matando. Tudo o que obtemos dessa carnificina poderia ser obtido por outros meios. Mas aparentemente o homem gosta de matar coisas, o cervo ligeiro, a maravilhosa gazela e o grande elefante. Nós gostamos de matar uns aos outros. Esta matança de outros seres humanos nunca cessou ao longo da história da vida do homem sobre a Terra. Se pudéssemos, e devemos, estabelecer de fato uma profunda, extensa e permanente relação com a na-

tureza, com as árvores, os arbustos, as flores, a grama e as céleres nuvens, então jamais mataríamos outro ser humano por qualquer razão que seja. A guerra é um assassinato organizado e, embora nos manifestemos contra uma guerra em particular, a nuclear ou qualquer outro tipo, nós nunca nos manifestamos contra a guerra em si. Jamais dizemos que matar outro ser humano é o maior pecado do mundo.

Krishnamurti por Ele Mesmo

Qual é o Futuro da Humanidade?

No comedouro havia uma dezena ou mais de pássaros piando, bicando os grãos, disputando, brigando uns com os outros, e quando um pássaro maior chegava todos saíam voando. Quando o pássaro maior saía novamente, todos eles retornavam, piando, brigando, gorjeando, fazendo um barulho tremendo. Em seguida um gato passou e houve uma agitação, uma gritaria e um grande alvoroço. O gato foi afugentado – era um daqueles gatos selvagens, não um gato doméstico; existem muitos destes gatos selvagens nos arredores de diferentes tamanhos, formas e cores. No comedouro havia pássaros durante todo o dia, uns pequenos e outros grandes, e então um gaio chegou ralhando com todos eles, com tudo à sua volta, e afugentou os outros pássaros – ou melhor, eles partiram quando o gaio chegou. Estavam todos muito alertas aos gatos. E na medida em que o entardecer se aproximava todos os pássaros partiam e havia silêncio, quietude, paz. Os gatos iam e vinham, mas não havia pássaros.

Naquela manhã as nuvens estavam cheias de luz e havia uma promessa no ar de mais chuva. Durantes as últimas semanas havia chovido. Havia um lago artificial e as águas estavam a ponto de transbordar. Todas as folhas verdes e os arbustos e as altas árvores estavam aguardando pelo sol, que não se mostrava radiante como é o sol da Califórnia; por muitos dias ele não havia mostrado sua cara.

Inquiria-se sobre qual seria o futuro da humanidade, o futuro de todas essas crianças que vemos gritando, brincando – faces tão felizes, meigas, delicadas – qual o futuro delas? O futuro é o que nós somos agora. Isto tem sido assim historicamente por muitos milhares de anos – o viver e o morrer e toda a angústia de nossas vidas. Parece que não prestamos muita atenção ao futuro. Vocês assistem na televisão entretenimentos sem fim da manhã até tarde da noite, exceto por um ou dois canais que mesmo assim apresentam programas muito breves e não muito sérios. As crianças são entretidas. Todos os comerciais sustentam o sentimento de que vocês estão sendo entretidos. E isto está acontecendo praticamente pelo mundo inteiro. Qual será o futuro destas crianças? Há o entretenimento do esporte – trinta, quarenta mil pessoas vendo umas poucas pessoas no estádio e gritando até ficarem roucos. E vocês também vão e assistem a alguma cerimônia sendo praticada numa grande catedral, algum ritual e isso também é uma forma de entretenimento, apenas vocês a denominam de sagrado, religioso, mas ainda é um entretenimento – uma experiência sentimental, romântica, uma sensação de religiosidade. Observando tudo isto em diferentes partes do mundo, observando a mente sendo ocupada com diversão, entretenimento, esporte, inevitavelmente devemos nos perguntar se estamos de algum modo interessados nisso: Qual é o futuro? – Mais dessa mesma coisa que vemos sob diferentes formas? Uma multiplicidade de divertimentos?

Desse modo, devemos considerar se estamos inteiramente conscientes do que está acontecendo conosco, como o mundo do entretenimento e do esporte está aprisionando nossa mente, moldando nossa vida. Para onde isso tudo está nos levando? Ou talvez não estejamos absolutamente interessados? Provavelmente não se importam com o amanhã. Provavelmente não têm refletido sobre isso ou, se o fizeram, poderão dizer que é muito complexo, muito assustador, muito perigoso pensar nos anos que estão por vir – não de sua velhice em particular, mas do destino, se podemos usar tal palavra, o resultado do nosso modo de vida atual, preenchido com todos os tipos de sentimentos e buscas românticas, emocionais, sentimentais e todo o mundo do entretenimento inva-

dindo sua mente. Se vocês estão absolutamente conscientes de tudo isto, qual é o futuro da humanidade?

Como dissemos antes, o futuro é o que você é agora. Se não houver mudança – não adaptações superficiais, ajustes superficiais a qualquer padrão, político, religioso ou social, mas uma mudança que seja muito mais profunda, que demande sua atenção, seu cuidado, seu afeto –, se não houver uma mudança fundamental, então o futuro é o que estamos fazendo todos os dias de nossa vida no presente. Mudança sem dúvida é uma palavra difícil. Mudar para o quê? Mudar para outro padrão? Para outro conceito? Para outro sistema político ou religioso? Mudar disto para aquilo? Isso ainda está dentro do domínio ou dentro do campo de "o que é". Esta mudança é projetada pelo pensamento, formulada pelo pensamento, determinada materialmente.

Assim, deve-se investigar cuidadosamente esta palavra "mudança". Há uma mudança se houver um motivo? Há uma mudança se houver uma determinada direção, uma finalidade específica, uma conclusão que parece sensata, racional? Ou talvez uma frase melhor seja "o findar do que é". O findar e não o movimento de "o que é" para "o que deveria ser". Isso não é mudança. Mas o findar, a cessação ou... – qual seria a melhor palavra? – Acho que "findar" é uma boa palavra, desse modo vamos nos ater a isso. O findar. Mas se o findar possui um motivo, um propósito, é uma questão de decisão, então isso é meramente uma mudança disto para aquilo. A palavra "decisão" implica a ação da vontade. "Eu farei isto"; "eu não farei aquilo". Quando o desejo se introduz no ato de findar, de cessar, esse desejo torna-se a causa do próprio findar. Onde existe uma causa existe um motivo e desse modo não existe absolutamente um findar, um cessar real.

O século 20 teve uma grande quantidade de mudanças produzidas por duas guerras devastadoras, o materialismo dialético, o ceticismo das crenças, atividades e rituais religiosos e assim por diante, isso sem contar com o mundo tecnológico que produziu um número ainda maior de modificações; e haverá mais mudanças ainda quando o computador estiver completamente desenvolvido – vocês estão apenas no início desse

processo. Então, quando o computador assumir o controle, o que vai acontecer com nossas mentes humanas? Essa é uma questão diferente que deveríamos investigar numa outra ocasião.

Quando a indústria do entretenimento domina, como está gradualmente fazendo no momento, quando os jovens, os estudantes, as crianças são constantemente instigados ao prazer, à fantasia, à sensualidade romântica, as palavras "repressão" e "austeridade" são deixadas de lado, nunca sequer se pensa nelas. A austeridade dos monges, os *sannyasis*, que negam o mundo, que vestem seus corpos com algum tipo de uniforme ou apenas um pedaço de pano – esta negação do mundo material certamente não é austeridade. Provavelmente vocês nem mesmo iriam querer escutar isso, quais são as implicações da austeridade. Quando se é criado desde a infância para se distrair e fugir de si mesmo por meio do entretenimento, religioso ou qualquer outro, e quando a maioria dos psicólogos diz que se deve expressar tudo o que se sente e que qualquer forma de impedimento ou repressão é prejudicial e nos leva a várias formas de neurotização, naturalmente vocês entram cada vez mais no mundo do esporte, diversão, entretenimento, tudo colaborando para que escapem de vocês mesmos, daquilo que são.

A compreensão da natureza do que se é, sem quaisquer distorções, sem qualquer viés, sem quaisquer reações àquilo que se descobre que é, é o começo da austeridade. A observação, a percepção de todo pensamento, todo sentimento não para reprimi-lo, não para controlá-lo, mas para observá-lo como se observa um pássaro durante o vôo, sem quaisquer distorções e preconceitos próprios – essa observação produz um extraordinário senso de austeridade que vai além de toda a repressão, de todo o desperdício de tempo consigo mesmo e de toda esta idéia de auto-aperfeiçoamento, autopreenchimento. Isso tudo é muito infantil. Nesta observação existe grande liberdade, e nessa liberdade existe o senso de dignidade da austeridade. Mas se vocês dissessem tudo isto para um grupo de estudantes ou crianças na época atual, eles provavelmente olhariam para fora da janela entediados porque o mundo atual está voltado para a sua própria busca de prazer.

Um grande esquilo de cor castanho-clara desceu da árvore e subiu até o comedouro, mordiscou alguns grãos, sentou-se em cima dele, olhou em volta com seus grandes olhos redondos e brilhantes, sua cauda erguida, curvada para cima – uma coisa maravilhosa. Ali sentou-se por um curto momento, desceu, seguiu sobre algumas rochas e então saltou para a árvore, subiu e desapareceu.

Parece que o homem sempre tem fugido de si mesmo, do que ele é, do lugar para onde está indo, do que se trata tudo isto – o universo, nossa vida diária, o morrer e o começar. É estranho que nunca percebamos que por mais que possamos escapar de nós mesmos, que por mais que possamos divagar consciente, deliberada ou inconscientemente, o conflito, o prazer, a dor, o medo e assim por diante, sutilmente, estão sempre aí e finalmente dominam. Vocês podem tentar suprimi-los, tentar colocá-los de lado deliberadamente com um ato de vontade, mas eles emergem novamente. E o prazer é um dos fatores que predomina; apresenta os mesmos conflitos, a mesma dor, a mesma sensação de vazio. O tédio e a preocupação pelo prazer é parte desta confusão da nossa vida. Vocês não podem escapar disso, meus amigos. Não podem escapar desta profunda e insondada confusão a menos que realmente pensem sobre isso, não somente pensar, mas ver por meio de uma atenção cuidadosa, uma observação diligente, todo movimento do pensamento e do ego. Podem dizer que tudo isto é cansativo, talvez desnecessário. Mas se não prestarem atenção a isto, observarem cuidadosamente, o futuro não apenas irá ser mais destrutivo, mais intolerante, mas sem muito significado. Tudo isto não é um ponto de vista desalentador ou deprimente, é realmente assim. O que você é agora é o que você será nos próximos dias. Vocês não podem evitar isso. É tão definitivo como o pôr e o nascer do Sol. Isto faz parte de todos os homens, de toda a humanidade, a menos que todos nós mudemos, cada um de nós, e nos transformemos em algo que não seja projetado pelo pensamento.

Krishnamurti por Ele Mesmo

O *Insight* ou a Visão Intuitiva do Funcionamento do Ego

Os seres humanos, em sua maioria, são egoístas. Eles não estão conscientes de seu próprio egoísmo; é o seu modo de vida. E se estão conscientes de que são egoístas, ocultam isto muito cuidadosamente e ajustam-se ao padrão da sociedade, a qual é essencialmente egoísta. A mente egoísta é muito astuciosa. Ou é brutal e claramente egoísta ou assume várias outras formas. Se você é um político, a atividade egoísta consiste na busca de poder, *status* e popularidade; ela se identifica com uma idéia, uma missão, e tudo pelo bem comum. Se você é um tirano, isso se expressa na forma de uma brutal dominação. Se está inclinado a ser religioso, ela toma a forma de adoração, devoção, adesão a alguma crença, a algum dogma. Esta atividade também se expressa na família; o pai segue seu próprio egoísmo em todos os caminhos de sua vida e o mesmo faz a mãe. Fama, prosperidade, boas aparências formam uma base para esse movimento oculto e furtivo do ego. Ele está na estrutura hierárquica do sacerdócio por mais que eles possam proclamar seu amor a Deus, sua adesão à imagem autocriada de sua divindade particular. Tanto os dirigentes da indústria como o simples funcionário possuem esta exagerada e entorpecedora sensualidade do ego. O monge que renunciou aos hábitos mundanos pode vagar pela face da Terra ou pode se encerrar em algum mosteiro, mas não abandonou este interminável movimento do ego. Eles podem mudar seus nomes, vestir hábitos ou fa-

zer votos de celibato ou de silêncio, mas ardem por um ideal, por alguma imagem, algum símbolo.

E o mesmo ocorre com os cientistas, com os filósofos e os professores universitários. O fazedor de boas obras, os santos e os gurus, o homem ou a mulher que trabalham incessantemente para os pobres – todos eles tentam esquecer-se de si mesmos no seu trabalho, mas o trabalho é parte do egoísmo. Eles transferiram o egotismo para os seus trabalhos. Isso inicia-se na infância e continua até a velhice. A vaidade do conhecimento, a hábil humildade do líder, a esposa submissa e o homem dominador, todos possuem esta doença. O ego se identifica com o Estado, com infindáveis grupos, com infindáveis idéias e causas, mas permanece o que era no princípio.

Os seres humanos vêm tentando várias práticas, métodos, meditações para se libertarem deste centro que causa tanta aflição e confusão, mas, como uma sombra, ele nunca é apanhado. Ele está sempre lá e escorrega através dos seus dedos, através da sua mente. Algumas vezes é fortalecido ou se enfraquece de acordo com as circunstâncias. Você o encurrala aqui, ele reaparece ali.

Estamos perguntando se o educador, que é tão responsável pela nova geração, compreende não verbalmente que coisa nociva é o ego – quão corrupto, deformador, quão perigoso ele é em nossas vidas. Ele pode não saber se libertar dele, pode nem mesmo estar consciente de que ele está ali, mas uma vez que veja a natureza do movimento do ego, pode ele ou ela transmitir suas sutilezas ao estudante? E não é sua responsabilidade fazer isso? O *insight* ou a visão intuitiva do funcionamento do ego é maior do que o saber acadêmico. O conhecimento pode ser usado pelo ego para a sua própria expansão, sua agressividade, sua crueldade inata.

O egoísmo é o problema essencial da nossa vida. O conformismo e a imitação são partes do ego como é a competição e a impiedade do talento. Se o educador nestas escolas leva essa questão a sério em seu coração, o que eu espero que faça, então como ele ajudará o estudante a não ser egoísta? Vocês poderiam dizer que isso é um dom de deuses

desconhecidos ou colocar a questão de lado como sendo impossível. Mas se são sérios, como se deve ser, e são inteiramente responsáveis pelo estudante, como procederão para libertar sua mente desta energia aprisionadora e sem idade? – o ego que tem causado tanto sofrimento? Vocês não explicariam com grande cuidado – o que implica afeição – em palavras simples quais são as conseqüências quando ele manifesta raiva, quando bate em alguém ou quando está pensando em sua própria importância? Não é possível explicar-lhe que quando afirma "isto é meu", ou se gaba "fui eu que fiz" ou evita através do medo uma determinada ação, ele está construindo um muro, tijolo por tijolo, ao redor de si mesmo? Não é possível mostrar-lhe que quando seus desejos, suas sensações dominam o seu pensamento racional, que a sombra do ego está crescendo? Não é possível dizer-lhe que onde o eu está, sob qualquer aparência, não há amor?

Embora o estudante possa perguntar ao educador: "Você percebeu tudo isto ou está apenas brincando com as palavras?", essa mesma pergunta poderia despertar sua própria inteligência e essa mesma inteligência dará a vocês o sentimento correto e as palavras corretas como resposta.

Como um educador vocês não possuem *status*; vocês são seres humanos com todos os problemas da vida assim como um estudante. No momento em que falam a partir do *status*, vocês estão realmente destruindo a relação humana. A posição social implica poder e quando estão buscando isto, consciente ou inconscientemente, vocês entram num mundo de crueldade. Vocês têm uma grande responsabilidade, meus amigos, e se vocês assumem esta responsabilidade total que é amor, então as raízes do ego desaparecem. Isto não é dito como um encorajamento ou para fazer com que sintam que devem fazer isto, mas como todos nós somos seres humanos, representando a humanidade inteira, nós somos total e inteiramente responsáveis quer escolhamos ser ou não. Pode-se tentar fugir disso, mas esse próprio movimento é a ação do eu. A clareza de percepção é o que liberta do ego.

Cartas às Escolas

Uma Bênção de Intensa Sacralidade

No começo da manhã, o céu estava sem uma nuvem; o sol estava despontando por trás dos montes da Toscana, acinzentado com o verde-oliva dos escuros ciprestes. Não havia sombras sobre o rio e as folhas do álamo estavam quietas. Alguns pássaros que ainda não haviam migrado estavam tagarelando e o rio parecia imóvel; quando o sol surgiu do outro lado do rio ele projetou extensas sombras sobre as tranqüilas águas. Mas uma brisa suave estava vindo por sobre as montanhas e através dos vales; ela passava por entre as folhas, fazendo-as tremular e dançar com o Sol matinal sobre elas. Havia sombras longas e curtas, algumas vultosas e outras exíguas sobre as águas escuras e cintilantes; uma solitária chaminé começou a fumegar, levando uma acinzentada fumaça por entre as árvores. Era uma manhã adorável, cheia de encanto e beleza, havia muitas sombras e muitas folhas tremulando. Havia um perfume no ar e, embora fosse um Sol outonal, havia o sopro da primavera. Um pequeno veículo estava subindo a colina fazendo um barulho terrível, mas os milhares de sombras permaneciam imóveis. Era uma adorável manhã.

Ontem, ao entardecer, ela subitamente começou num quarto que dava para uma rua barulhenta; a força e a beleza desse outro estado, dessa "alteridade", ia se espalhando desde o quarto até o exterior sobre o

tráfego, passando pelos jardins e além das colinas. Estava ali, imensa e impenetrável; estava ali naquela tarde, e no momento em que estava indo se deitar, ali estava com furiosa intensidade, uma bênção de intensa sacralidade. Não existe modo de acostumar-se a ela porquanto é sempre diferente, sempre há algo novo, uma nova qualidade, um significado sutil, uma nova luz, algo que não havia sido visto antes. Não era uma coisa para ser armazenada, recordada e analisada num momento ocioso; estava ali e nenhum pensamento poderia se aproximar, uma vez que o cérebro estava quieto e não existia tempo para experimentar, para acumular. Estava ali e todo o pensamento se aquietou.

A intensa energia da vida está sempre aí, dia e noite. É uma energia sem atrito, sem direção, sem escolha nem esforço. Está aí com tal intensidade que o pensamento e o sentimento não podem capturá-la para moldá-la de acordo com suas fantasias, crenças, experiências e exigências. Está aí com tal abundância que nada pode diminuí-la. Mas nós tentamos usá-la, dar-lhe uma direção, aprisioná-la dentro dos moldes de nossa existência e desse modo distorcendo-a para ajustar ao nosso padrão, experiência e conhecimento. É a ambição, a inveja e a avidez que reduzem sua energia e assim há o conflito e o sofrimento; a crueldade da ambição, pessoal ou coletiva, desvirtua sua intensidade, ocasionando ódio, antagonismo, conflito. Cada ato de inveja corrompe esta energia, causando descontentamento, aflição, medo; com o medo existe a culpa e a ansiedade e a interminável angústia da comparação e imitação. É esta energia corrompida que produz o sacerdote e o general, o político e o ladrão. Esta ilimitada energia, tornada incompleta por nosso desejo de permanência e segurança é o solo no qual germinam idéias estéreis, competição, crueldade e guerra; é a causa do eterno conflito entre os homens.

Quando tudo isto é colocado de lado com naturalidade e sem esforço, só então há essa intensa energia que somente pode existir e florescer na liberdade. Só na liberdade ela não causa conflito e sofrimento; só então ela aumenta e não termina. É a vida que não tem princípio nem fim; é criação que é amor, destruição.

A energia utilizada numa direção leva a uma coisa: conflito e sofrimento; a energia que é a expressão da totalidade da vida é bem-aventurança além de qualquer medida.

Diário de Krishnamurti
9 de outubro, 1961

V

Diálogos e Discussões

Existe um Deus?

Interrogante: Eu realmente gostaria de saber se existe um Deus. Se não existe, a vida não tem sentido. Não conhecendo Deus, o homem o inventou por meio de milhares de crenças e imagens. A divisão e o medo gerados por todas essas crenças o têm separado dos seus semelhantes. Para escapar da dor e dos danos desta separação ele cria ainda mais crenças, e foi tragado pelas aflições e confusões cada vez maiores. Como não conhecemos, acreditamos. Posso conhecer Deus? Tenho feito esta pergunta a muitos santos tanto na Índia como aqui, e todos eles têm enfatizado a crença. "Creia e então você conhecerá; sem crença nunca saberá." O que você acha?

KRISHNAMURTI: A crença é necessária para descobrir? Aprender é muito mais importante do que conhecer. Aprender sobre a crença é o fim da crença. Quando a mente está livre da crença então ela pode olhar. É a crença ou a descrença que prende; pois crença e descrença são a mesma coisa; elas são os lados opostos de uma mesma moeda. Assim, podemos pôr de lado completamente a crença positiva ou negativa; o crente e o incrédulo são iguais. Quando isso realmente acontece então a pergunta: "Existe um Deus?" tem um significado muito diferente. A palavra "Deus" com toda a sua tradição, sua lembrança, suas conotações intelectuais ou sentimentais – isto tudo não é Deus. A palavra não é o real. Desse modo, pode a mente libertar-se da palavra?

Interrogante: Não sei o que isso significa.

KRISHNAMURTI: A palavra é a tradição, a esperança, o desejo de descobrir o absoluto, a luta por alcançar o supremo, o movimento que dá vitalidade à existência. Assim, a própria palavra torna-se a realidade última e, não obstante, podemos ver que a palavra não é a coisa. A mente é a palavra e a palavra é pensamento.

Interrogante: E você está me pedindo que eu me despoje da palavra? Como posso fazer isso? A palavra é o passado; é memória. A esposa é a palavra e a casa é a palavra. No princípio era a palavra. A palavra também é o meio de comunicação, identificação. O seu nome não é você, e contudo sem o seu nome não posso perguntar por você. E você está me perguntando se a mente pode estar livre da palavra – ou seja, pode a mente libertar-se de sua própria atividade?

KRISHNAMURTI: No caso da árvore, o objeto está diante dos nossos olhos e a palavra refere-se à árvore por uma convenção universal. Agora, com a palavra "Deus" não há algo a que se refira, desse modo cada homem pode criar sua própria imagem daquilo para qual não existe referência. O teólogo faz isso de um modo, o intelectual, de outro, e o crente e o incrédulo o fazem cada qual do seu próprio modo. A esperança gera esta crença e em seguida a atividade da busca. Esta esperança é o produto do desespero – o desespero de tudo o que vemos em torno de nós no mundo. A partir do desespero nasce a esperança; eles também são os dois lados da mesma moeda. Quando não há esperança há o inferno, e este medo do inferno nos dá a vitalidade da esperança. Então a ilusão começa. Dessa forma, a palavra nos levou à ilusão e não a Deus em absoluto. Deus é a ilusão a qual adoramos; e o incrédulo cria a ilusão de um outro Deus o qual ele adora – o Estado ou alguma utopia ou algum livro que ele pensa conter toda a verdade. Assim, estamos perguntando se você pode ser livre da palavra e de sua ilusão.

Interrogante: Preciso meditar sobre isto.

KRISHNAMURTI: Se não há ilusão, o que resta?

Interrogante: Apenas o que é.

KRISHNAMURTI: Esse "o que é" é o mais sagrado.

Interrogante: Se "o que é" é o mais sagrado, então a guerra, o ódio, a desordem, a dor, a avareza e a pilhagem também o são. Por conseguinte, não devemos falar absolutamente de qualquer mudança. Se "o que é" é sagrado, então todo assassino, saqueador e explorador pode dizer: "Não me toque, o que estou fazendo é sagrado."

KRISHNAMURTI: A própria simplicidade dessa asserção – "o que é" é o mais sagrado – leva a um grande equívoco porque não vemos a sua verdade. Se você vê que "o que é" é sagrado, você não mata, não cria guerra, não tem esperança, não explora. Tendo feito estas coisas você não pode reivindicar imunidade de uma verdade que você violou. O homem branco que diz ao negro desordeiro: "'o que é' é sagrado, não interfira, não incendeie", não viu, pois se tivesse visto, o negro seria sagrado para ele e não haveria necessidade de revolta. Desse modo, se cada um de nós perceber esta verdade, deve haver uma mudança. O percebimento da verdade é a mudança.

Interrogante: Vim aqui para descobrir se Deus existe e você me confundiu completamente.

KRISHNAMURTI: Você veio perguntar se existe Deus. Dissemos: a palavra leva à ilusão a qual nós adoramos e por causa desta ilusão estamos dispostos a destruir-nos uns aos outros. Quando não há ilusão o "o que é" é o mais sagrado. Agora vamos olhar para aquilo que realmente é. Num dado momento o "o que é" pode ser medo, ou completo desespero ou uma alegria fugaz. Estas coisas estão mudando constantemente. E também existe o observador que diz: "Todas estas coisas ao meu redor mudam, mas eu continuo permanente". Isso é um fato, isso é realmente o que acontece? Ele também não está mudando, acrescentando e subtraindo de si mesmo, modificando-se, ajustando-se, vindo a ser ou não alguma coisa? Assim, tanto o observador como o observado estão constantemente mudando. "O que é" é mudança. Isso é um fato. Isso é "o que é".

Interrogante: Então, é o amor imutável? Se tudo é um movimento de mudança, o amor também não é parte desse movimento? E se o amor é mutável, então posso amar uma mulher hoje e dormir com outra amanhã?

KRISHNAMURTI: Isso é amor? Ou você está dizendo que amor é diferente de sua expressão? Ou você está dando maior importância à expressão do que ao amor e, portanto, criando uma contradição e um conflito? Pode o amor em algum momento ser aprisionado na roda da mudança? Se assim for, então ele também pode ser ódio; por conseguinte o amor é ódio. É somente quando não existe ilusão que "o que é" é o mais sagrado. Quando não há ilusão Deus é "o que é" ou qualquer outro nome que possa ser utilizado. Desse modo Deus ou qualquer nome que você lhe dê está quando você não está presente. Quando o você existe, ele não está. Quando o você não existe, o amor está. Quando o você existe, o amor não está.

A Urgência da Mudança

Sofrimento

Interrogante: Tenho a impressão de ter sofrido muito em toda a minha vida, não fisicamente, mas por causa da morte, da solidão e da total inutilidade de minha existência. Tive um filho a quem amava muito. Ele morreu num acidente. Minha esposa me abandonou e isso causou uma dor muito grande. Suponho que sou como milhares de outras pessoas de classe média com dinheiro suficiente e um emprego fixo. Não estou me queixando das minhas condições, mas desejo compreender o que o sofrimento significa, porque ele tem que existir. Diz-se que a sabedoria vem através do sofrimento, mas tenho notado que é exatamente o contrário disso.

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber o que você aprendeu do sofrimento. Aprendeu absolutamente alguma coisa? O que a dor ensinou a você?

Interrogante: Certamente me ensinou a nunca apegar-me às pessoas, e uma certa amargura, uma certa indiferença, e a não permitir que meus sentimentos me façam perder o controle. Ensinou-me a ser muito cuidadoso para não me ferir novamente.

KRISHNAMURTI: Então, como você diz, ele não ensinou-lhe sabedoria; pelo contrário, o fez mais esperto, mais insensível. Pode o sofri-

mento ensinar realmente alguma coisa exceto as óbvias reações de autoproteção?

Interrogante: Sempre aceitei o sofrimento como parte da minha vida, mas sinto agora, por alguma razão, que gostaria de ficar livre dele, livre de todo o ridículo amargor e indiferença, sem sofrer novamente toda a dor do apego. Minha vida é tão vazia e sem sentido, completamente egocêntrica e insignificante. Uma vida de mediocridade, e essa mediocridade talvez seja a maior de todas as dores.

KRISHNAMURTI: Existe a dor pessoal e a dor do mundo. Existe a dor da ignorância e a dor do tempo. Esta ignorância é a falta de autoconhecimento, e a dor do tempo é a ilusão de que o tempo pode aliviar, curar e transformar. A maioria das pessoas está presa nessa ilusão e ou cultuam o sofrimento ou dão explicações para ele. Mas em ambos os casos o sofrimento continua, e nunca perguntam a si mesmos se ele pode chegar a um fim.

Interrogante: Mas eu estou perguntando agora se ele pode terminar e como. Como eu posso acabar com ele? Compreendo que não é bom fugir, resistir a ele com a amargura e o cinismo. O que posso fazer para pôr fim à aflição que tenho carregado por tanto tempo?

KRISHNAMURTI: A autopiedade é um dos elementos do sofrimento. Outro elemento é estar apegado a alguém e encorajar ou nutrir seu apego a você. O sofrimento não existe apenas quando o apego decepciona você, mas sua semente está no próprio início dele. A dificuldade em tudo isto é a total falta de conhecimento de si mesmo. Conhecer a si próprio é o findar do sofrimento. Temos medo de conhecermos a nós mesmos porque nos dividimos em bons e maus, miseráveis e nobres, puros e impuros. O bom está sempre julgando o mau, e esses fragmentos encontram-se em guerra uns com os outros. Esta guerra é o sofrimento. Findar o sofrimento é ver o fato e não inventar o seu oposto, uma vez que os opostos se contêm mutuamente. Caminhar neste corredor de opostos é sofrimento. Esta fragmentação da vida em alto e baixo, nobre e ignóbil, Deus e Demônio, gera conflito e dor. Quando existe o

sofrimento, não existe amor. O amor e o sofrimento não podem viver juntos.

Interrogante: Ah! Mas o amor pode infligir sofrimento a um outro. Posso amar uma pessoa e, no entanto, causar-lhe dor.

KRISHNAMURTI: Se a ama, é você que causa esse sofrimento ou ela própria? Se uma outra pessoa está apegada a você, com ou sem incitamento, e você a abandona e ela sofre, é você ou ela mesma que a levou ao sofrimento?

Interrogante: Você quer dizer que eu não sou responsável pelo sofrimento de uma outra pessoa mesmo que seja por minha causa? Então como o sofrimento terminará algum dia?

KRISHNAMURTI: Como dissemos, somente se conhecendo completamente é que o sofrimento acaba. Você conhece a si mesmo de imediato ou espera se conhecer após uma longa análise? Por meio da análise você não pode conhecer a si próprio. Somente pode fazê-lo nas relações, sem acumulação, de momento a momento. Isto significa que é necessário se estar consciente, sem qualquer escolha, do que está realmente acontecendo. Significa se ver como se é, sem o oposto, o ideal, sem o conhecimento do que foi. Se olha a si mesmo com os olhos do ressentimento ou do rancor, o que vê é tendencioso pelo efeito do passado. O desfazer continuamente do passado, quando se está vendo a si mesmo, é libertar-se do passado. O sofrimento só termina quando há a luz da compreensão, e esta luz não é acesa por uma experiência ou um lampejo de compreensão: esta compreensão se acende a si própria todo o tempo. Ninguém pode dá-la a você – nenhum livro, artifício, instrutor ou salvador. A compreensão de si mesmo é o fim do sofrimento.

A Urgência da Mudança

A Vida Religiosa

Interrogante: Eu gostaria de saber o que é uma vida religiosa. Morei vários meses em mosteiros, meditei, levei uma vida disciplinada, li bastante. Estive em vários templos, igrejas e mesquitas. Venho tentando levar uma vida muito simples, inofensiva, procurando não ferir pessoas ou animais. Isto não é realmente tudo em que consiste uma vida religiosa? Pratiquei ioga, estudei o Zen e segui muitas disciplinas religiosas. Sou e sempre fui vegetariano. Como vê, agora estou envelhecendo e vivi com alguns dos santos em diferentes partes do mundo, mas de algum modo sinto que tudo isto são apenas as beiradas da coisa real. Assim, gostaria de saber se poderíamos discutir hoje sobre o que é para você uma vida religiosa.

KRISHNAMURTI: Um dia um *sannyasi* veio visitar-me e estava triste. Disse que havia feito voto de celibato e abandonado o mundo para se tornar mendicante, vagando de aldeia em aldeia, mas seus desejos sexuais eram tão imperiosos que certa manhã decidiu remover seus órgãos sexuais cirurgicamente. Durante muitos meses sofreu dores constantes, mas, seja como for, recobrou a saúde e após muitos anos compreendeu plenamente o que havia feito. Por esta razão veio me ver e, naquela pequena sala, perguntou-me o que poderia fazer agora, tendo se mutilado para se tornar de novo normal – não fisicamente, decerto, mas interiormente. Ele havia feito aquilo porque a atividade sexual era considerada

contrária à vida religiosa. Era considerada mundana, pertencente ao mundo dos prazeres, o qual um verdadeiro *sannyasi* deve a todo custo evitar. Disse ele: "Aqui estou eu, sentindo-me completamente desnorteado, privado de minha virilidade. Lutei tão fortemente contra meus desejos sexuais, tentando controlá-los, e por fim aconteceu esta coisa terrível. E agora, o que fazer? Sei que o que fiz foi errado. Minha energia já quase se foi e pareço estar no final da minha vida na escuridão." Tomou a minha mão e ficamos sentados em silêncio, por algum tempo.

Isto é uma vida religiosa? É a negação do prazer ou da beleza o caminho que pode levar a uma vida religiosa? Negar a beleza do céu e dos montes e da forma humana, isso levará a uma vida religiosa? Não obstante, é isso o que a maioria dos santos e monges crêem. Torturam-se a si próprios nessa crença. Pode uma mente torturada, desvirtuada, corrompida, algum dia descobrir o que é uma vida religiosa? No entanto, todas as religiões afirmam que o único caminho para a realidade, para Deus ou como quer que o chamem é através desta tortura, desta distorção. Todas elas fazem distinção entre o que chamam de vida espiritual ou religiosa e o que chamam de vida mundana.

O homem que vive apenas para o prazer com ocasionais clarões de tristeza e piedade, cuja vida está inteiramente entregue à diversão e ao entretenimento é, sem dúvida, um homem mundano, ainda que também possa ser muito talentoso, muito erudito e preencha sua vida com pensamentos próprios ou de outras pessoas. E um homem que possui um certo dom e o exerce em benefício da sociedade ou para sua própria satisfação e que obtém fama no exercício desse talento, tal homem, certamente, também é mundano. Como também o é ir à igreja, ao templo ou à mesquita para rezar, imerso em preconceitos, fanatismo, completamente alheio à brutalidade que isto implica. É mundano ser patriota, nacionalista, idealista. O homem que se fecha num mosteiro – levantando-se em determinadas horas fixas com um livro na mão, lendo e rezando – certamente também é mundano. E o homem que sai a realizar trabalhos beneficentes, seja ele um reformador social ou missionário, é tal qual o político na sua ocupação em relação ao mundo. A divisão entre a vida

religiosa e o mundo é a própria essência da mundanidade. As mentes de todas estas pessoas – monges, santos, reformadores – não diferem muito das mentes daqueles que apenas se interessam pelas coisas que proporcionam prazer.

De modo que é importante não dividir a vida em profana e não-profana. É importante não fazer distinção entre o homem secular e o chamado religioso. Sem o mundo da matéria, o mundo material, não estaríamos aqui. Sem a beleza do céu e da árvore solitária na colina, sem essa mulher que passa ou esse homem passeando a cavalo, a vida não seria possível. Estamos interessados pela totalidade da vida e não numa parte dela em particular que é considerada religiosa em oposição ao resto. Assim, começamos a ver que uma vida religiosa diz respeito ao todo e não ao particular.

Interrogante: Compreendo o que diz. Temos que lidar com a totalidade do viver: não podemos separar o mundo do chamado espírito. Por conseguinte, a questão é: de que modo podemos agir religiosamente com relação a todas as coisas da vida?

KRISHNAMURTI: O que entendemos por agir religiosamente? Você quer dizer uma maneira de viver na qual não haja divisão – divisão entre o profano e o religioso, entre o que deveria ser e o que não deveria ser, entre eu e você, entre prazer e desprazer? Esta divisão é conflito. Uma vida de conflito não é uma vida religiosa. Uma vida religiosa somente é possível quando compreendemos profundamente o conflito. Esta compreensão é inteligência. É esta inteligência que atua corretamente. O que a maioria das pessoas chama de inteligência é simplesmente destreza em alguma atividade técnica ou esperteza em trapaças políticas ou empresariais.

Interrogante: Portanto, o que minha pergunta realmente quer dizer é como viver sem conflito e ocasionar esse sentimento de verdadeira santidade que não é mera piedade sentimental condicionada por alguma gaiola religiosa – não importa quão antiga e venerada seja essa gaiola?

KRISHNAMURTI: Um homem vivendo numa aldeia sem conflito em excesso, ou sonhando numa caverna de uma encosta "sagrada" cer-

tamente não está vivendo essa vida religiosa a que nos referíamos. Findar o conflito é uma das coisas mais complexas. Requer auto-observação e a sensibilidade de se estar consciente tanto do exterior como do interior. O conflito só pode terminar quando existe a compreensão da contradição dentro de si mesmo. Esta contradição sempre existirá se não libertar-se do conhecido, que é o passado. Libertar-se do passado significa viver no agora, que não pertence ao tempo e onde só existe o movimento da liberdade, intocado pelo passado, pelo conhecido.

Interrogante: O que você quer dizer por libertar-se do passado?

KRISHNAMURTI: O passado é constituído por todas as nossas memórias acumuladas. Estas memórias atuam no presente e criam nossas esperanças e temores do futuro. Essas esperanças e medos são o futuro psicológico; sem eles não há futuro. Desse modo, o presente é a ação do passado, e a mente é este movimento do passado. O passado atuando no presente cria o que chamamos de futuro. Esta reação do passado é involuntária, não é chamada ou convidada, ela vem a nós antes que a reconheçamos.

Interrogante: Nesse caso, como iremos nos libertar do passado?

KRISHNAMURTI: Estar consciente deste movimento sem escolha – porque a escolha por sua vez ainda é este mesmo movimento do passado – é observar o passado em ação; essa observação não é um movimento do passado. Observar sem a imagem do pensamento é ação na qual o passado cessou. Observar a árvore sem o pensamento é ação sem o passado. Observar a ação do passado é igualmente ação livre do passado. O estado de ver é mais importante do que aquilo que é visto. Estar consciente do passado nessa observação sem escolha não é apenas agir diferentemente, mas ser diferente. Neste perceber a memória atua sem impedimento e eficientemente. Ser religioso é estar consciente sem escolha a tal ponto que há liberdade do conhecido mesmo quando o conhecido atua onde e quando tem que atuar.

Interrogante: Mas o conhecido, o passado, ainda atua algumas vezes mesmo quando não deveria atuar; e sempre atua para causar conflito.

KRISHNAMURTI: Estar consciente disto é também encontrar-se num estado de inação com relação ao passado que está atuando. Assim, libertar-se do conhecido é a verdadeira vida religiosa. Isso não significa apagar o conhecido, mas ingressar numa dimensão inteiramente diferente a partir da qual o conhecido é observado. Esta ação de ver sem escolha é a ação do amor. A vida religiosa é esta ação, todo o viver é esta ação, e a mente religiosa é esta ação. Assim, a religião, a mente, a vida e o amor são uma só coisa.

A Urgência da Mudança

Sobre a Verdadeira Negação

Professor: Em uma de suas palestras aos alunos você disse que quando surge um problema se deveria resolvê-lo imediatamente. Como se deve fazer isso?

KRISHNAMURTI: Para resolver um problema imediatamente você tem que compreender o problema. É a compreensão de um problema uma questão de tempo ou é uma questão de intensidade de percepção, uma intensidade do ver? Vamos dizer que eu tenho um problema: sou vaidoso. É um problema para mim no sentido de que ele cria conflito, uma contradição dentro de mim. É um fato que sou vaidoso e existe também um outro fato que é eu não querer ser vaidoso. Primeiramente, tenho que compreender o fato de que sou vaidoso. Tenho que viver com esse fato. Eu devo não somente estar intensamente atento ao fato como compreendê-lo integralmente. Agora, é a compreensão uma questão de tempo? Posso ver o fato imediatamente, não posso? E a instantaneidade da percepção, do ver, o dissolve. Quando vejo uma cobra há uma ação imediata. Mas não vejo a vaidade do mesmo modo – quando vejo a vaidade, ou gosto dela e, portanto, continuo com ela, ou não a quero, pois origina conflito. Se isso não gera conflito o problema não existe.

A percepção e a compreensão não pertencem ao tempo. A percepção é uma questão de intensidade do ver, um ver que é total. Qual é a

natureza do perceber algo inteiramente? O que dá a alguém a capacidade, a energia, a vitalidade, o impulso para lidar com alguma coisa de maneira imediata, com toda a sua energia não fragmentada? No momento em que se dividiu a energia tem-se o conflito e, portanto, não existe o ver, não existe a percepção de algo em sua totalidade. Agora, o que lhe fornece a energia para fazê-lo saltar quando você vê uma cobra? Quais são os processos que fazem com que tanto o ser orgânico como o psicológico, o ser inteiro pule de modo que não haja nenhuma hesitação, de modo que a reação seja imediata? O que é que interveio nesse movimento instantâneo? Várias coisas intervieram nessa ação que é imediata: o medo, a proteção natural, a qual precisa estar ali, o conhecimento de que a cobra é uma coisa mortal.

Ora, por que não temos a mesma ação enérgica em relação à dissolução da vaidade? Estou citando a vaidade como um exemplo. Existem várias razões que contribuíram para a minha falta de energia. Gosto da vaidade; o mundo baseia-se nela; é o fundamento do modelo social; ela me dá um certo senso de vitalidade, uma certa qualidade de dignidade e de diferenciação, a impressão de que sou um pouco melhor do que qualquer um. Tudo isto obstrui essa energia que é necessária para dissolver a vaidade. Nestas circunstâncias, ou analiso todos os motivos que obstruíram minha ação, que obstaram dispor da energia para lidar com a vaidade, ou percebo o fato de modo imediato. A análise é um processo temporal, é um processo de adiamento. Enquanto estou analisando, a vaidade continua e o tempo não irá acabar com ela. Desse modo, tenho que ver a vaidade em sua totalidade e careço da energia para esse ver. Ora, reunir a energia dissipada requer fazer isto não somente quando se defronta com um problema como a vaidade, mas concentrar essa energia o tempo todo, mesmo quando não existir nenhum problema. Nós não temos problemas o tempo todo. Há momentos em que não temos problemas. Se nestes momentos acumulamos energia, acumular no sentido de estarmos despertos, então quando o problema surge, podemos defrontá-lo e não passar pelo processo de análise.

Professor: Existe outra dificuldade: quando não há problema e não está havendo acúmulo desta energia alguma forma de atividade mental continua.

KRISHNAMURTI: Há um desperdício de energia na simples repetição, na reação à memória, na reação à experiência. Se observar sua própria mente verá que um acontecimento agradável mantém-se repetindo. Você quer voltar a ele, quer pensar nele e dessa forma ele ganha impulso. Quando a mente está atenta não há dissipação, é possível deixar que esse ímpeto, que esse pensamento floresça? O que significa nunca dizer: "isto está certo ou errado", mas viver aquele pensamento até o final, ter uma percepção na qual o pensamento possa florescer de modo que chegue ao fim por si mesmo.

Poderíamos abordar o problema de outro modo? Temos falado sobre criar uma geração com uma nova qualidade de mente. Como faremos isto? Se eu fosse professor aqui, minha preocupação seria – e obviamente um bom educador tem esta preocupação no seu coração – originar uma mente nova, uma nova sensibilidade, um novo sentir pelas árvores, pelo céu, pelo firmamento, pelos rios; gerar uma consciência nova, não a consciência antiga remodelada num novo formato. Refiro-me a uma mente totalmente nova, não contaminada pelo passado. Se meu interesse é esse, como faço para colocá-lo em prática?

Em primeiro lugar, é possível produzir uma mente nova como essa? Não uma mente que seja uma continuidade do passado num novo formato, mas uma mente que não seja contaminada. Isso é factível ou o passado deve continuar a ser modificado pelo presente e colocado num novo molde? Neste caso, não há nenhuma geração nova; é a antiga geração repetida num novo formato.

Penso que seja possível criar uma nova geração. E pergunto: Como farei para experienciar isto não apenas dentro de mim mesmo, mas para exprimi-lo ao estudante?

Se percebo algo experimentalmente em mim mesmo não posso deixar de expressar isso ao estudante. Indubitavelmente não é uma questão minha e do outro, mas algo recíproco, não é isso?

Pois bem, como originar uma mente que não seja contaminada? Você e eu somos recém-nascidos; fomos contaminados pela sociedade, pelo hinduísmo, pela educação, pela família, pela sociedade, pelos jornais. Como iremos transpor a contaminação? Digo que isto é parte da minha existência e a aceito? O que faço, senhor? Aqui temos um problema – nossas mentes estão contaminadas. Para os mais idosos é mais difícil transpor. Vocês são comparativamente jovens e o problema é descontaminar a mente; como isso há de ser feito?

Ou isso é possível ou não é possível. Então, como descobrir se é ou não é possível? Eu gostaria que vocês se entregassem a essa questão.

Vocês sabem qual é o significado da palavra "negação"? O que significa negar o passado, negar ser um hindu? O que entendem pela palavra "negar"? Já negaram alguma coisa? Existe uma negação verdadeira e uma falsa negação. A negação que possui um motivo é uma negação falsa. A negação com um propósito, com uma intenção, com um olho no futuro, não é uma negação. Se nego alguma coisa com a finalidade de obter outra, isso não é negação. Porém existe uma negação que não possui nenhum motivo. Quando nego e não sei o que me reserva o futuro, essa é a verdadeira negação. Nego ser um hindu, nego pertencer a qualquer organização, nego qualquer credo particular e nessa própria negação me torno completamente inseguro. Conhecem tal tipo de negação e alguma vez já negaram qualquer coisa? Podem negar o passado dessa maneira – negar sem saber o que ocorrerá no futuro? Podem negar o conhecido?

Professor: Quando nego alguma coisa, digamos o hinduísmo, há uma simultânea compreensão do que é o hinduísmo.

KRISHNAMURTI: O que estávamos discutindo era sobre o surgimento de uma nova mente e se isso é possível. Uma mente que está contaminada não pode ser uma mente nova. Desse modo estamos falan-

do de uma descontaminação e se isso é possível. E em relação ao tema comecei por perguntar o que entendem por negação porque penso que a negação tem muita relação com isto. A negação tem a ver com uma mente nova. Se nego honestamente, sem raízes, sem motivo, essa é a real negação. Agora, isso é possível? Vejam, se não nego completamente a sociedade, a qual inclui a política, a economia, as relações sociais, a ambição, a avidez – se eu não negar tudo isso completamente, é impossível descobrir o que é ter uma mente nova. Por conseguinte a primeira rachadura da fundação é a negação das coisas que tenho conhecido. Isso é possível?

Obviamente, as drogas não farão surgir uma mente nova; nada fará ela ser originada exceto uma total negação do passado. Isso é possível? O que dizem? E se senti o perfume, a visão, o sabor de tal negação como posso ajudar a transmitir isso a um estudante? Ele necessita ter uma quantidade muito grande de conhecimentos – matemática, geografia, história – e ainda ser profusamente livre do conhecido, livre de qualquer remorso do passado.

Professor: Senhor, todas as sensações deixam um resíduo, uma perturbação que leva a vários tipos de conflitos e a outras formas de atividade mental. A abordagem tradicional de todas as religiões é negar esta sensação mediante a disciplina e a negação. Mas, pelo que diz, parece acontecer uma intensificação na receptividade a estas sensações, de tal modo que se percebe sensações sem distorção ou resíduo.

KRISHNAMURTI: Essa é a questão. Sensibilidade e sensação são duas coisas diferentes. Uma mente que é escrava do pensamento, da sensação, da emoção, é uma mente residual. Ela deleita-se com o resíduo, deleita-se pensando no mundo dos prazeres, e cada pensamento deixa uma marca, que é o resíduo. Cada pensamento sobre um determinado prazer que você tem deixa uma marca, a qual contribui para a insensibilidade. Isso obviamente embota a mente e a disciplina, o controle e a repressão tiram ainda mais o seu vigor. Estou dizendo que sensibilidade não é sensação, que a sensibilidade implica não deixar marca, não deixar resíduo. Assim, qual é a dúvida?

Professor: A negação a qual você se refere é diferente daquela que é a restrição da sensação?

KRISHNAMURTI: Como observar essas flores, como perceber sua beleza, estar completamente sensível a elas de maneira que não haja resíduos nem lembrança destas, de modo que quando observá-las novamente uma hora mais tarde você veja uma nova flor? Isso não é possível se a observa como uma sensação e essa sensação está associada com flores, com o prazer. A maneira tradicional é excluir o que é prazeroso porque tais associações despertam outras formas de prazer e assim você disciplina a si próprio para não olhar. Romper a associação com um bisturi é uma atitude imatura. Então como deve ser a mente, como devem ser os olhos para ver essas maravilhosas cores sem que permaneça alguma marca?

Não estou pedindo um método. Pergunto como esse estado surge. Caso contrário não podemos ser sensíveis. É como uma chapa fotográfica que recebe impressões e renova a si mesma. É exposta e novamente torna-se negativo para a próxima impressão. Assim, a mente está purificando a si mesma de cada prazer o tempo todo. Isso é possível ou estamos jogando com palavras e não com fatos?

O fato que observo claramente é que qualquer sensibilidade residual, sensação, tira o vigor da mente. Eu nego esse fato, mas não sei o que é ser tão extraordinariamente sensível de modo que a experiência não deixe qualquer marca e, não obstante, observe a flor com plenitude, com tremenda intensidade. Vejo como um fato inegável que cada sensação, cada sentimento, cada pensamento, deixa uma marca, molda a mente, e que tais impressões possivelmente não possam originar uma mente nova. Vejo que ter uma mente com impressões é a morte, então nego a morte. Entretanto não conheço o outro estado. Também vejo que uma mente vigorosa, sem o resíduo de experiências, é sensível. Ela experimenta, mas a experiência não deixa marcas a partir das quais extrai mais experiências, mais conclusões, mais morte.

Nego uma e a outra não conheço. Como é esta transição da negação do conhecido para o desconhecido surgir?

De que maneira se nega? Como se nega o conhecido, não em grandes e dramáticos acontecimentos, mas em pequenos incidentes? Eu nego quando estou me barbeando e recordo o período agradável que passei na Suíça? Nega-se a lembrança de uma ocasião prazerosa? Ficamos conscientes disso e o negamos? Isso não é algo dramático, não é espetacular, ninguém sabe nada sobre isso. Todavia, esta constante negação de pequenas coisas, as pequenas limpezas, as pequenas eliminações e não apenas uma grande e vasta limpeza, são essenciais. É essencial negar o pensamento como lembrança, agradável ou desagradável, a cada minuto do dia no momento em que ele surge. Está se fazendo isso não por algum motivo, não a fim de adentrar no extraordinário estado do desconhecido. Você mora em *Rishi Valley* e se recorda de Bombaim ou de Roma. Isso cria um conflito, torna a mente embotada, uma coisa dividida. Pode ver isto e apagá-lo? É capaz de se manter apagando não por desejar penetrar no desconhecido? Você nunca poderá saber o que é o desconhecido porque no momento em que o reconhece como desconhecido você está de volta ao conhecido.

O processo de reconhecimento é um processo de continuidade do conhecido. Como não conheço o que é o desconhecido só posso fazer uma coisa: permanecer apagando os pensamentos à medida que surgem.

Você vê essa flor, sente-a, observa a beleza, a intensidade, o extraordinário brilho dela. Então vai para a casa em que vive, que é feia, mal dimensionada. Você mora nessa casa, mas tem um certo senso de beleza e começa a pensar na flor, e você apanha o pensamento assim que surge e o apaga. Porém, em que profundidade você apaga, em que profundidade nega a flor, sua esposa, seus deuses, sua vida econômica? Você tem que viver com sua esposa, seus filhos, com esta sociedade horrível e monstruosa. Não pode afastar-se da vida. Mas quando você nega totalmente o pensamento, a dor, o prazer, sua relação é diferente. Portanto deve haver uma negação total, não parcial; não um conservar as coisas que lhe agrada e negar aquelas as quais não gosta.

Agora, como traduzir o que compreenderam ao estudante?

Professor: Você disse que, ao ensinar e aprender, a situação é tão intensa que você não diz: "Eu estou ensinando algo a você". Nessa circunstância, este constante apagar das marcas do pensamento tem alguma relação com a intensidade desse estado de ensinar-aprender?

KRISHNAMURTI: Obviamente. Veja, eu sinto que o ensinar e o aprender são uma só coisa. O que está ocorrendo aqui? Eu não estou lhe ensinando nada – não sou seu professor ou uma autoridade, estou simplesmente investigando e comunicando minha investigação a você. Podem aceitá-la ou deixá-la. A posição é a mesma com relação aos estudantes.

Professor: O que deve fazer então o professor?

KRISHNAMURTI: Você só pode descobrir quando está negando constantemente. Já tentou isso alguma vez? É como se não pudesse dormir nem um só minuto durante o dia.

Professor: Isso não somente requer energia, senhor, mas também libera uma grande quantidade dela.

KRISHNAMURTI: Mas primeiramente você deve ter a energia para negar.

Sobre a Educação
Krishnamurti

Iluminação

Interrogante: Todas as pessoas ditas religiosas têm alguma coisa em comum e eu vejo esta mesma coisa na maioria das pessoas que vêm para ouvi-lo. Todas elas estão procurando algo a que diversamente chamam de nirvana, liberação, iluminação, auto-realização, eternidade ou Deus. Seu objetivo é definido e apresenta-se a elas através de vários ensinamentos e cada um destes ensinamentos, destes sistemas, possui o seu conjunto de livros sagrados, suas disciplinas, seus mestres, sua moral, sua filosofia, suas promessas e ameaças – um caminho reto e estreito que exclui o resto do mundo e que promete ao seu final um ou outro paraíso. A maioria destes buscadores move-se de um sistema para outro, substituindo com o último ensinamento o outro que recentemente abandonaram. Eles passam de uma orgia emocional para outra, não achando que é o mesmo processo que está operando em toda esta busca. Alguns deles permanecem em um sistema com um grupo e recusam-se a arredar pé. Outros eventualmente acreditam que realizaram seja lá o que queriam realizar e então gastam seus dias em algum tipo de beatitude reservada, atraindo, por sua vez, um grupo de discípulos que inicia o ciclo inteiro novamente. Em tudo isto existe a ambição compulsiva para atingir alguma realização e, usualmente, a amarga decepção e frustração do fracasso. Tudo isto me parece muito doentio. Estas pessoas sacrificam o viver habitual por algum objetivo imaginário e um sentimento dos mais

desagradáveis emana desse tipo de meio: fanatismo, histeria, violência e estupidez. Causaria surpresa encontrar entre elas alguns bons escritores que diferentemente parecem muito equilibrados. Tudo isto é chamado de religião. A coisa toda cheira muito mal. Isto é o incenso da beatice. Tenho observado isso em todo lugar. Esta busca pela iluminação causa grande estrago e pessoas são sacrificadas no seu curso. Agora, gostaria de perguntar-lhe, existe de fato algo tal como iluminação e, se existe, o que é isso?

KRISHNAMURTI: Se isso é uma fuga da vida cotidiana, vida cotidiana sendo o extraordinário movimento do relacionamento, então esta assim chamada realização, esta assim chamada iluminação ou qualquer outro nome que queira dar a ela, é ilusão e hipocrisia. Qualquer coisa que negue o amor e a compreensão da vida e da ação está fadada a criar um grande dano, distorce a mente e a vida se torna um negócio horrível. Agora, se assumimos ser isso axiomático, então talvez possamos prosseguir para descobrir se a iluminação – o que quer que isso possa significar – pode ser descoberta no próprio ato de viver. Afinal de contas, viver é mais importante do que qualquer idéia, ideal, objetivo ou princípio. É por não sabermos o que é viver que inventamos estes conceitos visionários, não realísticos que oferecem modos de fuga. A questão real é: pode-se encontrar a iluminação no viver, nas atividades diárias da vida ou isto é apenas para os poucos que são dotados de alguma capacidade extraordinária para descobrir esta beatitude? Iluminação significa ser uma luz para si mesmo, mas uma luz que não é autoprojetada ou imaginada, que não é uma idiossincrasia pessoal. Afinal de contas, isso tem sido sempre o ensinamento da verdadeira religião, embora não o da crença organizada e do medo.

Interrogante: Você diz: o ensinamento da verdadeira religião! Isto cria imediatamente o campo dos profissionais e especialistas contra o resto do mundo. Você quer dizer, então, que a religião é separada da vida?

KRISHNAMURTI: A religião não é separada da vida; pelo contrário, é a própria vida. É esta divisão entre a religião e a vida que tem gerado

toda a aflição da qual você está falando. De modo que voltamos à questão básica de se é possível na vida diária viver num estado que, por ora, vamos chamá-lo de iluminação?

Interrogante: Eu ainda não sei o que você entende por iluminação.

KRISHNAMURTI: Um estado de negação. A negação é a ação mais positiva, não afirmação positiva. Isto é uma coisa muito importante de se entender. Muitos de nós facilmente aceitam o dogma positivo, um credo positivo porque queremos estar seguros, pertencer, estar apegado, depender. A atitude positiva divide e produz dualidade. Começa então o conflito entre esta atitude e outras. Mas a negação de todos os valores, de toda a moralidade, de todas as crenças, não tendo fronteiras, não pode estar em oposição a coisa alguma. Uma declaração positiva pela sua própria definição separa, e separação é resistência. A isto estamos acostumados, este é nosso condicionamento. Negar tudo isto não é imoral; pelo contrário, negar toda a divisão e resistência é a mais elevada moralidade. Negar qualquer coisa que o homem tenha inventado, negar todos os seus valores, ética e deuses é estar num estado mental em que não há dualidade, portanto nenhuma resistência ou conflito entre opostos. Neste estado não há opostos, e este estado não é o oposto de alguma outra coisa.

Interrogante: Então como você sabe o que é bom ou o que é mal? Ou não existe bom e mal? O que me impede de cometer um crime ou mesmo um assassinato? Se eu não tiver normas, o que me impede de cometer sabe lá Deus que aberrações?

KRISHNAMURTI: Negar tudo isto é negar o "eu", e o "eu" é a entidade condicionada que continuamente persegue um bem condicionado. Para a maioria de nós a negação parece um vazio porque conhecemos a atividade somente na prisão do nosso condicionamento, medo e aflição. A partir disso olhamos para a negação e imaginamos essa negação ser algum estado terrível de esquecimento ou vacuidade. Para o homem que tem negado todas as afirmações da sociedade, religião, cultura e moralidade, o homem que ainda está na prisão da conformidade social é um sofredor. Negação é o estado de iluminação que funciona em todas as

atividades do homem que está livre do passado. É o passado, com sua tradição e suas autoridades, que deve ser negado. Negação é liberdade e o homem livre é o que vive, ama e conhece o que significa morrer.

Interrogante: Isso está muito claro; mas você não diz nada sobre qualquer manifestação do transcendental, do divino ou seja lá como quiser chamá-lo.

KRISHNAMURTI: A manifestação disso só pode ser encontrada na liberdade, e qualquer afirmação a respeito torna-se uma comunicação verbal sem sentido. Ela está aí, mas não pode ser encontrada ou chamada, muito menos aprisionada em qualquer sistema ou emboscada por quaisquer estratagemas ardilosos da mente. Não está nas igrejas ou nos templos ou nas mesquitas. Não existe caminho para ela, guru, sistema que possa revelar sua beleza; seu êxtase surge somente quando existe amor. Isto é iluminação.

Interrogante: Isso traz algum entendimento novo da natureza do universo ou da consciência ou do ser? Todos os textos religiosos estão repletos desse tipo de coisa.

KRISHNAMURTI: É como fazer perguntas sobre a outra margem enquanto se vive e sofre nesta margem. Quando você está na outra margem você é tudo e nada e nunca faz tais perguntas. Todas as perguntas, como tais, são desta margem e realmente não têm absolutamente qualquer sentido. Comece a viver e você estará lá sem perguntar, sem procurar, sem medo.

Conversações

Fontes e Agradecimentos

Four Public Talks in Bombay 1967. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti)*, vol. XVII. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from New Delhi Talk, 14 November 1948; New Delhi Talk, 19 December 1948; London Talk, 23 October 1949. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti)*, vol. V. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from Colombo Talk, 1 January 1950; Colombo Talk, 8 January 1950; London Talk, 15 April 1952. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti)*, vol. VI. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from Bombay Talk, 15 February 1953; Ojai Talk, 10 August 1952. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti)*, vol. VII. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from Bombay Talk, 10 February 1954; Bombay Talk, 20 February 1955. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti)*, vol. VIII. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from Amsterdam Talk, 19 May 1955; Amsterdam Talk, 26 May 1955; Ojai Talk, 14 August 1955; Ojai Talk, 21 August 1955; Bombay Talk, 25 March 1956; Bombay Talk, 28 March 1956. *The Collected Works of J.*

Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti), vol. IX. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Questions and Answers from Hamburg Talk, 15 September 1956; New Delhi Talk, 10 October 1956. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti),* vol. X. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Question and Answer from Saanen Talk, 19 July 1966. *The Collected Works of J. Krishnamurti (Obras Reunidas de J. Krishnamurti),* vol. XVI. © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

"Problems and Escapes", "Obsession", "Security", "Anger" and "Self-esteem". *Commentaries on Living (Comentários sobre o Viver).* © 1956 Krishnamurti Foundation of America.

"Conditioning" and "The Storm in the Mind". *Commentaries on Living, Second Series (Comentários sobre o Viver, Segunda Série),* © 1958 Krishnamurti Foundation of America.

"Enlightenment" (Chapter 7). *Conversations (Conversações).* © 1970 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Why is There this Sorrow of Death?" (Chapter 4). *The Only Revolution (A Única Revolução).* © 1970 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Is there a God?", "Suffering", "The Religious Life". *The Urgency of Change (A Urgência da Mudança).* © 1970 Krishnamurti Foundation Trust. Ltd.

"On the True Denial". *Krishnamurti on Education (Krishnamurti Sobre a Educação).* © 1974 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"A Benediction of Great Holiness" (Pages 136-137). *Krishnamurti's Notebook (Diário de Krishnamurti).* © 1976 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"A Feeling for All Living Things" (Pages 9-10), "What is the Future of Mankind?" (Pages 45-49). *Krishnamurti to Himself (Krishnamurti por Ele Mesmo).* © 1987 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

"Insight into the Working of the Self" (Pages 59-61). *Letters to the Schools (Cartas às Escolas).* © 1981 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

Question and Answer. *Meeting Life (Encontrando a Vida).* © 1993 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

JIDDU KRISHNAMURTI (1895-1986) nasceu em Madanapalle, Andhra Pradesh, Índia. Quando ainda jovem, foi "descoberto" pelos líderes da Sociedade Teosófica, que o anunciaram como sendo o futuro instrutor da humanidade. Entretanto, em 1929, ele desfez a enorme organização que havia sido construída ao seu redor e declarou que sua intenção não era fundar novas religiões, mas "tornar o homem absoluta e incondicionalmente livre". Desde então, por mais de meio século, ele viajou incessantemente ao redor do mundo dando palestras e mantendo diálogos, não como guru, mas como amante da verdade. Seus ensinamentos estão disponíveis numa extensa coleção de livros, muitos publicados pelas Editoras Pensamento e Cultrix.

Peça catálogo gratuito à
EDITORA CULTRIX
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – Ipiranga
04270-000 – São Paulo, SP

E-mail: pensamento@cultrix.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br